A CIBERPESQUISA EM EDUCAÇÃO

Autorias e inspirações teórico-metodológicas do GPDOC

Grupo de Pesquisa Docência e Cibercultura

2ª EDIÇÃO



Mirian Maia do Amaral

Pedro & João editores

A Ciberpesquisa em Educação

Autorias e inspirações teórico-metodológicas
do Grupo de Pesquisa Docência e
Cibercultura - GPDOC

2ª edição

Pedro & João
editores

Mirian Maia do Amaral

A Ciberpesquisa em Educação

Autorias e inspirações teórico-metodológicas do Grupo de Pesquisa Docência e Cibercultura - GPDOC

2ª edição

Pedro & João editores

Copyright © Mirian Maia do Amaral

Todos os direitos garantidos. Qualquer parte desta obra pode ser reproduzida, transmitida ou arquivada desde que levados em conta os direitos da autora.

Mirian Maia do Amaral

A Ciberpesquisa em Educação: autorias e inspirações teórico-metodológicas do Grupo de Pesquisa Docência e Cibercultura - GPDOC. 2ª ed. São Carlos: Pedro & João Editores, 2025. 217 p. 16 x 23 cm.

ISBN: 978-65-265-1351-4 [Impresso 1ª ed.]
978-65-265-1353-8 [Digital 1ª ed.]
978-65-265-2328-5 [Impresso 2ª ed.]
978-65-265-2329-2 [Digital 2ª ed.]

1. Pesquisa em Educação. 2. Tecnologias Digitais em Rede. 3. Grupo de Pesquisa Docência e Cibercultura- GPDOC. 4. Metodologia Científica. I. Título.

CDD – 370

Capa: Priscila Paula com finalização técnica de Luidi Belga Ignacio
Ilustrações: Priscila Paula
Ficha Catalográfica: Hélio Márcio Pajeú – CRB - 8-8828
Diagramação: Diany Akiko Lee
Editores: Pedro Amaro de Moura Brito & João Rodrigo de Moura Brito

Conselho Editorial da Pedro & João Editores:
Augusto Ponzio (Bari/Itália); João Wanderley Geraldi (Unicamp/Brasil); Hélio Márcio Pajeú (UFPE/Brasil); Maria Isabel de Moura (UFSCar/Brasil); Maria da Piedade Resende da Costa (UFSCar/Brasil); Valdemir Miotello (UFSCar/Brasil); Ana Cláudia Bortolozzi (UNESP/Bauru/Brasil); Mariangela Lima de Almeida (UFES/Brasil); José Kuiava (UNIOESTE/Brasil); Marisol Barenco de Mello (UFF/Brasil); Camila Caracelli Scherma (UFFS/Brasil); Luís Fernando Soares Zuin (USP/Brasil); Ana Patricia da Silva (UERJ/Brasil).



Pedro & João Editores
www.pedroejoaoeditores.com.br
13568-878 – São Carlos – SP
2025

Aos meus amores,

Um dia, deste dia só restarão recordações vagas e distantes.
Mas sei que a cada vitória que esta carreira me proporcionar,
vocês estarão, por detrás dela, como estiveram ao meu lado
ao longo da minha VIDA.

Esta obra, resultante de uma polifonia de vozes que a tornaram uma produção coletiva, envolve um conjunto de saberes, relações de amizade e afetos, postos em prática, ao longo do tempo, e guardados em minha memória e coração.

OBRIGADA a todos vocês, companheiros de caminhada, pelo prazer da convivência, pela palavra amiga e pelo incentivo de sempre.

Como docente-pesquisadora o que mais poderia expressar, neste livro, senão meu encontro com o mundo?

SUMÁRIO

PREFÁCIO **11**

APRESENTAÇÃO **17**

ENTRANDO EM CENA **25**

1. PESQUISA ACADÊMICO-CIENTÍFICA, EDUCAÇÃO UNIVERSITÁRIA E FORMAÇÃO **31**

1.1 Construindo 'fazeressaberes' e processos de formação ***37***

1.1.1 Do Projeto de Pesquisa: fase decisória 38

1.1.2 Da execução da pesquisa: fase construtiva 51

1.1.3 Do relatório de pesquisa: fase redacional 60

1.1.4 Das noções subsunçoras: a busca de '*sentidossignificações*' no processo de investigação científica 70

1.2 Estrutura redacional de dissertações e teses **73**

2. GRUPO DE PESQUISA DOCÊNCIA E CIBERCULTURA (GPDOC): UM 'ESPAÇOTEMPO' DE VIDA E FORMAÇÃO **77**

2.1 Os desafios da orientação na pós-graduação stricto sensu ***84***

2.2 A andarilha das cidades - uma referência de vida e formação ***86***

3. EDUCAR NA CIBERCULTURA: A EDUCAÇÃO *ONLINE* AGREGANDO VALOR À FORMAÇÃO DE PROFESSORES **91**

3.1 Do Ensino Remoto Emergencial (ERE) à Educação Online (EoL): percalços e descobertas ***110***

3.2 Docência online como campo da pesquisa-formação ***118***

4. INVENÇÕES E DESCOBERTAS COTIDIANAS: CONSTRUCTOS E DISPOSITIVOS DE PESQUISA **127**
4.1 Docência Online Baseada em Fóruns ***130***
4.2 Geração Tombamento ***138***
4.3 Digital Storytelling ***142***
4.4 Pedagogia da Hipermobilidade ***146***
4.5 Transmídia Feminista Antirracista ***150***
4.6 Formação de Formadores ***155***
4.7 Pesquisa-design Formação ***158***
4.8 Currículo CiberQueer ***162***
4.9 Checagem de Notícias Falsas (Fact Checking) ***165***
4.10 Pedagogia Descapacitista Online ***168***
4.11 Direitos Sexuais e Reprodutivos na Cibercultura ***170***
4.12 Cinema Multirrefencial na Cibercultura ***176***
4.13 Redes de Criação de Docentes Universitárias ***178***

UMA PALAVRA FINAL **181**

LEITURAS RECOMENDADAS **185**

REFERÊNCIAS **193**

COMO CITAR ESTA OBRA **204**

Apêndice A - Mestrado/UERJ 206
Apêndice B - Doutorado/UERJ 208
Apêndice C - Pós-doutorado/UERJ 210
Apêndice D - Mestrado – GPDOC/UFRRJ 212
Apêndice E - Doutorado - GPDOC/UFRRJ 213
Apêndice F - Pós-doutorado – GPDOC/UFRRJ 214
Apêndice G – Matriz analítica para elaboração do Projeto de Pesquisa 216
Apêndice H - Formulário Mapa semântico 217


PREFÁCIO

PREFÁCIO

É com alegria e imenso orgulho que escrevo este Prefácio para a obra autoral de Mirian Amaral, forjada no, com e pelo GPDOC – Grupo de Pesquisa Docência e Cibercultura, coletivo por mim criado e líderado há quase 18 anos, e do qual a autora se faz membro há cerca de 15 anos. Estamos ficando adultos.

Os motivos são plurais, mas é em nome da nossa história de vida e formação que justifico aqui a minha alegria.

O GPDOC nasceu em 2007 na UERJ – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, na Faculdade de Educação, como um grupo de estudos. Dois anos depois, após a minha entrada para o PROPED – Programa de Pós-graduação em Educação, tornou-se grupo de pesquisa cadastrado no Diretório do CNPq. Formamos mestres, doutores, pós-doutores no e para o exercício da educação em nosso tempo. Com vida ativa na UERJ até 2018, ano que ingressei como professora titular livre na UFRRJ – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, o GPDOC segue ativo no PPGEDUC /UFRRJ – Programa de Pós-graduação em Educação e Demandas Populares. E Mirian Amaral segue conosco, numa linda e fecunda parceria, colaboração e muita autoria.

Mirian Amaral é uma pesquisadora bastante experiente, e uma incansável aprendiz. Aprende e ensina, pesquisa e orienta com GPDOC e grupos polinizados, deixando sua marca na tessitura de novos conhecimentos. Muitas vezes, assume um "não sei", "quero aprender", "o que acham disso tudo?" – uma demonstração de coragem e humildade. Um privilégio para todos nós!

Nossa autora tem vasta experiência como docente, na educação básica, especialmente como alfabetizadora. Passou e atua também pela e na Educação Universitária e na Educação Corporativa, formando profissionais nas mais variadas redes educativas. É referência no campo da "Autoria docente e discente na cibercultura", tema que desenvolveu com maestria em seu

doutoramento e ao longo de sua vida e formação como doutora em Educação.

Conheci Mirian na UNESA – Universidade Estácio de Sá, mais precisamente no Programa de Pós-graduação em Educação. Nos encontrávamos em eventos científicos, defesas e em diferentes atividades acadêmicas, científicas e culturais na cidade do Rio de Janeiro. Lembro-me que estive como convidada em sua defesa de Dissertação, aprovada com louvor e festa bonita. De lá pra cá, nunca nos separamos. Mirian passou a frequentar o GPDOC, sendo por mim acolhida, inclusive em minhas aulas de graduação e pós-graduação. Sua identificação com nossa autoria individual e coletiva foi imediata, e este livro expressa a sua apropriação livre e autoral de nossa obra. Apropriação feita com bastante honestidade intelectual.

Durante sua pesquisa de campo no doutorado, Mirian atuou em coautoria com Tatiana Rossini, doutoranda à época, na codocência de nossa unidade curricular "Cotidianos escolares" nos Cursos de Licenciatura da UERJ. Essa atividade compôs seu campo de ciberpesquisa-formação durante seu doutoramento, realizado na UNESA, que contou com a minha coorientação informal. Informal, pois nada foi oficializado pelas instituições. Mas na prática, fizemos a parceria acontecer por pura implicação, amizade, acolhimento duplo.

Assim que fui habilitada a supervisionar pós-doutoramentos, Mirian Amaral foi minha primeira pós-doc pelo Proped/UERJ. Oficialmente, foi a nossa primeira parceria. De lá pra cá foram muitos os artigos, seções de livros, aulas, dossiês e coorientações de mestrado e doutorado. Mirian é oficialmente Dra. Pesquisadora do GPDOC/UERJ/UFRRJ.

E, reitero, sempre uma honra e uma alegria cocriar com esta experiente e generosa parceira.

Este livro é fruto de uma história de implicação e autoria. As operações conceituais, proposições didáticas e curriculares, fundamentos e dispositivos de pesquisa-formação na cibercultura são frutos dessa história que tem honestidade intelectual.

Honestidade esta que nos é bastante cara e, lamentavelmente, uma qualidade para raras e raros acadêmicos. Porque a entendemos como obrigação e princípio ético, não deveria ser uma qualidade de poucas pessoas.

Historicamente o GPDOC vem criando e atualizando sua obra em dois recursivos movimentos:

• *Compreender fenômenos da cibercultura*, ou seja, fazemos imersões no universo dos praticantes culturais do nosso tempo. Como eles e elas lançam mão do digital em rede para criar seus etnométodos? Esta é a pergunta que nos move a ir ao encontro dos "jeitos" próprios de fazer cibercultura. Na relação cidade/ ciberespaço, 'nos' e 'com' territórios físicos, informacionais, simbólicos, e também semióticos, vamos tecendo conhecimentos em rede. Fazemos imersões interativas e autorais, buscando inspirações para a criação de nossos próprios dispositivos de ciberpesquisa-formação. Educação *online* para nós é ir ao encontro dos etnométodos, dos campos de pesquisa e seus constructos singulares.

• *Criar, mediar e avaliar currículos na cibercultura*, na medida em que materializamos educação *onli*ne como fenômeno da cibercultura. Mais que usar de forma aplicada o digital na educação, forjamos currículos *online* inspirados na e pela cibercultura. Assim, formamos e nos formamos docentes e pesquisadores. Nossas pesquisas são singulares e autorais. Cada pesquisa cria seu coração, seu dispositivo.

Esse livro consiste em um desdobramento de nossa obra autoral de pesquisa-formação na cibercultura. Portanto, é também do coletivo GPDOC, de grupos polinizados e parceiros, uma vez que cada mestre, doutor e pós-doutor a atualiza. Para além de ser uma homenagem ao GPDOC, esta obra constitui um belo e prático dispositivo para pesquisadores experientes e iniciantes.

Amei a seleção feita por Mirian dos dispositivos e constructos de diferentes membros e egressos de nosso grupo de pesquisa. Nela, a autora nos brinda com capítulos-aula; aulas de como criar e desenvolver projetos de ciberpesquisa-formação.

Com seu jeito próprio de bricolar, temos aqui uma vasta discussão teórica, metodológica e, sobretudo, uma curadoria de dispositivos - inteligências pedagógicas e metodológicas que acionamos com o digital em rede em nossas docências, que contextualizam e dão origem as nossas investigações científicas. Portanto, o coração de qualquer pesquisa-formação na cibercultura.

Mirian comunica o que aprendeu, aprende, ensinou e ensina 'com' e 'no' GPDOC.

Que venham mais e mais autorias!

Obrigada pelo presente lindo, Mirian!
Vida longa para você e sua obra tão feliz.

Praia do Leme, Rio de Janeiro, maio de 2024.

Edméa Santos
Méa
www.edmeasantos.pro.br

APRESENTAÇÃO



APRESENTAÇÃO

Não se escreve por se querer dizer alguma coisa,
escreve-se porque se tem alguma coisa para dizer.
Scott Fitzgerald (1896 - 1940)

A escrita dessa obra é fruto da provocação de Edméa Santos[1], professora titular livre do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – UFRRJ, e líder do Grupo de Pesquisa Cibercultura e Docência – GPDOC, a partir do meu desejo de reunir as produções desse Grupo, referentes a Dissertações de Mestrado, Teses de Doutorado e Relatórios de Pós-doutorado, publicados nos últimos 13 anos.

Aceitei esse desafio, entre outras razões, para dar vida às minhas emoções, compartilhando saberes, ideias e pensamentos, que reverberem para além do tempo presente; pelo prazer de escrever; e para (re)afirmar meu compromisso ético-político com uma educação mais aberta, flexível, justa e democrática, que se concretiza em uma ciberpesquisa-formação multirreferencial com os cotidianos, na qual a universidade constitui não apenas um '*espaçotempo*'[2] de produção do conhecimento, responsável pela transmissão de conteúdos e informações, mas, também, o locus de uma formação, que enfatiza as relações e o 'aprender com', de modo dialógico, interativo e colaborativo.

Sob esse olhar, as pesquisas realizadas pelos membros do GPDOC, entendidas como criação, inventividade e descoberta, valorizam a experiência e o vivido, e fazem emergir a história

[1] Currículo vitae. Disponível em: http://lattes.cnpq.br/4023554724278836. Acesso em: 03 nov. 2023.

[2] [...] preferimos escrever juntas, em itálico e entre aspas simples, as palavras que aprendemos dicotomizadas pelos modos homogêneos de pensar e escrever. Dessa forma, demonstramos os limites de uma maneira de pensar herdada, e indicamos que podemos criar outros modos de 'práticasteorias' (Alves, 2019, p. 15-16).

cultural da educação universitária, levando em conta condições locais, contextuais, socioculturais, sociotécnicas e existenciais. Isso se constituiu de fundamental importância, particularmente, nesses últimos anos, em que fomos atravessados pela pandemia do novo Coronavírus e suas variantes, e pelo negacionismo de governos corruptos e incompetentes, sempre prontos a ameaçar as instituições democráticas, especialmente, as universidades públicas mais populares, que sofrem com cortes orçamentários, com a precarização do ensino, e com a ameaça de privatização.

Compreendo a escrita como um ato de amor, uma forma de desnudar a própria alma, contar e cantar a vida que flui, de forma dinâmica, independentemente de raça, gênero ou classe social, como nos ensina Carolina Maria de Jesus[3]. Mas, escrever é, também, domar a angústia; é ato de insubordinação que nos move a inventar modos de fazer, ser e estar no mundo, marcando, a ferro e a fogo, nossas digitais, como forma de perpetuar nossas memórias; o que demanda CORAGEM**.**

Com efeito, dois sentimentos me movem a escrever essa obra: o primeiro, de gratidão pela oportunidade de aprender com um grupo tão implicado e criativo, cujos estudos têm como pilar a pesquisa-formação na cibercultura, e que aposta no poder transformador da educação; o segundo, por acreditar na potencialidade das narrativas como força maior de expressão da vida, sempre presentes em nossas pesquisas, que têm os cotidianos como epicentro das práticas pedagógicas, nos quais, como pesquisadores implicados, enredamo-nos, transformando aqueles que lá se encontram, ao mesmo tempo em que somos por eles transformados.

Com esse olhar, quero compartilhar inventividades, rupturas e permanências que caracterizam os percursos de nossas pesquisas, convidando-os a 'mergulharem' nessa polifonia textual, imagética e sonora, bem como no caleidoscópio de experiências

[3] Escritora brasileira, autora da obra "Quarto de despejo: diário de uma favelada", publicado em 1960.

'*docentesdiscentes*', aqui relatadas, nas quais conversas e narrativas se entrecruzam no movimento '*práticateoriaprática*', fazendo emergir categorias analíticas, plenas de '*sentidossignificações'*.

Como uma '*aventura pensada*', caros leitores, tomo por empréstimo alguns versos de autoria de Oswaldo Montenegro, na canção *Me ensina a escrever*[4], dado que "[...] eu quero inventar dicionários, palavras que possam tecer" uma rede de conhecimentos que expressem não verdades absolutas, mas possibilidades de mudanças, explorando outros modos de *'fazersabersentir'*. Com essa intencionalidade, o livro é organizado em quatro capítulos.

Inicialmente, na seção 1, **Pesquisa Acadêmico-científica, Educação Universitária e Formação,** faço algumas considerações acerca da pesquisa científica, como uma especificidade vinculada à universidade, sua história e cultura acadêmico-científica, entendendo-a, como descoberta/criação/inventividade, um ato de currículo que se dá a partir de propostas curriculantes de gestores, professores e estudantes, ao produzirem seus saberes, seja nos seminários, nas aulas, ou nos grupos de pesquisa de que participam.

Em seguida, na seção 2, sob o título **Grupo de Pesquisa Docência e Cibercultura (**G**PDOC)**: '*espaçotempo*' de vida e formação, apresento a constituição de nosso grupo de pesquisa, sua finalidade e os princípios que lhe dão sustentação. Nesse contexto, faço alguns comentários sobre as dores e as delícias de ser orientador na pós-graduação *stricto sensu*, e ressalto algumas características da criadora e líder de nosso grupo, profª. Edméa dos Santos - caminhante das cidades, na busca por ampliar os seus/nossos repertórios, incentivando-nos a voos mais altos e mergulhos mais profundos, pois a realização de uma pesquisa pressupõe intensidade, assim como a vida.

[4] Disponível em: https://www.letras.mus.br/oswaldo-montenegro/me-ensina-a-escrever/. Acesso em: 14 ago. 2021.

Na seção 3, **Educar na Cibercultura:** a Educação *Online* Agregando Valor à Formação de Professores, enfatizo a necessidade de repensar a formação dos professores e as práticas desenvolvidas nesses '*espaçostempos'*, tendo a educação *online* como elemento agregador de valor à formação desses atores. Procuro, ainda, trabalhar a noção de redes educativas, que privilegiam trocas e fluxos de informações e recursos, entre os 'praticantes culturais'[5], de forma colaborativa e interativa, orientadas por um propósito comum: o aprendizado.

Intitulado **Invenções e Descobertas Cotidianas:** Constructos, Dispositivos e Achados, na seção 4, destaco partes de algumas dissertações, teses e relatórios de pesquisa desenvolvidos pelos mestrandos, doutorandos e pós-doutorandos, respectivamente, ressaltando seus constructos, objetivos, processos, dispositivos de pesquisa, descobertas e produtos.

Dando continuidade, vocês irão encontrar uma lista de **Obras Recomendadas para Leitura,** seguida da indicação de **Como citar esse livro.**

Nas **REFERÊNCIAS**, listo todas as publicações efetivamente consultadas e mencionadas no corpo dessa obra.

Finalmente, nos **APÊNDICES,** consta a listagem de dissertações, teses e relatórios de pesquisa dos orientandos do GPDOC- UERJ/UFRRJ, ao longo desses 13 anos.

Desde já, assumo que, sempre que exibo minha arte, escritos, fotos e ideias/pensamentos ao mundo, sem garantia de aceitação ou apreciação, experimento certa sensação de vulnerabilidade. No entanto, enfatizo, essa é uma obra aberta aos acontecimentos, sujeita a revisões e complementações, e tudo nela está em movimento na práxis formativa.

[5] São sujeitos implicados com a pesquisa, "que realizam uma prática com determinado grupo, envolvendose com certo sentimento de identidade coletiva ao se relacionarem com os outros, por meio de um padrão de sociabilidade que os une" (Santos, E., 2014; 2019).

Com efeito, esta segunda edição não nasce de uma demanda mercadológica, mas de uma escuta atenta aos movimentos do tempo, da pesquisa e da própria autora. Desde a primeira publicação, muitos desdobramentos teóricos, políticos e afetivos atravessaram o campo da docência e da cibercultura, exigindo revisitações, atualizações e reinvenções.

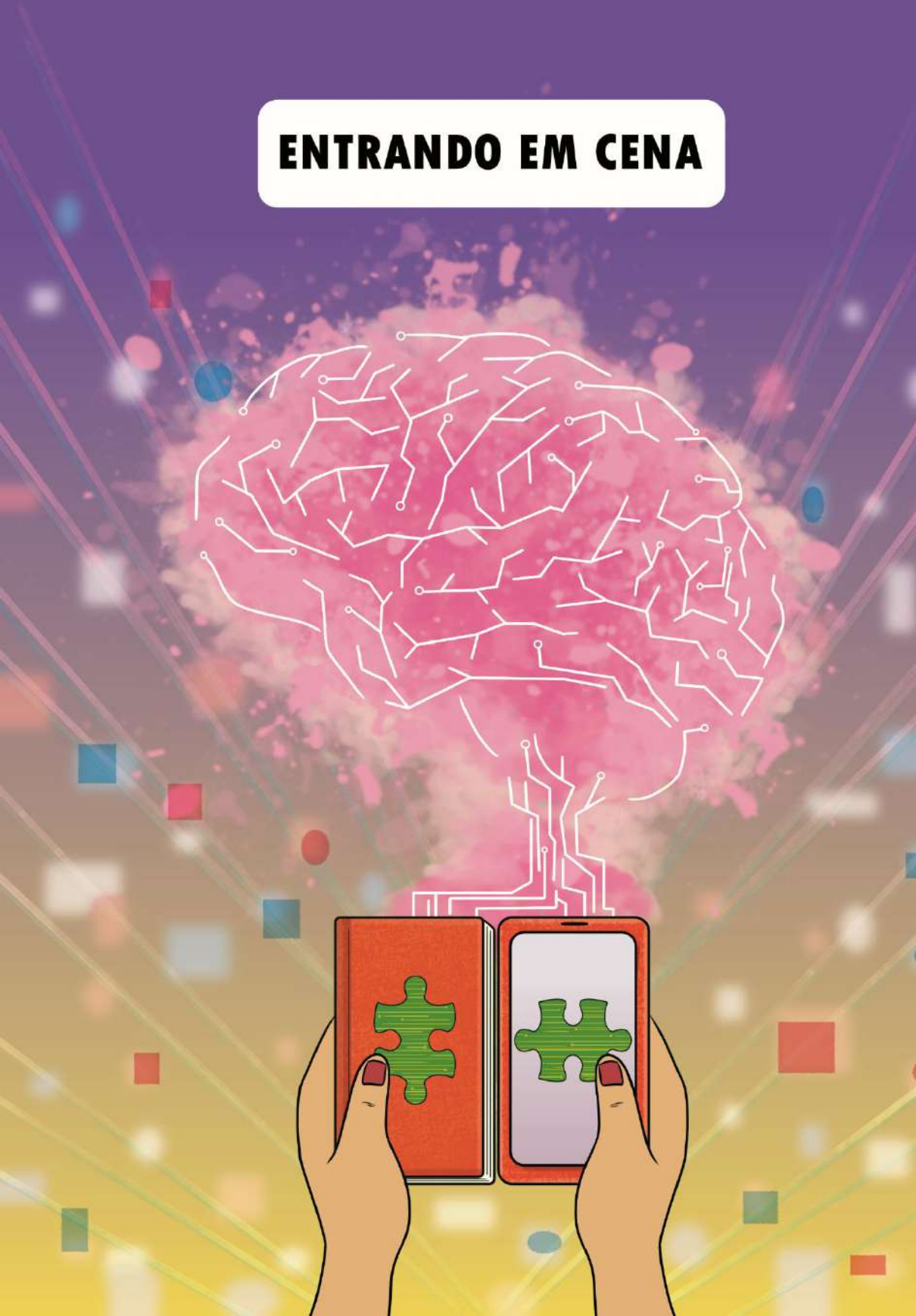
Nessa perspectiva, tomando como inspiração a obra de Nêgo Bispo "A terra dá, a terra quer" (2021), essa obra retorna a você, leitor, como quem retorna ao chão - não para repetir, mas para reexistir. Algumas seções foram ampliadas, outras reformuladas, e olhares se somam ao rizoma que essa escrita propõe. Trata-se de um gesto de cuidado com o pensamento, com os cotidianos que nos atravessam, e com vocês que seguem semeando perguntas.

Que esta nova edição possa continuar sendo território fértil para rememorar, resistir e reinventar.

Portanto, aventurem-se! Mergulhem nessas páginas. Conheçam nossos trabalhos e inspirações, mas não deixem de apreciar o entorno e a vida que flui, de forma intensa e veloz.

Boa leitura!

ENTRANDO EM CENA



ENTRANDO EM CENA

Vivemos tempos contemporâneos - tempos efervescentes, instáveis e obscuros, plenos de turbulências, aparentemente fugazes e superficiais, que afetam as noções de história, memória e pertencimento. Nesse contexto, é preciso que aprendamos a lidar com a incerteza, com o acontecimento e com o irreversível das ações humanas; o que demanda experenciarmos o desconforto, deixar-nos contagiar pelo prazer da descoberta, direcionando nosso foco para além das luzes que insistem em ofuscar nossa visão, a fim de tornar visível aquilo que não tem visibilidade, pois todos os tempos são obscuros para quem deles experimenta o contemporâneo.

Marcada pela conectividade e pela mobilidade ubíqua, a cibercultura - cultura contemporânea, mediada pelo digital em rede, em interação com a cidade e o ciberespaço (Santos, E., 2019), instaura novas lógicas e práticas socioculturais. Novos atores, humanos ou não, emergem, espalhando seus rastros nas redes, modificando toda uma sociedade e sendo por ela modificados. Nesse contexto, um horizonte de oportunidades se vislumbra - o que nos permite dialogar, interagir, colaborar e compartilhar nossas ideias e produções - além de experenciar diversos aplicativos e múltiplas linguagens.

No entanto, esse mesmo *'espaçotempo'* de possibilidades nos coloca frente a situações que nos desafiam, decorrentes da emergência de alguns fenômenos, como: a desinformação, as *fake news*, a proliferação do discurso do ódio, a governamentalidade algorítmica; a venda de dados, a *deep e a face web*, a cultura do cancelamento, as teorias da conspiração, entre outros, que demandam, de nossa parte, atenção redobrada.

Tais fenômenos, que atravessam nossos cotidianos, não podem ser ignorados, sob pena de nos perdermos em meio a tantas informações desencontradas que nos chegam como um *tsunami*,

(re)alimentadas pelas próprias redes que as produzem (bolhas, ou bolhas filtradas), e que se fortalecem, isoladas por algoritmos diversos. Como afirma Santaella (2018, p. 11-12),

> […] tudo que se posta e compartilha nas redes sociais é também engolido pelos algoritmos de captura do perfil do usuário. (...) compromete a privacidade e limita a visão de mundo do usuário, estreitando seus horizontes.

Se o ciberespaço, como suporte à "inteligência coletiva" determina o seu próprio desenvolvimento, como afirma Lévy (1999), como '*docentespesquisadores*' precisamos refletir sobre a relação da sociedade com as tecnologias digitais em rede, para melhor compreender os processos inerentes ao ato de pesquisar, no qual, além dos saberes preexistentes, estratégias pedagógicas e outros saberes se revelam, na troca e na partilha de *'sentidossignificações'* entre todos os envolvidos (coletividade).

Desse modo, entendemos a pesquisa sob um viés curricular formacional, aberto e flexível; um '*fazersaber*' experencial, singular e (in)tensamente relacional, que busca assegurar a qualidade de nossas investigações e da formação, mediante um rigor *outro* sustentado em nossa "capacidade sociotécnica, competência científica, política, ética, cultural e estética" (Macedo, 2020, p. 16).

Contrapomo-nos, desse modo, à concepção burocrática, prescritiva e producionista, presente nos currículos universitários, a fim de que esse olhar plural, sensível e renovado possibilite a construção de um lugar de resistência, que possa demarcar memórias contemporâneas, refletindo "sobre o que é posto, discutindo a vida que arde em diferentes '*espaçostempos'*, e registrando essas memórias que jamais serão apagadas" (Amaral, 2014, p. 87*).*

Desse modo, apresento, nesta obra, algumas reflexões e argumentações sobre a pesquisa acadêmico-científica na pós-gradução *stricto sensu*, fundamentadas em posicionamentos acerca da educação universitária na atualidade, mediada pelo digital em

rede, ressaltando que este não é um livro de auto-ajuda, ainda que minha expectativa é a de que lhes seja de alta ajuda. Também não tenho a intenção de apresentar um Manual repleto de regras de como fazer isso ou aquilo, recomendar métodos, ou simplesmente divulgar o que é produzido, em pesquisas realizadas por mestrandos, doutorandos e pós- doutorandos de nosso grupo de pesquisa - o GPDOC. Isso deve ser concretizado na relação com seus orientadores; ações extremamente importantes e indispensáveis.

Proponho-me a conversar com vocês, leitores, sobre a escrita da pesquisa, desde o momento em que ela começa a ser germinada, percorrendo diferentes caminhos até encontrar o outro. Sim, porque o ato de escrever, não importa o seu conteúdo, nasce em nosso interior, trava embates com nossos medos, desejos e anseios, para depois ganhar o mundo.

Na medida em que, carregados de alma, esses escritos conversem com vocês, meu propósito é, também, pedagógico: divulgar e fazer circular nossos *'fazeressaberes'* para além de nossos pares e especialistas da área, com vistas a possibilitar o diálogo com diferentes públicos.

PESQUISA ACADÊMICO-CIENTÍFICA, EDUCAÇÃO UNIVERSITÁRIA E FORMAÇÃO



1. PESQUISA ACADÊMICO-CIENTÍFICA, EDUCAÇÃO UNIVERSITÁRIA E FORMAÇÃO

Na sociedade contemporânea, o conhecimento ganha relevo, e os indivíduos são cada vez mais requeridos por sua capacidade de criar, multiplicar e utilizar, de forma eficaz, seus saberes, habilidades e experiências. Nessa perspectiva, ser criativo, usar a informação, de modo adequado, compartilhar resultados e, principalmente, conscientizar- se de que o seu bem de capital é o intelecto, demanda, de sua parte, um permanente estado de alerta em relação as suas competências, pois essas só representam um capital significativo se estiverem alinhadas às transformações que a realidade impõe.

> [...] Em um mundo de crescente complexidade, a necessidade de ser 'um eterno aprendiz' constitui, hoje, o maior desafio a ser enfrentado, pois exige flexibilidade, inteligência, questionamento permanente de premissas, de modos de pensar, e o conviver com a tradição e a modernidade, suas características e contradições (Fleury, A.; Fleury, M.T., 2000).

Não há dúvidas de que processos criativos, em geral, podem nos ensinar - e muito, a pesquisar. Aprendemos com os artistas que arte, pensamento e vida não se separam, e que um texto científico pode apresentar vitalidade e beleza estética. Como nos ensina Adélia Prado,[6] com sua linguagem despojada e direta, ao retratar a realidade sob o olhar 'feminino', tanto na vida cotidiana, quanto na pesquisa acadêmico-científica, é fundamental a atenção aos detalhes, à simplicidade e ao mágico que pode surgir nas práticas mais usuais.

---

[6] Poetisa brasileira, professora, filósofa, romancista e contista, ligada ao Modernismo. Considerada a maior poetisa viva do Brasil, e uma das maiores de todos os tempos.

Nessa perspectiva, podemos afirmar que o pesquisador em educação é alguém interessado em 'falar desse mundo'; especialmente, falar do outro, a partir de um compromisso ético, o que torna esses estudos mais interessantes e belos; ética e estética, portanto, devem caminhar, juntas, de mãos dadas.

Desse modo, o 'olhar científico' nos ajuda a compreender que a pesquisa não se limita a certos procedimentos metodológicos, mas exige organização, disciplina, criatividade e simplicidade, num confronto permanente entre o possível e o impossível, em busca do 'inédito viável'[7]; entre o conhecimento e a ignorância (Goldemberg, 2015).

Discutir o papel da pesquisa acadêmico-científica demanda das universidades reconhecerem a necessidade de uma análise criteriosa sobre suas reais possibilidades de comunicação e sua importância na tecitura do conhecimento em rede, o que exige considerar o relacionamento entre os saberes acadêmicos por elas desenvolvidos e os desafios contemporâneos, que são complexos, multidimensionais, globais, planetários e transdisciplinares. Sob esse olhar, qualquer reflexão acerca do processo de '*aprenderensinar*' deve levar em conta que a "aptidão para contextualizar e integrar é uma qualidade fundamental da mente humana, que precisa ser desenvolvida e não atrofiada" (Morin, 2003, p. 16).

Nessa ótica compreendemos a pesquisa como um ato de busca que possibilita que nos apropriemos do desconhecido, atualizando-nos em face dos acontecimentos/contingências que atravessam nossos cotidianos; o que implica refletirmos acerca de nossos modos de fazer, ser e estar no mundo.

Ao se referir à pesquisa, na vida acadêmica, Pádua (1988, p. 149) assim se expressa:

[7] Consiste na possibilidade da ocorrência de algo que ainda não aconteceu. Dessa possibilidade decorre uma posição utópica que se opõe à visão fatalista da realidade, o que exige implicação e um posicionamento diante do mundo, visto que a realidade não é, mas está sendo e,portanto, pode ser transformada (Freire, 2014).

> [...] o termo 'pesquisa' tem designado uma ampla variedade de atividades desde a coleta de dados para realização de seminários à realização de pastas-arquivo com recortes de jornais e revistas sobre um assunto escolhido pelo professor, ou mesmo uma forma de resumo, coleta indiscriminada de trechos de vários autores sobre um determinado tema, resultando numa 'colcha de retalhos' praticamente inútil ao processo de aprendizagem.

Se assim o é, como ressignificar tais práticas e, ao mesmo tempo, fugirmos dos modelos homogeneizantes e engessados preconizados pela ciência moderna, que ignoram desigualdades, diferenças, ambiguidades e ambivalências, presentes em nossa realidade?

Bem sabemos que a formação 'com e 'para' a pesquisa, afasta-se de modelos acadêmicos comumente chamados científicos, dada a necessidade de o pesquisador: (i) exercitar o diálogo com o outro, com os objetos e, consigo mesmo; (ii) questionar, trazer informações significativas e relevantes para si e para o grupo social ao qual pertence; e (iii) ousar interrogar o contexto social que lhe cerca e a si próprio, na busca de respostas para suas inquietações.

Desse modo, ressaltamos que teoria e método são dois componentes indispensáveis ao conhecimento complexo. Uma teoria constitui a possibilidade de tratar um problema, e só realiza seu papel cognitivo, só ganha vida com o pleno emprego da atividade mental do sujeito. "É essa intervenção do sujeito que dá ao termo ***método*** seu papel indispensável" (Morin, 2005, p. 335) [***grifo do autor***].

Em seu sentido original, o termo método significa caminho para atingir algo. Em se tratando de conhecimento - caminho para se chegar ao conhecimento de algo. No entanto, Morin (*idem*) se contrapõe a essa ideia, por entendê-la simplificadora e reducionista do real, propondo-se sair em busca do método, pois como afirma, 'o método se faz caminhando'.

Nessa mesma direção, Rubem Alves[8], citado por Naves (2015, p. 2), nega-se a entender o método como o caminho que as ideias devem seguir, tal como soldados em parada militar. O autor enfatiza que, em seu processo de escrita, "suas ideias não marcham - dançam, pelo fato de estórias, poemas e músicas pertencerem à classe das entidades semelhantes às nuvens que, em sendo livres, não se deixam prender".

A exemplo das nuvens que vivem a liberdade, em nossos estudos, primamos por um rigor *outro*[9], rejeitando a ideia de uma 'história única'. Reconhecemos a existência de diferentes métodos de pesquisa, ainda que defendamos que, na área de educação, a escolha do método deva considerar suas singularidades. Assim, o caráter qualitativo da pesquisa se deve ao fato de existir uma relação de interdependência entre a objetividade do mundo e a subjetividade do pesquisador, que se envolve diretamente com a realidade estudada.

Como dispositivo curriculante, a pesquisa atua numa perspectiva de devir, podendo provocar mudanças, deslocamentos, interferências, protagonismos, além de criar intensidades, mobilizações, olhares *outros*, práticas *outras*. Nesse fluxo, a formação acontece mediante processos de: (a) *autoformação* - capacidade de o indivíduo aprender consigo mesmo, fundante na pós-graduação, em face da necessidade de um alto e complexo grau de autonomia exigida por essa experiência; (b) *heteroformação* - aprender na relação com o outro; o que demanda exercitar o olhar e a escuta sensíveis; (c) *ecoformação* - aprender com os objetos, com a cidade e seus dispositivos, fontes ricas de possibilidades de aprendizagem; (d) *metaformação* - capacidade de

[8] Rubem Alves é considerado um dos principais pedagogos brasileiros da história do Brasil, junto com Paulo Freire, um dos fundadores da Teologia da Libertação e intelectual polivalente nos debates sociais no Brasil. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Rubem_Alves. Acesso em: 06 set. 2021.

[9] Consiste num rigor que leva em consideração, diferenças, desigualdades, ambivalências, ambiguidades bem como a incompletude dos seres, presentes na realidade pesquisada,

olhar para si; para sua própria formação, o que possibilita avaliar itinerâncias e errâncias, e refletir sobre o próprio processo de aprendizagem, fundamental na educação universitária; e (e) *erosformação* (desejo de saber), juntamente com a inteligibilidade institucional da universidade.

Nessas relações que se estabelecem é imperativo que fixemos nosso olhar não apenas na ideia do outro que nos constitui (alteridade), permitindo-nos esbarrar com o que nos é diferente, com aquele(s) que nos desestabiliza(m) com sua ação(ações), com suas idiossincrasias e catarses; enfim, com seus modos de pensar, ser e reagir diante de nós, e que nos modificam (alteração). Assim, esse 'encontro' com o(s) outro(s) possibilita-nos adentrar a 'alma humana' – para que, numa relação dialógica mais ampla, aprendamos a viver juntos, gerenciando nossas diferenças.

Com efeito, os atos de currículo como um sistema aberto ao diálogo (currículo aprendente) e o processo de formação como uma atividade de sujeitos-atores coletivos resultam atividades de alteridades que modificam tanto o pesquisador como o seu entorno formativo. Como nos ensina Macedo (2010), a formação como *práxis* traz em seu bojo a ideia de interformação e de transformação. Nesses termos, a experiência da aprendizagem social e existencialmente formativa, quando orientada por um contexto curricular, torna-se fundamental para compreendermos e mediarmos a formação, fundante no processo educativo.

1.1 Construindo 'fazeressaberes' e processos de formação

Como, anteriormente mencionado, pesquisas fundamentadas em um rigor *outro* exigem que a arte de descobrir e inventar e a formação universitária sejam valoradas e sustentadas em proposições sociotécnicas, éticas, estéticas, políticas e culturais.

Assim como um *Chef* de cozinha para preparar o cardápio precisa definir o tipo de prato a ser oferecido, obter os ingredientes, assegurar-se de que possui os utensílios necessários, cumprir todas as etapas requeridas a esse processo, além do seu

envolvimento com o ato de cozinhar e de suas habilidades técnicas na cozinha, a concretização de uma pesquisa também dependerá do relacionamento de seu autor com o processo de investigação e de sua habilidade para fazer confluir '*espaçostempos*' e pedagogias.

No entanto, reafirmamos, esse processo não é totalmente controlável; depende de um projeto orientador e regras específicas, autonomia de trabalho, disciplina, capacidade de fazer, desfazer e refazer tarefas, investimento em tempo e em energia, criatividade, imaginação, superação de dificuldades, entre outros.

Nessa perspectiva, como forma de respaldar nossas ideias e propostas, apresentamos algumas recomendações constitutivas de uma pesquisa acadêmico-científica, cujo desenvolvimento compreende três fases distintas: decisória, construtiva e redacional.

1.1.1 Do Projeto de Pesquisa: fase decisória

O Projeto de Pesquisa constitui a fase decisória, na qual o pesquisador reflete sobre o que pretende pesquisar, e elabora um plano detalhado de investigação para orientá-lo na direção do objetivo proposto.

Muitos são os modelos oferecidos na literatura para elaboração de um projeto de pesquisa, mas suas escolhas dependem do objeto a ser pesquisado, do tipo de pesquisa escolhida e da visão de mundo do pesquisador, entre outros. No entanto, ainda que haja variação nos conteúdos apresentados, há certos elementos que não podem estar ausentes nesses projetos, como por exemplo: título, autoria, introdução, metodologia, referencial teórico e referências, apesar das diferenças entre eles.

Sua construção, além de requerer clareza, coerência, concisão e consistência (4 Cs), trabalha com o devir, experenciando incertezas, insuficiências e incompletudes, sem perder de vista o compromisso com a pertinência e a relevância de sua problemática e da elaboração de seu constructo. É nesse processo que a experiência da heteroformação e da ecoformação possibilita maior densidade e refinamento de nossas capacidades de teorizar e

analisar informações e compreensões, na busca por uma pesquisa de qualidade.

Um momento sensível para o projeto é a *definição do campo* de pesquisa - '*espaçotempo*' pleno de pessoas, ações, realizações, surpresas e acontecimentos fecundos e desafiadores. Apesar de propício ao diálogo, o campo não está a nossa espera; ele nos olha, nos sente, nos interroga, nos interpreta, desafiando-nos e criando pontos de vista a nosso respeito; identifica-nos e nos altera ao interagir conosco. Assim, na medida em que o comportamento das pessoas influencia eventos contextuais, e é por eles influenciado, é preciso um olhar mais amplo, sistêmico e ecológico (Bronfenbrenner, 1996) para essa ambiência, dado que os sujeitos são agentes dinâmicos do ambiente e, por meio de interações com os elementos demográficos, físico-naturais, sociais e culturais que o constituem, constroem diferentes realidades. Isso exige preparação prévia para adentrar esses ambientes, além de uma relação criterizada e qualificada com os sujeitos da pesquisa.

A *escolha do tema* de pesquisa, primeiro passo na construção de um projeto, costuma assustar muita gente! Entre tantos temas passíveis de estudo na área de Educação e a diversidade das experiências profissionais acumuladas pelos pesquisadores, quais os mais adequados? Qual deve ser eleito, em cada caso? Todos parecem ser bons e desafiadores!

Vejamos. O tema pode se referir a um assunto sobre o qual se tenha alguma experiência profissional, de modo a aprofundar e desenvolver o conhecimento, o que possibilita o aumento da empregabilidade específica; ou, ainda, ir em direção a algo novo sobre o qual se pretenda aprender com o processo de elaboração, mediante estudo e pesquisa, com vistas à melhoria do desempenho - o que, provavelmente, aumenta a empregabilidade geral.

Sem que isso seja uma 'escolha de Sofia'[4], é algo que requer uma boa dose de reflexão. Assim, essa decisão deve ser pautada em critérios, como: formação universistária, pertinência, relevância e vinculação com a área de concentração do curso pleiteado, além do desejo curioso por parte do pesquisador.

Um cuidado a ser tomado quando da explicitação de um tema refere-se à clareza em relação aos nossos vínculos com o assunto, para evitarmos a sobreimplicação, sob pena de transformar implicação em militância, prejudicando o estudo, como alerta Macedo (2020).

É recomendável que a referida escolha atenda, simultaneamente, a três quesitos:

(i) viabilidade, em termos de recursos materiais e intelectuais relacionados às evidências empíricas, compatíveis com as condições de prazo, custos e potencialidades do pesquisador, a fim de se evitar o risco de a mesma não ser concretizada; (ii) relevância do estudo para a área do conhecimento; e (iii) originalidade, mediante a apresentação de um enfoque diferenciado na releitura de um determinado tema, ou o uso de um método, metodologia ou dispositivo pouco explorado em educação, como expressão do repertório cultural do pesquisador.

A definição de um tema de pesquisa pode se dar por meio de contatos diretos com pessoas ligadas à área de interesse do pesquisador, troca de informações e opiniões com colegas mais experientes e com os professores, debates em grupos de pesquisa e com o orientador, principalmente no caso de dúvidas pontuais, ou de escolha entre diversas opções. Portanto, é fundamental dialogar, tirar dúvidas, trocar ideias, e explicar sua intenção de pesquisa, tendo em vista compor uma intercriticidade fulcral, com vistas ao autoconvencimento e ao convencimento relacional sobre sua importância formativa.

Outro aspecto importante que auxilia a tomada de decisão sobre o que investigar consiste no desejo de saber e de se formar *com* e *pela* pesquisa, pois a alegria, o prazer e a paixão pelo que fazemos mobilizam forças criativas, que não se devem alienar no desejo do outro, pois a aula, a pesquisa e a escrita nos fazem viver, curando-nos, como nos lembra Macedo (2020), quando acentua que "SEM TESÃO, NÃO HÁ CRIAÇÃO!

Desse modo, narramos e escrevemos sobre aquilo que nos implica, que nos toca, seja de ordem social, afetiva, ética, estética

ou polítca, entre outras. Como ressalta Barbier (1992, p. 120), o pesquisador se engaja, pessoal e coletivamente, no ato de pesquisar

> [...] e por sua práxis científica, em função de sua história familiar e libidinal, de suas posições passadas e atual nas relações de produção e de classe, e de seu projeto sociopolítico em ato, de tal modo que o investimento que resulte inevitavelmente de tudo isso seja parte integrante e dinâmica de toda atividade de conhecimento.

A esse respeito, a obra "Como se encontrar na escrita", de Ana Holanda, nos conduz a uma jornada de autoconhecimento, mostrando-nos quem somos como escritores e pessoas.

"Existe um lugar dentro de cada um onde a escrita nasce", afirma a autora, não havendo, portanto, necessidade de receitas prontas para que elas surjam, dado que boas histórias são contadas em todos os lugares. Elas podem brotar dos encontros mais despretensiosos. Escrever não é um ato de magia. A escrita consiste numa construção diária. Só é possível colocar sentimento – ou alma – em nossos textos, quando percebemos a vida ao nosso redor.

Então, para que queimarmos energia, repetindo o já sabido e aprendido, não é mesmo?

Definido o tema/assunto a ser desenvolvido, via pesquisa, é preciso pensar sobre o porquê dessa escolha. O que se pretende investigar, a partir desse tema (isso é, qual é seu problema de pesquisa?). Em que cenário ou contexto esse problema se insere, no âmbito da área de conhecimento a que a pesquisa se vincula?

Mas, atenção! Não se deve confundir *problemática de pesquisa* com o *problema de pesquisa*, ainda que os dois termos consistam em construções que desafiam a compreensão do pesquisador, em termos de conhecimento, diante da realidade a investigar.

A *problemática* consiste no quadro, cenário ou contexto, no qual um problema é percebido pelo pesquisador, no âmbito da área de conhecimento a que se vincula a pesquisa.

O *problema* de pesquisa, por sua vez, estabelece o foco do estudo. Refere-se à questão central que o estudo busca responder. Constitui o ponto de partida de qualquer pesquisa acadêmica ou científica. Deve ser apresentado, preferencialmente, em forma de pergunta; mas pode vir, também, como uma afirmação, não havendo regras rígidas quanto a sua formulação. O importante é que seja bem construído, pois é o ponto central de uma pesquisa.

Sua elaboração demanda considerar que não lidamos com objetos, mas com pessoas, suas ações e realizações, devendo estar vinculado a interesses práticos, ou a uma lacuna ligada a conhecimentos ou metodologias, ou à necessidade de melhor compreender uma situação, entre outras razões.

Da mesma forma, há que se distinguir a noção de *objeto* de pesquisa da *noção* de *constructo* de pesquisa. O primeiro diz respeito à dimensão da realidade a ser pesquisada, ou seja, o fenômeno sobre o qual incide a investigação; o segundo consiste em construções mentais que pesquisadores utilizam para representar a realidade. Para Santos, E. (2019, p. 99), o objeto de pesquisa não consiste em algo a ser atingido, sendo necessário percebê-lo.

> [...] como um ente vivo, que se auto-organiza pela complexidade dos processos instituídos e instituintes em que seres humanos e objetos técnicos se implicam, se transformam e se afetam, produzindo assim modos de ser, de pensar e de viver que vêm desafiando os processos formativos legitimados por uma forma cartesiana, racionalista de conhecer.

Embora distintos, esses conceitos estão interligados e contribuem conjuntamente para a estruturação e desenvolvimento de uma investigação científica. A clareza na definição da problemática, do problema de pesquisa, de seu objeto e do constructo é fundamental para a qualidade e rigor do estudo, influenciando desde a revisão da literatura até a produção e análise dos dados.

O *objetivo geral* corresponde ao resultado almejado com a investigação e responde ao problema de pesquisa; ou seja, reflete aquilo que se quer compreender, devendo ser formulado com clareza, concisão e amplo alcance.

Objetivos específicos, ou questões de estudo, como, por exemplo: analisar, associar, categorizar, classificar, codificar, definir, simular, comparar, redefinir, caracterizar, identificar, propor, mapear, modelar, avaliar, verificar, entre outros, funcionam como roteiros para a pesquisa, e devem contribuir diretamente para o alcance do objetivo geral.

Vejamos, a título de ilustração, como esses elementos foram apresentados, nos exemplos, adiante (Textos 1 e 2).

Texto 1- Problemática, problema, objetivo geral e questões de estudo (1)

Dissertação: **Educação feminista e antirracista na cibercultura: um mapa de narrativas, conflitos e desconstruções** (Michelle Trancoso)

• **Problemática**

Nos últimos tempos, a educação pública brasileira vem sofrendo um processo de desmonte, no qual forças retrógradas e conservadoras ocupam o digital em rede, em busca de apoio popular, promovendo movimentos antidemocráticos, com discursos contra o fim da "doutrinação", ou mesmo propostas de alterações na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e na Reforma do Ensino Médio, além de ataques à pauta de gênero, sexualidade e raça. Nesse contexto, movimentos sociais e, em particular, as universidades, procuram resistir aos poderes instituídos, mediante ações ousadas e inovadoras, em diferentes 'espaçostempos', 'dentrofora' do ambiente escolar, na tentativa de dar mais visibilidade ao seu modo de pensar, ser e fazer educação entendendo que o enfrentamento desses desafios pressupõe investir na formação de sujeitos críticos e reflexivos.

• **Problema**

Como a formação docente pode pensar atos de currículo mediados pelo digital em rede com vistas a uma educação feminista e antirracista?

• **Objetivo geral**

Compreender como as relações interseccionais de gênero, sexualidade e raça se estabelecem no cotidiano de um ciberprojeto de educação feminista antirracista.

• **Questões de estudo:**

➢*Diante dos movimentos antidemocráticos na educação e dos usos que fazem das tecnologias digitais como tentativas de controle e reprodução das relações de poder de que modo a cibercultura amplia o diálogo entre educação e sociedade?*

➢*Em uma organização tática do cotidiano das redes educativas, em contramovimento aos usos estratégicos, de que forma os usos das tecnologias digitais, a partir da mediação docente, expressam e até mesmo promovem os processos de subjetivação?*

➢*Como se estabelecem, no cotidiano da formação docente, as relações interseccionais de gênero.*

Fonte: Trancoso, 2020

Texto 2 – Problemática, problema, objetivo geral e questões de estudo (2)

Tese: **Autorias docente e discente nas redes educativas presenciais e *online* (Mirian Amaral)**

• **Problemática**

Com as tecnologias digitais, a comunicação oral e escrita, a capacidade de reflexão e crítica, e a criatividade ganham relevo, e constituem elementos fundantes para a tecitura do conhecimento em rede. Como a maioria das fontes de informação está presente na Internet aumenta significativamente o acesso ao que nela é produzido – pesquisas, artigos, resenhas, vídeos, entre outros. Com a mesma intensidade, copia se, cada vez mais, devido a pouca eficiência dos mecanismos de controle existentes, que torna tênue a fronteira entre o que é próprio e o que é alheio; portanto, um convite ao sujeito para adentrar nos labirintos hipertextuais e exercitar e difundir sua escrita, ou ainda, apropriar-se de produções textuais de outrem, de forma parcial ou integral, sem que seus autores sejam referenciados; o que tem sido visto como plágio acadêmico. O crescimento dessa prática tem inquietado, sobremaneira, aqueles que se preocupam com a formação profissional e, em particular, com a formação docente, o que demanda a busca de mecanismos que possam coibir ou, pelo menos, minimizar essas práticas.

• **Problema**

Como autorias docente e discente, comprometidas com a produção do sentido, ao mesmo tempo coletivo e singularizante, podem ser potencializadas na produção textual e imagética, com vistas a sua materialização em redes educativas online?

• **Objetivo geral**

Formular indicadores que potencializem e promovam o surgimento de autorias docente e discente, na tecitura do conhecimento em rede.

- Questões de estudo:
  - *Além das orientações presentes no currículo formal, de que outras táticas os professores lançam mão para trabalhar a diversidade cultural e as diferenças, tendo em vista contribuir para a formação identitária de seus estudantes e o desenvolvimento de autorias?*
  - *Que estratégias e práticas educacionais, promovidas e mediadas na interface cidade e ciberespaço, favorecem a vivência da pesquisa em contextos formativos, e a emergência de autorias?*
  - *De que modo (em que situações de aprendizagem) as autorias se materializam a partir das conversas e narrativas dos praticantes culturais, nesses ambientes?*

Fonte: Amaral (2014)

Nesse ponto, ressaltamos a pertinência de que nossas opções epistemológicas e teórico-metodológicas sejam explicitadas já na seção introdutória da pesquisa, ou, de preferência, em uma seção própria, ressaltando como pretendemos projetar e experenciar os dispositivos de produção de informações, compreensões e análises.

Bem sabemos que o paradigma escolhido para o desenvolvimento de uma pesquisa científica determina o método, a metodologia e os procedimentos a serem utilizados. Nessa fase de projeto, que toma como referência a problemática da pesquisa, seu contructo, objetivos e questões de estudo, fundamentamos e projetamos os métodos a serem utilizados. Desse modo, precisamos estar conscientes de que, em face da dinamicidade do próprio campo de estudo e da complexidade do constructo de pesquisa, mudanças poderão ocorrer, o que demanda do pesquisador se organizar, minimamente para uma 'aventura pensada', inspirada em epistemologias mais abertas e flexíveis.

Dado que a educação atravessa e é atravessada pelas ciências humanas e sociais, torna-se fundamental atentar para essas múltiplas perspectivas, reconhecendo suas recorrências e contradições, à medida que os fenômenos educativos vão sendo apreendidos.

Corroborando o pensamento de Ardoino (1998) e Morin (2005) de que a complexidade não se encontra no *objeto*, mas no *olhar* do qual o pesquisador se vale para estudá-lo, ou seja, na forma como abordamos os fenômenos em nossas pesquisas, buscamos nos afastar de concepções que dicotomizam teoria/prática e sujeito/objeto, assumindo a pesquisa-formação na cibercultura, ou ciberpesquisa-formação (Santos, E., 2005; 2014; 2019) - uma modalidade metodológica que se alinha aos princípios da colaboração, da dialogicidade e da interatividade.

Nessa perspectiva, adentramos os cotidianos escolares e, como pesquisadores-praticantes, vivenciamos o *'fazesentir'* das práticas que lá se instauram, *com ouvidos curiosos aos seus burburinhos e murmúrios* (Certeau, 2013), a fim de experienciar *o "sentimento do mundo" (*Alves, 2008). Buscamos referências de sons, variedades de gostos e odores, tocando pessoas e objetos, e nos deixando por eles tocar, para melhor compreensão da complexidade e da rede de saberes, poderes e fazeres tecidas nesses '*espaçostempos*', o que nos possibilita desvelar o que existe para além de seus discursos formais, perrmitindo o fluir de sentimentos, sentidos e atitudes de compartilhamento, cooperação e colaboração. Evitamos, desse modo, incorrer no perigo de uma 'história única', tão a gosto do cientificismo, dado que, apesar de sua proximidade com outras abordagens intervencionistas, a pesquisa com os cotidianos as reinventa e cria novas possibilidades de reconfiguração, delas se diferenciando, devido à especificidade de suas bases teórico-epistemológicas e, por que não dizer, de sua intencionalidade política (Oliveira, 2007).

Com a ciência moderna, aprendemos que a aquisição do conhecimento só é possível a partir da separação entre sujeito e objeto. Consequentemente, acostumamo-nos a olhar a escola e suas práticas educativas, de longe, como se alienígenas fôssemos. Como contraponto a essa visão, valemo-nos da multirreferencialidade que, para Ardoino (*idem*), mais do que um conceito, apresenta-se como uma posição epistemológica; ou seja, uma posição de

crítica e criação científica, não se limitando à dimensão metodológica.

O reconhecimento da necessidade desse olhar plural, requer do pesquisador o abandono do pensamento linear, unitário e reducionista característico da ciência moderna, e o direcionamento de sua atenção aos fatos, práticas e situações dos fenômenos educativos, a partir de sistemas de referências distintos, enfatiza Macedo (2012). Privilegia-se, dessa forma, o heterogêneo - eixo principal na tecitura do conhecimento, pela aproximação do trabalho do pesquisador ao do *bricoleur*[10], que precisa negociar com a realidade, em busca de 'pedaços de teorias heterogêneas' para a compreensão dos fenômenos, sem, contudo, misturar essas diferentes linguagens, ou reduzi-las umas as outras.

Isso demanda investimento de nossa parte, no sentido de (re)elaborar as questões emergentes, entendendo-nos como sujeitos implicados nesses diferentes '*espaçostempos*' cotidianos, em que processos híbridos, nômades, rizomáticos e plurais são vivenciados pelos sujeitos ao tecerem seus conhecimentos em rede.

Para Alves (2012, p. 1), a rede educativa se configura na multiplicidade de tantas outras redes, assemelhando-se a uma 'colcha de retalhos', cujas tramas se entrelaçam em linhas tão tênues que nem sempre percebemos, com clareza, onde se iniciam as características de uma e onde terminam as de outras.

> em seu viver cotidiano, os seres humanos se articulam em múltiplas redes educativas que formam e nas quais se formam – como cidadãos, trabalhadores, habitantes de *espaçostempos* diversos, criadores de conhecimentos e significações e de expressões artísticas, membros de coletivos vários (famílias, religiões, expressões nas mídias), usuários de processos midiáticos, etc..

[10] O *bricoleur,* termo cunhado por Lapassade (1998), considera diferentes contextos, inserindo sua pesquisa no âmbito da complexidade e da multiplicidade do mundo social, valendo-se das teorias e metodologias de pesquisa que forem necessárias para a interpretação do objeto em estudo.

Esses atravessamentos cotidianos presentes na diversidade de redes educativas, deixam suas marcas nos sujeitos, permeando o processo de aprendizagem, ainda que inibidos pelo peso imposto pelo currículo formal e pelos conhecimentos considerados 'válidos', que acabam dissociando elementos que, em sinergia, poderiam aprimorar os processos cognitivos.

A pesquisa-formação, fundamentada nos princípios de compromisso e implicação do pesquisador com suas práticas, encontra algumas de suas referências, na pesquisa-ação – um modo filosófico de existir e de fazer pesquisa interdisciplinar para um pesquisador implicado, assevera Barbier (2007). Nessa perspectiva, supõe intervenção participativa na realidade social investigada (cotidianos escolares), tornando tênue a fronteira pesquisador/pesquisado, ao elaborar a dialética da ação em um processo coletivo e único de tecitura do conhecimento. Isso demanda um envolvimento pessoal multidimensional dos pesquisadores, pois estar implicado, na concepção desse autor, consiste no reconhecimento de que ao implicarmos o Outro, somos por ele implicados, numa relação biunívoca.

Para melhor entendimento do que seja pesquisa-formação e pesquisa-ação, tomemos como metáfora a 'travessia e o reparo de um barco', preservando o rigor conceitual, mas dando corpo simbólico às ideias apresentadas.

Imagine, então, um barco atravessando um rio. Na pesquisa-ação, você para o barco em um porto para consertar algo que não está funcionando bem, como, por exemplo, uma vela rasgada ou mesmo um remo quebrado. Seu objetivo é resolver um problema prático, melhorar a navegação, ajustar o percurso.

Assim, você atua como um mestre carpinteiro: observa, intervém, testa e avalia se a embarcação voltou a funcionar. Aprende durante o processo, mas a continuidade da navegação está subordinada ao êxito da intervenção. Quando o barco volta a navegar, o ciclo se fecha.

Já, na pesquisa-formação, o barco não para. Segue navegando e é durante a travessia que se constrói o conhecimento. Os

tripulantes aprendem juntos a remar, a ajustar as velas, a ler as marés digitais. Cada encontro com o vento, com as correntes ou com outros barcos em rede traz novos sentidos, novas aprendizagens. Não há um porto final, mas movimentos de formação contínua, rizomática, conectada às águas imprevisíveis do rio. A intenção não é apenas consertar o barco, mas transformar-se como navegante, reinventar o modo de estar no rio, compreendendo o próprio curso.

Com efeito, esse tipo de pesquisa busca movimentos de transformação individual e coletiva, a partir das experiências formativas tecidas na aproximação dialética entre *prática, teoria e prática*. Assume, dessa forma, a complexidade da realidade, pondo em evidência as práticas sociais, que emergem de diferentes contextos, pois, ao contrário da escolarização, que se desenvolve em ambientes fechados, nessa modalidade, a aprendizagem vai muito além dos muros da escola e da universidade, relacionando-se, de forma híbrida, com os '*espaçostempos*' que nos cercam, criando, dessa forma, espaços intersticiais na conjugação do ciberespaço com a cidade (Santaella, 2010).

A partir do digital em rede, Santos, E. (2005) atualiza esse conceito, dando lugar à ciberpesquisa-formação multirreferencial[11], ou pesquisa-formação multirreferencial na cibercultura. Assim, no movimento complexo da formação coletiva, o processo de '*aprenderensinar*' vai sendo tecido na cibercultura, compartilhando '*sentidossignificados*', apoiados em diferentes dispositivos.

Dado que os indivíduos, com base em suas motivações, objetivos, ou intenções, percebem os objetos de diferentes maneiras, as experiências humanas não se realizam de forma idêntica. Na ótica de Coulon (1995), os fatos sociais são vistos como uma *realização prática,* que emerge da atividade humana cotidiana. A realidade

[11] Conceito desenvolvido por Edméa Santos e Roberto Sidney Macedo, inspirado nas abordagens de pesquisa-ação em Barbier (2002), no conceito de formação abordado nos trabalhos de Freire (1996, 2006) e Nóvoa (1991, 2004), e no de pesquisa-formação de Josso (2004).

social é construída pelos atores sociais em interação, não sendo, portanto, um dado preexistente. Nessa ambiência, busca-se desvendar, por meio das crenças e comportamentos comuns, os verdadeiros sentidos que os atores dão as suas ações, bem como o raciocínio prático que as orienta. Isso demanda mudança dos métodos e das técnicas de coleta de dados, assim como da construção teórica, pois os fenômenos cotidianos estão em constante movimento, surgindo, transformando-se e desaparecendo, não sendo viável partir da hipótese da existência *a priori* de um sistema de normas estável que dá significação ao mundo social.

Ao tomarmos a educação *online* como campo de pesquisa-formação, possibilitamos a emersão de sujeitos que aprendem ao mesmo tempo em que ensinam e pesquisam, e pesquisam e ensinam enquanto aprendem. Estabelecemos, assim, a articulação entre a produção do saber científico e a produção do saber cotidiano, pois o 'pesquisador coletivo' é composto por todos os sujeitos que participam da pesquisa, dialogando entre si, enfatiza Santos, E. (2019, p. 105).

> Pesquisador não é aquele que constata o que ocorre, mas também aquele que intervém como sujeito de ocorrências. Ser sujeito de ocorrências no contexto de pesquisa e prática pedagógica implica conceber a pesquisa-formação como processo de produção de conhecimentos sobre problemas vividos pelo sujeito em sua ação docente.

Na inter-relação prática/ teoria/ tecnologia digital, emergem diversas narrativas autorais em diferentes níveis e formatos. Para Josso (2004), o que se caracteriza como original nessa metodologia é a contínua preocupação com que os autores dessas narrativas consigam atingir uma produção de conhecimentos que tenha sentido para eles, e que lhes possibilite que se instituam como sujeitos.

Em relação ao *cronograma,* e coerentes com a ideia de que o método não está a nossa espera, mas se concretiza no processo de

investigação, entendemos que mais do que precisar o período de cada uma de suas etapas, sua função é organizar a pesquisa e sua escrita, em consonância com a temporalidade a ser vivenciada na experiência, não apenas em função do *Chronos* – tempo do relógio, mas também do *Kairós* – tempo da criação. Daí a importância de buscarmos o equilíbrio entre o tempo acadêmico-científico vivido, e o tempo das instituições a que nos vinculamos.

Fechando o projeto de pesquisa, o item *referências* consiste na listagem, em ordem alfabética de todas as obras, efetivamente utilizadas e referenciadas na composição do Projeto de pesquisa, de acordo com os padrões recomendados pela Associação Brasileira de Notas Técnicas (ABNT-NBR 10520/2024), ou normalizadas por revistas ou periódicos da área de conhecimento eleita, ou por instituições acadêmicas, em geral.

1.1.2 Da execução da pesquisa: fase construtiva

Nessa fase, dedicada ao desenvolvimento da pesquisa, propriamente dito, qualquer reflexão sobre o pesquisador e sua relação com o processo de investigação científica deve levar em conta duas dimensões de análise: o contexto da pesquisa, em suas perspectivas social, política e econômica, e as condições gerais ou estado da arte do pensamento em desenvolvimento sobre o tema, em seu dinamismo e possíveis mudanças.

Considerando que a realidade é histórica e complexa, torna-se necessário que o pesquisador a enxergue para além de suas estruturas; mediante um olhar plural, multirreferencial, voltado para os modos como os indivíduos dão sentido e, ao mesmo tempo, realizam suas ações cotidianas, muitas vezes atravessadas pelo surpreendente e pelo imprevisível, que nos fazem abandonar certezas absolutas.

Levantar o véu do cotidiano, trazendo à tona aquilo que não percebemos – não raras vezes por excesso de familiaridade, e que, em geral, está na superfície do vivido, requer esforço, disciplina, humildade, capacidade de (des)construir, gosto e prazer,

sensibilidade e criatividade, além, é claro, de fundamentação teórico-metodológica por parte do pesquisador.

Corroboramos o pensamento de Nóvoa (2015), em sua famosa *Carta a um Jovem Investigador*, quando elenca nove cuidados a serem observados no desenvolvimento da pesquisa, e que comentarei, aqui, por entendê-los de grande relevância para aqueles que se embrenham em seus labirintos.

1.1.2.1 Conheça a si mesmo

Constitui o primeiro passo a ser dado. Volte-se para si, redescubra-se. Ninguém pode aconselhá-lo ou ajudá-lo. Essa é uma viagem solitária ao encontro daquilo que o define e diferencia do outro, dado que 'sem viagem não há conhecimento'[12]. Nessa perspectiva, é preciso voltar seu olhar ao passado, identificando situações do cotidiano vivenciadas, a fim de refletir sobre suas itinerâncias, ou seja, que inquietações ou dilemas justificam a escolha de seu tema de pesquisa? Encontrar essa resposta marcará a sua diferença como investigador. Portanto, olhe para o seu interior.

1.1.2.2 Conheça bem as regras da sua ciência

Certo! Mas transgrida, para que emerja algo que tenha significado e valor para você e para os outros. Fuja da tentação de se render ao produtivismo acadêmico, que enfatiza o 'produzir ou produzir'. Isso não tem sentido. Assuma riscos calculados, pois investigar pressupõe criar. O que importa na ciência é a capacidade de *'verpensar'* de outros modos.

1.1.2.3 Conheça para além dos limites da sua ciência

Leia, leia muito, mas diversifique suas leituras, amplie seu repertório, pois as ideias novas estão nas fronteiras e não prescidem do diálogo e dos encontros.

[12] Referência a uma passagem da obra de Michel Serres, Le tiers-nstruit, Paris, Éditions François Bourin, 1991.

Essas recomendações nos aproximam do pensamento de diversos autores, que inspiram nossas pesquisas e estudos. Ardoino (1998) nos convida a exercitar um olhar plural/multirreferencial, que se afaste de modelos eurocentristas homogeneizantes, como propõe a ciência moderna, em benefício de outros mais flexíveis e abertos, que comportem contradições, diferenças, ambivalências, incompletudes e os acontecimentos que atravessam nossos cotidianos.

Kilomba (2019, p. 53-54), por sua vez, reafirma esse pensamento, questionando o conhecimento emanado da ciência moderna, que se quer universal. Para a autora, a ciência não constitui um simples estudo apolítico da verdade, "mas consiste na reprodução de relações raciais de poder que ditam o que deve ser considerado verdadeiro e em que acreditar". Confundida com o projeto moderno, a matriz colonial de poder tornou-se o referencial exclusivo para aferir o conhecimento, para conferir voz aos colonizadores e para silenciar quem se mantinha no exterior, acentua a autora. Nessa perspectiva, ressalta a necessidade de descolonizar o conhecimento, mediante o diálogo entre saberes científicos e saberes comuns e a adoção de uma pedagogia, que leve em conta desigualdades, diversidades e diferenças, presentes em nosso dia a dia, o que exige certo afastamento das estruturas hegemônicas de produção do conhecimento.

Freire (2020) também nos alerta da importância de o professor ser curioso, libertando-se da prisão dos conhecimentos engessados e acumulados, a fim de buscar alternativas outras que enriqueçam o aprendizado.

Nessa mesma direção, Alves (2008) enfatiza que precisamos, a partir da empiria, subverter as teorias já conhecidas e sabidas, indo para além delas, por entendê-las não como verdades absolutas e orientadoras da rota a ser trilhada, mas como limites, que permitem ir até certo ponto, dada a dinamicidade dos cotidianos, que se reinventam a cada ação. Desse modo, torna-se necessário multiplicá-las, estabelecendo diferentes e complexas relações entre os conceitos, os fatos, as narrativas, as fontes e os métodos.

Em seus estudos do cotidiano, Certeau (2013) afirma que, ao pesquisador desses '*espaçostempos*', o que interessa é aquilo que não tem visibilidade, ressaltando a importância de se 'conhecer para além das evidências', o que é corroborado por Andrade, Caldas, Alves (2019), quando nos incentivam a "mergulhar com todos os sentidos" no processo de investigação, vivenciando, participando e nos deixando invadir por esse universo, pleno de incertezas e imprevisibilidades, de forma implicada.

1.1.2.4 Conheça em ligação com os outros

Uma vez que nos constituímos a partir do outro, o princípio dialógico funda a alteridade como constituinte do ser humano e de seus discursos. Reconhecer a dialogia é, portanto, encarar a diferença (Bakhtin, 2011).

É aí que reside a relevância dos encontros semanais de nosso grupo de pesquisa, que toma como inspiração epistemometodológica a ciberpesquisa-formação, mediante uma política formacional flexível e aberta. Mais do que um conjunto de pessoas que se reúnem, semanalmente, o grupo possui objetivos comuns e valoriza o diálogo, exercitando a interação, a colaboração e o compartilhamento, termo que congrega conteúdos, ideias e valores morais, éticos e ideológicos.

Como membros (Coulon, 1995)[13] do GPDOC, somos, continuamente, desafiados a refletir sobre diferentes questões, discutindo-as à luz de nossos quadros referenciais e nossas experiências, com vistas à associação entre ciência e ensino, e pesquisa e formação; o que contribui para a manutenção de laços sociais profundos, positivos e gratificantes.

[13] Um membro de um grupo deve possuir um conjunto de competências sociais, e ser capaz de criar dispositivos de adaptação para dar sentido ao mundo que o cerca. Nessa perspectiva, exibe com naturalidade tais competências, fazendo-se reconhecer, e ser aceito pelo grupo.

1.1.2.5 Conheça com a tua escrita, pois é isso o que o distingue como pesquisador

À medida que um texto, falado ou escrito, vai sendo desenvolvido, e a associação de ideias vai tomando corpo por meio da linguagem, a noção de autoria vai se desfazendo (Barthes, 2004). É nesse contexto, formado por uma teia de conexões, aberta a diferentes contribuições, que nos identificamos como '*ciberpesquisadoresautores*'. Desse modo,

> Deixamo-nos invadir pelas ideias, responsabilizando-nos por aquilo que expressamos, de diferentes maneiras. Isso demanda compreender os múltiplos processos que se manifestam nas produções textual, imagética e sonora, nas redes educativas, presencial e *online*, como a dialogicidade, a argumentação, a negociação e a polifonia, entre outros (Amaral, 2014, p. 68).

Trabalhar nessa perspectiva, exige a vivência da contingência e da incerteza, além de movimentos de construção, desconstrução e reconstrução, decorrentes do descentramento de pontos de vista e da necessidade de se confirmar, reorganizar, complementar, e/ou modificar, continuamente, saberes e comportamentos advindos das conexões entre objetos, eventos e pessoas, resultando novos modos de subjetivação no exercício autoral.

Outro aspecto a considerar, é que a escrita nos ajuda a conhecer nossos limites, evitando, desse modo, o excesso ou a falta de informações. É preciso apresentar pensamentos significativos, com clareza e objetividade, expressos em imagens estáticas, e/ou em movimento, textos e sons, entre outros, a fim de 'narrar a vida, audiovisualizar e lietraturizar a ciência[14], contribuindo para qualificar o estudo. A simplicidade de uma escrita atrai o interesse dos leitores pela leitura de toda a obra

[14] Movimento da pesquisa, atualizado por Nilda Alves, em conversa com nossos orientandos, em 18 out. 2023, por meio da plataforma *Google Meet*.

> [...] aquela que talvez se expresse com múltiplas linguagens (de sons, de imagens, de toques, de cheiros etc.) e que, talvez, não possa ser chamada mais de "escrita", que não obedeça à linearidade de exposição, mas que teça, ao ser feita, uma rede de múltiplos, diferentes e diversos fios; (...), que indique, talvez, uma *escritafala*, uma *falaescrita* ou uma *falaescritafala* (Alves, 2008, p. 30-31).

Essa escrita-escritura consiste numa escrita "encenada, teatralizada, semiotizada, multimodal, pois o sujeito da escritura constitui-se em uma rede de relações que dialoga consigo mesmo, com o mundo, com o conhecimento e com as diversas linguagens entremeadas do seu desejo", aqui entendida como potência e criação, como pulsão de vida, como afirma Ana Lúcia Gomes da Silva[15], no Prefácio à obra de autoria de Edméa Santos, intitulada Escrevivências ciberfeministas e ciberdocentes; narrativas de uma mulher durante a pandemia Covid-19.

1.1.2.6 Conheça para além das evidências

Ir para além das evidências, como nos ensina Alves (2008), exige que subvertamos, as teorias já conhecidas e sabidas, compreendendo-as não como verdades absolutas a nos orientar, mas como limites, que não nos permitem avançar, devido à dinamicidade dos cotidianos, reinventados a cada ação. Nesse contexto, é fundamental a aceitação do múltiplo, pois o cotidiano é tecido por caminhos que se entrecruzam, interdependem-se e se inter-relacionam; o que implica ir para além das fontes de conhecimento tradicionalmente aceitas – conceituadas, categorizadas, classificadas e enumeradas, interessando-nos por aquilo que é contado (relatos) pela memória, pelo documento, pela fotografia. É preciso incorporar a parte e o todo de cada expressão individual, assumindo o diferente e o heterogêneo, as ambiguidades e ambivalências, na relação com o outro, a fim de compreender seus sentimentos, explicar suas razões e descobrir o

[15] Profa. Titular da Universidade Estadual da Bahia – UNEB.

subentendido, nexos não explicitados, formalidades, narrativas, argumentos, entre outros, pois o que nos interessa, nesses '*espaçostempos*' de criação e invenção cotidiana é aquilo que não está em evidência.

1.1.2.7 Conheça com a responsabilidade da ação

Pesquisar com os cotidianos é estar aberto e pronto a incorporar, interrogar, analisar, tentar compreender tudo o que nos chega, assumindo total implicação nesse processo. Desse modo, é fundamental que os pesquisadores dialoguem com os sujeitos da pesquisa em suas práticas sociais, ouvindo suas histórias, refletindo sobre o que é posto, discutindo a vida que 'arde' e registrando essas memórias. "[…] traçando/trançando as redes dos múltiplos relatos que chegaram/chegam até nós, neles inserindo, sempre, o fio do nosso modo próprio de contar", como afirmam Alves e Garcia (2002, p. 274), dado que, como palco das vivências de diferentes atores, cujas relações, repletas de sentidos e, em permanente tensão, confrontam-se, contrapõem-se, ou se ajustam, esses '*espaçostempos*' constituem um campo de disputas e conflitos.

1.1.2.8 Conheça com os olhos no país

Capra (1992), ao se referir ao fenômeno da globalização/ mundialização, já alertava para a urgência da adoção de um novo paradigma baseado na ecologia profunda e na parceria, com vistas ao estabelecimento de um futuro sustentável, mas ainda ignorado pela maioria dos políticos e líderes empresariais. Para Quéau (1998), esse contexto ameaça à diversidade cultural, na medida em que não se leva em conta o desenvolvimento de uma consciência moral e política à altura dos desafios da época, o que exige, portanto, um novo olhar para o mundo e uma nova abordagem dos problemas, em busca de soluções mais justas e democráticas.

A transição humana do local para o global, do bem-comum humano para o bem- comum planetário, assevera Boff (1998), faz-

se fundamentalmente pelo mercado, que é competitivo e não cooperativo, e se caracteriza pela hegemonia do capital financeiro, interdependência das economias nacionais e o intercâmbio cultural entre nações. Isso é importante para todos os países em que as tecnologias digitais ganham destaque; mas, em contrapartida, produz exclusões e vítimas. Essa preocupação ganha eco nas argumentações de Bartholo e Bursztyn (2001), quando defendem a necessidade de se ousar e buscar um novo modelo de desenvolvimento humano, com base no princípio da sustentabilidade, tendo em vista o compromisso com a qualidade de vida das futuras gerações.

Com efeito, nosso compromisso com a Educação e com o Brasil demanda que reconheçamos que, em todo mundo, há experiências e realidades educativas que precisam ser conhecidas, refletidas e compartilhadas, a fim de que, mediante um olhar global, possamos agir localmente, levando em conta nossas fragilidades, diferenças, desigualdades e diversidade cultural.

1.1.2.9 Conheça com liberdade e pela liberdade

A recomendação de 'conhecer com liberdade e pela liberdade' nos remete ao conceito de táticas (Certeau, 2013), pois como o autor enfatiza, "o cotidiano se inventa com mil maneiras de caça não autorizada (p. 38). Ademais, nele, movimentos minúsculos, microbianos, invisíveis, clandestinos, forjados em meio às práticas cotidianas, são engendrados pelos professores (Alves; Berino; Soares, 2012) que, com base em suas competências e experiências de vida, ao fazerem uso do instituído, recorrem a diferentes etnométodos (maneiras de fazer), deixando impressas suas digitais. Nesse contexto, e na medida em que se aproximam práticas pedagógicas e teoria, moderno e pós-moderno, local e global, ordem e caos, ciberespaço e cidade, currículos vão sendo praticados, transformados e atualizados.

Poderíamos, então, identificar essas práticas como um ato de desobediência? Seria o cotidiano rebelde?

Aprendemos que a obediência, o bom comportamento, é próprio do humano. Errado! A desobediência é que nos faz humanos, afirma Oliveira (2023, p. 104).

> Quem não tem inteligência, só tem instinto, não é capaz de desobedecer; embora a gente tenha dúvidas, hoje, se esse conceito de que os animais não tem inteligência é real, não importa, tá? É porque nós somos inteligentes que nós desobedecemos e por que nós desobedecemos? desobedecemos? Nós desobedecemos, porque nós pensamos.

A autora assevera que mais do que um ato de rebeldia, ou seja, de oposição consciente às regras, a noção de desobediência vai ao encontro do pensamento de Certeau (2013), segundo o qual as "artes do fazer" cotidianas criam usos de regras que transcendem diálogos e respostas possíveis a elas e se caracterizam como "usos a seus modos", daquilo que lhes é dado para consumo" (*Idem*).

Desse modo, para além do que é instituído nos currículos formais, o pesquisador, junto a seus praticantes, trabalha a diversidade cultural, de modo a contribuir para a formação identitária dos estudantes e o desenvolvimento de processos autorais. De modo complementar, Andrade, Caldas e Alves (2019), em seus estudos com os cotidianos escolares, destacam a necessidade de se trabalharem, também, os sentimentos, as reflexões, as múltiplas formas de pensar desses participantes da pesquisa, colocando em evidência suas falas, que se repetem uma infinidade de vezes nas redes tecidas e retecidas, nas diversas formas de dizer e nos tantos sentidos possíveis que constroem as representações sociais.

Com efeito, atos de currículo, articulados ao uso de dispositivos móveis e à rede, são criados não para ignorar ou subestimar o currículo tradicional, cuja lógica se baseia na ordenação e na linearidade, mas, para com ele dialogar, aproximando o '*dentrofora*' dos espaços escolares, e valorizar, dessa forma, a multirreferencialidade. Nesses ambientes, que potencializam a interatividade, o diálogo e a negociação de

sentidos e significações, em diferentes linguagens e mídias, narrativas individuais e coletivas são produzidas e compartilhadas.

1.1.3 Do relatório de pesquisa: fase redacional

Gosto de pensar que uma tela de computador apagada, ou uma folha de papel em branco, aguardam ansiosas e, silenciosamente, nossos escritos. Não para reproduzir ou mesmo refletir uma determinada realidade, mas para acolher imagens, traços e figuras que emergem de nossas memórias, representativos de nossas visões de mundo.

Assim, na constituição de um discurso, a memória é mobilizada e requisitada na expectativa de que palavras produzam sentido, ao serem inscritas numa folha de papel ou, ainda, em suportes eletrônicos, no meio digital, nos quais *links* remetidos uns aos outros, unem-se, mutuamente, e de forma constante, formando uma rede de conexões, que só terá sentido para aqueles indivíduos que tiverem acesso a sua memória e arquivo.

Nesse contexto, você pode olhar para esses espaços (tela ou folha) entendendo-os apenas como figuras planas que representam; mas também pode se valer de todos os seus sentidos, respirar fundo e descobrir suas próprias histórias, cheias de camadas, de lugares por onde trilhar, dado que todos os temas são ricos em veredas, atalhos e caminhos diversos.

A fase redacional ou etapa de elaboração do relatório de pesquisa, portanto, diz respeito à organização, análise e sistematização dos dados produzidos na fase construtiva, devendo atender às normas estabelecidas pela universidade.

As seções que estruturam uma Dissertação de Mestrado ou uma Tese de Doutorado são bastante similares às apresentadas no Projeto de pesquisa, que lhe deu origem. Alguns elementos se repetem; outros se modificam, e outros são incorporados ou excluídos ao mesmo.

O *Título de uma pesquisa* deve atrair a atenção do leitor, despertando seu interesse para a leitura do material. Por isso, deve

ser redigido, de forma clara e objetiva, contendo, pelo menos, o objeto e o alcance do estudo. Sua formulação não expressa o tema, de forma literal, pois sofre um processo de ajuste e especificação, ao longo de toda a parte introdutória do Projeto, tendo em vista tornar o estudo viável. Deve estar alinhado ao problema de pesquisa (o que se deseja investigar em relação ao tema escolhido). A escolha do título pode ser feita, em caráter provisório, devendo ser revista, após o término do estudo, com vistas a sua melhor adequação, se for o caso.

Vejamos alguns exemplos, no Texto 3, a seguir.

Texto 3 - Exemplos de títulos dados a teses

Títulos de Teses	
A Educação Museal Online: uma ciberpesquisa-formação na/com a Seção de Assistência ao Ensino (SAE) do Museu Nacional/UFRJ	Frieda Maria Marti, 2021
A sala de aula no contexto da cibercultura: formação docente e discente em atos de currículo	Mayra Rodrigues F. Ribeiro, 2015
Visualidades surdas na cibercultura: aprendizagens em rede	Rachel Capucho Colacique, 2018

Fonte: elaborado pela autora

O *Sumário* objetiva organizar um trabalho acadêmico e sua escrita, deixando claro, para o leitor, tópicos e subtópicos que integram o texto. Nem extenso, nem prolixo, o sumário deve dialogar com o leitor, tendo em vista sua compreensão sobre o que está sendo discutido ao longo da pesquisa.

Nessa direção, em nossos estudos, incentivamos o uso de analogias e metáforas, títulos sugestivos para o sumário e capítulos bem elaborados, além de uma escrita simples, clara e objetiva. Vejamos como o mestrando Fábio Coradini pensou o sumário de sua Dissertação, intitulada Currículo *CiberQueer*: Autorias LGBTQIA+ na Cibercultura, defendida em 2022 (Texto 4).

Texto 4 – Sumário

SUMÁRIO

"SOBE O PANO, PARA O NOSSO ESPETÁCULO COMEÇAR": CIBERQUEERIZANDO OS CURRÍCULOS E SUAS PRÁTICAS
1. ITINERÂNCIAS E SOBREVIVÊNCIAS: DILEMAS DE UM PROFESSOR QUEER NÃO-BINÁRIO
1.1 Quantas Vidas Cabem na Minha Existência?
1.2 Meu corpo, suas regras
1.3 O reencontro com a educação
2. QUEERIZANDO A METODOLOGIA
2.1 Primeiro Ato: A Concepção da Pesquisa no GPDOC
2.2 Segundo Ato: Os Praticantes Queers da Pesquisa
2.3 Terceiro Ato: A Pesquisa-(Queer)formação
2.4 Quarto Ato: Etno(queer)grafia On-line
3. ETNOMÉTODOS: DA ETNO(QUEER)GRAFIA ÀS OFICINAS PEDAGÓGICAS EM SALA DE AULA
3.1 Mapeando e Etno(queer)grafando corpos dissidentes de gênero no Instagram
3.1.1 Professora Doutora Alessandra Teixeira Primo – Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) – "Autoria pela Existência"
3.1.2 Professor(a) Doutor(a) Jonas Alves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ) – "Autoria para a Formação"
3.1.3 Professora Mestra e Doutoranda Sara Wagner York – Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) – "Autoria Trans-Multirreferencial"
3.1.4 Ativista Bruna G. Benevides – Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA) – "Autoria Trans-Política"
3.2 Resistindo em Rede com Autoria: Percepções e Considerações sobre a Etno(queer)grafia On-line
4. DISPOSITIVO PESQUISA-FORMAÇÃO: TEORIAS E POLÍTICA CURRICULAR
4.1 A construção e concepção das Oficinas Pedagógicas Pós-Críticas
4.2 Oficinas Pedagógicas Pós-críticas: aproximações do dispositivo de pesquisa-formação com os Estudos Queer
4.3 Oficina I: Diferença e Identidade: o Currículo Multiculturalista
4.4 Oficina II: As Relações de Gênero e A Pedagogia Feminista
4.5 Oficina III: O Currículo como Narrativa Étnica e Racial

4.6 Oficina IV: Uma Teoria Pós-Colonialista do Currículo
4.7 Oficinas Pedagógicas Pós-críticas: Formulação de Dados para um Dispositivo Interseccional
4.8 A emergência das noções subsunçoras
4.8.1 Autoria Queer: epistemologias trans-multirreferenciais
4.8.2 Viés de confirmação por estereótipo de gênero
4.8.3.Política de reconhecimento e autoidentificação dos "novos sujeitos" LGBTQIA+
4.8.4 Pedagogizando a desobediência: ressignificando currículos normativos
4.9 Vida e Formação: o que eu me tornei após a pesquisa. pesquisa
5. CURRÍCULO CIBERQUEER
REFERÊNCIAS
Anexo A – Projeto "Teorias Curriculares Pós-Críticas – Reflexões a partir da Produção de artefatos curriculares em múltiplas linguagens"
Anexo B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Fonte: Coradini (2022)

O *Resumo* deve possibilitar, ao leitor, uma visão sintética do que se constitui a pesquisa, como um todo. O texto deve ser elaborado a partir de quatro ideias-chave, mediante a apresentação: (a) do objetivo que justificou a realização da pesquisa; (b) dos principais aspectos teóricos abordados; (c) da metodologia utilizada; e (d) dos achados/descobertas da pesquisa; e (e) da conclusão do estudo. Deve ser digitado em espaço simples, sem parágrafos.

Destaca-se que, em sendo o texto redigido após a conclusão da pesquisa, refere-se a uma ação já finalizada; logo, trata de um tempo pretérito, não cabendo forma verbal futura, em sua redação. Após seu desenvolvimento, é preciso listar as palavras-chave - termos representativos do conteúdo do documento. Elas devem ser significativas e precisas, como forma de localizar e condensar os temas centrais discutidos no trabalho, assim como exemplificado, no Texto 5, adiante.

Texto 5 – Resumo de Tese

RIBEIRO, Mayra Rodrigues Fernandes. A sala de aula no contexto da cibercultura: formação docente e discente em atos de currículo. 2015. 199f. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

Este trabalho de tese tem como temática a formação docente situada no contexto da cibercultura. Parte do pressuposto de que professores formadores e em formação precisam dialogar com saberes/fazeres que potencializem suas aprendizagens em um novo espaço/tempo da sala de aula e que a pesquisa no ensino superior se tece no exercício da reflexão sobre/na prática em um processo plural de auto-hetero-ecoformação. Tem como objetivo construir atos de currículo, utilizando as potencialidades dos ambientes virtuais, das redes sociais e da internet para ressignificar o aprender/ensinar situado nas vivências dos praticantes culturais dentro/fora da universidade. Como problemáticas central e secundária da pesquisaformação na cibercultura, temos, respectivamente: como a criação de atos de currículo com o uso das tecnologias digitais em espaços multirreferencias de aprendizagem podem potencializar as práticas formativas docente e discente no Curso de Pedagogia da UERN no contexto da cibercultura? Quais dispositivos engendram práticas formativas autorais, no presencial e no online, com o uso das tecnologias digitais em rede? Como construir uma relação pedagógica de interação colaborativa, docente e discente, mediada pelo uso das tecnologias digitais? A criação de atos de currículo utilizando as tecnologias digitais contribui com novos letramentos digitais dos praticantes na cibercultura? Tomamos como inspirações teórico-metodológicas a pesquisa-formação (SANTOS; MACEDO; NÓVOA) multirreferencial (ARDOINO, BARBOSA, MACEDO) com os cotidianos (CERTEAU, ALVES, FERRAÇO, OLIVEIRA), situada no contexto da cibercultura (SANTOS, SILVA, LEMOS, SANTAELLA, LEVY), entrelaçadas aos sentidos dos autores da pesquisa deste trabalho de tese. A pesquisa foi desenvolvida no cenário formativo do Curso de Pedagogia da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN nas disciplinas de Didática e Estágio Supervisionado I. Como resultado, apresentamos que as ambiências formativas criadas nos atos de currículo no ensino presencial e online, apontam perspectivas que vão ao encontro de uma formação docente e discente do ciberautorcidadão, uma postura em processo, em devir, que se constrói na relação cidade/ciberespaço, em espaços/tempos de aprendizagens plurais, referenciadas nas experiências tecidas nesses contextos.

Palavras-chave: Pesquisa-formação na cibercultura. Multirreferen-cialidade. Cotidianos. Atos de currículo. Ciberautorcidadão

Fonte: Fernandes (2015)

Em uma pesquisa qualitativa, a formação, entendida como um processo em que o pesquisador constrói o seu caminhar, pelo seu fazer fazendo-se, constitui um ato dinâmico de vivências subjetivas, percepções, opiniões e singularidades criadoras coletivas.

Desse modo, o pesquisador deve reservar a seção inicial para apresentar suas *Itinerâncias*, ou seja, voltar seu olhar para o passado para narrar situações do cotidiano vivenciadas, puxando os fios que se enredam nos '*espaçostempos'* de sua memória, e atualizando histórias de vida, personagens e experiências, para melhor pinçar aspectos significativos que o identificam, e que, de alguma, ou muitas formas, relacionam-se ao seu objeto de pesquisa (Amaral, 2014).

A Introdução tem a finalidade de oferecer ao leitor uma visão objetiva do estudo realizado e despertar sua curiosidade, para a leitura do material subsequente. Nessa perspectiva deve contextualizar e explicitar o problema que se quer investigar, configurar a problemática, bem como os objetivos geral e específicos, ou questões de estudo. Sua redação, em torno de 10 páginas, deve reunir um conjunto de informações, apresentadas, de *forma linear*, não sob forma de tópicos, quadros ou esquemas. Pode ser composta a partir do Projeto de pesquisa, com o cuidado de trazer as formas verbais para o tempo pretérito ou presente, pois narra uma pesquisa já realizada.

É preciso também refletirmos sobre nossas escolhas teóricas; ou seja identificarmos o conjunto de autores do nosso campo de estudo, que nos ajudam a pensar, sistematizar e construir nossas argumentações, de forma consistente. Desse modo, *a Fundamentação Teórica* que se almeja em uma dissertação, tese ou relatório de pesquisa, diz respeito ao diálogo filtrado com interlocutores autorizados pela qualidade dos seus trabalhos acadêmicos e científicos, ao longo da investigação.

Nesses termos, desde as primeiras seções, esses escritos devem conjugar empiria, teoria e as compreensões do pesquisador, que deve referenciar as obras consultadas, de forma adequada e

equilibrada, sem excessos. Nessa perspectiva, o uso de fontes de consulta primárias e, no limite, comentários academicamente consolidados, são fundamentais.

Nesse ponto, pela necessidade de nos organizarmos para uma 'aventura pensada', na perspectiva de um rigor *outro*, precisamos refletir sobre o método, o que nos exige re(inventá-lo), autorizando-nos no processo de descoberta, pois ele nunca está pronto, e o campo desafia a criatividade do pesquisador, adverte Macedo (2020).

Nas pesquisas que realizamos, partimos do pressuposto de que uma realidade só pode ser compreendida a partir do ponto de vista das pessoas que a vivenciam e a experimentam. Assim sendo, os valores emergentes influenciam o pesquisador, que busca analisar os fenômenos a partir de sua totalidade, de maneira direta, sem se deixar contaminar por pré-conceitos. Sob esse olhar, a intervenção do pesquisador, ao longo da pesquisa, é fundamental para responder aos desafios impostos pela singularidade, o acontecimento e as transduções.

Assim, na construção de pesquisas acadêmico-científicos levamos em conta a perspectiva relacional, aproximando a escrita do trabalho desenvolvido à realidade pesquisada. Desse modo, a organização desses trabalhos pode seguir um modelo mais convencional, ordenado, como, por exemplo: introdução, fundamentação teórica, metodologia, análise e tratamento de dados, conclusão, referências, anexos e apêndices; ou, de forma entretecida, ao longo das seções, triangulando empiria, teoria e invenções e descobertas do pesquisador, em favor de um processo dialógico e criativo.

A organização dessas informações e compreensões, portanto, deve estar em conformidade com o que necessitamos para responder nossas questões de estudo, dado que, como pesquisadores, ao interagirmos e dialogarmos com as pessoas, entramos também em campo. Isso exige preparação prévia, tendo em vista obter acesso ao mesmo, e uma relação criteriosa e qualificada com os participantes da pesquisa. Desse modo,

funciona de forma generativa, durante esse processo, dado que essas questões orientam conclusões futuras.

Essa construção, que nasce juntamente com a mobilização das competências teórico-analíticas e hermenêuticas do pesquisador, irá organizar e realçar nossas conclusões sobre o que experenciamos no campo; o que, por sua relevância em nossas pesquisas, será abordado, na próxima seção (1.1.4).

A elaboração da *Conclusão* exige alguns cuidados, pois muitas vezes, o pesquisador acaba por fazer uma construção digressiva, afastando-se da síntese da pesquisa em resposta às questões formuladas, retomando a discussão da temática ou das teorias que a viabilizaram, ou ainda apresentando proposições fora de seu escopo. Desse modo, não se trata mais de descrever, interpretar, discutir, analisar, ou apresentar argumentos para comprovar o que se afirma/infere. A conclusão tem por função reunir, de forma articulada os pontos mais relevantes do trabalho realizado, tendo em vista responder ao problema gerador da pesquisa. Seu texto deve ser autoral, e assumir uma estrutura linear, e não esquemática. Nessa seção, o pesquisador também pode registrar suas impressões e opiniões sobre a realidade observada, e apresentar algumas recomendações, abrindo-se, desse modo, a novas indagações, problematizações e proposições.

No item *Referências*, devem ser listados, em ordem alfabética, todos os autores/instituições referenciados no corpo do documento, e com quem dialogamos, de acordo com os padrões recomendados pela ABNT 2024, ou instituições, na medida em que há normas diferenciadas, dependendo, inclusive, do país e das universidades nas quais se dará a formação pleiteada. Cuidar da organização de um trabalho acadêmico e de sua normalização constitui um ato de responsabilidade socialmente referenciado.

Apêndices, Anexos, Glossários e Notas de rodapé documentam e explicitam os diferentes movimentos da pesquisa. Por isso, ao utilizá-los, é preciso, estabelecer, por exemplo, a distinção entre *apêndices* - documentos criados pelo próprio autor para reforçar sua argumentação -, e *anexos* - documentos elaborados por terceiros

para ajudar na validação da argumentação do autor. O *glossário* objetiva explicar políticas de sentido dos termos, conceitos e expressões.

As *notas* inseridas, no rodapé da página, têm como objetivo complementar o corpo do texto, fornecendo explicações, referências ou informações adicionais. São identificadas no texto principal por um número sobrescrito ou entre colchetes, devendo ser redigidas, de forma objetiva, e utilizadas com parcimônia. Por sua vez, as notas inseridas ao final do documento, contêm informações detalhadas sobre a fonte citada, como autor, título da obra, página específica e outras informações relevantes (ABNT NBR 14724)[16].

Para Freire (1997, p. 71), no contexto teórico-formador, a reflexão crítica sobre os condicionamentos que a cultura exerce sobre nós, sobre nossa maneira de agir e sobre nossos valores, torna-se fundamental. Desse modo, não pode jamais, como às vezes se pensa, ingenuamente, transformar-se num contexto de puro fazer. "Ele é, pelo contrário, contexto de que-fazer, de práxis, quer dizer, de prática e de teoria".

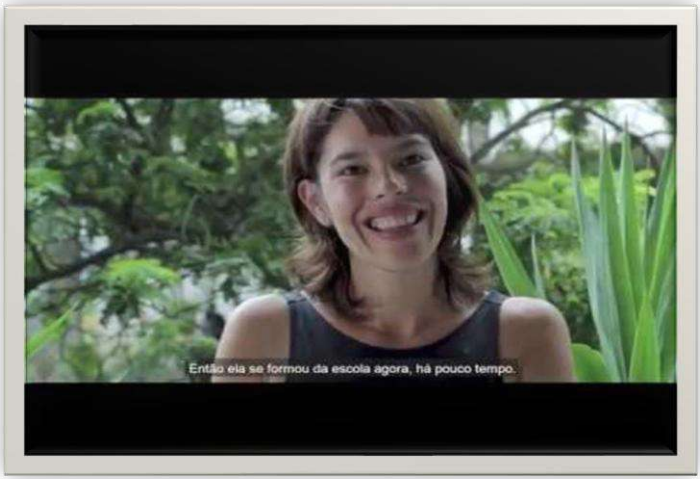
Sob essa ótica, como contar a história de uma pesquisa desenvolvida ao longo de três anos, em 24 minutos? - indaga Tania Lucía Maddalena, no vídeo produzido por Shênia Mineiro Martins[17], e apresentado na Figura 1, adiante, cuja estrutura se alicerça na experiência/memória/ficção da autora. Sem deixar de considerar o percurso de sua trajetória acadêmica, Tania traz as bases da ciberpesquisa-formação, a memória dos pesquisadores, o contexto sociopolítico, os achados, os afetos e a experiência narrada pelos próprios praticantes, Lena Chianello e Hugo Charret.

---

[16] Norma que estabelece as diretrizes para a elaboração de trabalhos acadêmicos, incluindo teses, dissertações, monografias, trabalhos de conclusão de curso e outros documentos similares.

[17] Educadora e produtora audiovisual. Disponível em: https://edustorylab.org/equipe/ . Acesso em: 12 out. 2025.

Figura 1- Vídeo de pesquisa "As Invenções Digitais de Si"
Curta Anped 2019



Fonte: *YouTube*[18]

[18] Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=5J0PSxlfSbI. Acesso em: 05 nov. 2023.

1.1.4 Das noções subsunçoras: a busca de '*sentidossignificações*' no processo de investigação científica

Na medida em que buscamos a coerência, a consistência, a coesão e a clareza na pesquisa, além da escolha responsável dos aportes teórico-metodológicos que enfatizam sua interpretação, o campo – um contexto cultural e político no qual desenvolvemos nossas ações, bem como os participantes, constituem atos de rigor; consequentemente, de qualidade da investigação.

Nessa perspectiva, torna-se relevante enfatizar que, em nossas pesquisas, não lidamos com objetos ou dados, e, sim, com compreensões situadas (constructo), plenas de símbolos, operações, ponto de vista, ética, rigor (Macedo, 2020). Desse modo, praticantes não são meros produtores de dados que subsidiam uma proposta ou um processo formacional; são nossos parceiros, coautores de nossas pesquisas.

Com efeito, nas pesquisas qualitativas, não basta constatar e revelar. É preciso objetivar nossas compreensões. O trabalho e a arte da compreensão, com e para além do constatável, caracteriza um processo de análise no qual a autoria , ou seja, a possibilidade de dar forma a algo, aceitar-se como instrumento, deixar-se invadir pelas ideias e se responsabilizar por aquilo que expressa, de diferentes maneiras, como afirma Amaral (2014, p. 68) – deve ser exercitada.

Nesse contexto, Santos (2019) enfatiza a necessidade de acionarmos dispositivos de pesquisa que moblizem experiências formadoras, fundamentadas no uso de interfaces digitais, que possibilitem a emergência de gêneros variados do discurso, ao longo do processo de produção de dados com os praticantes culturais em suas práticas contemporâneas.

A autora entende esses dispositivos de pesquisa-formação na cibercultura, ou ciberdispositivos, como o pensamento pedagógico que se atualiza em rede; ou seja, inteligências pedagógicas e metodológicas materializadas em atos de currículo mediados por tecnologias em rede, nas relações interativas *online* e na interface

cidade /ciberespaço, constituindo autorias, em níveis e formatos diversos.

Macedo (2020) assevera que, enquanto nas pesquisas quantitativas o método de análise se concretiza a partir de instrumentos estatísticos, nas pesquisas qualitativas, é preciso objetivar nossas compreensões, mediante um trabalho analítico que se realiza, em geral, a partir do *corpus* empírico da pesquisa, ou seja, do conjunto de informações produzidas por nossas questões de estudo, visando à construção de compreensões - categorias analíticas, ou noções subsunçoras que, para ele, consistem em "macroconceitos organizadores das análises do conteúdo da pequisa, e emergem conjuntamente da competência teórico-analítica da pesquisador e da apreensão refinada da propria realidade pesquisada" (Macedo; Galeffi; Pimentel, 2009, p. 100), podendo, em seus movimentos, relacionar, entretecer, articular, conjugar, sem dissolver os termos das suas singularidades.

Desse modo, em nossas investigações, desde os primeiros capítulos, a partir das informações e compreensões construídas em nossa relação com o campo, mergulhamos no corpus empírico da pesquisa, em busca de compreensão profunda e relacional[19], dado que, no seu decorrer, deparamo-nos com múltiplas vozes, múltiplos silêncios e silenciamentos, pois a interação verbal é sempre uma arena de lutas, na qual nossos discursos estão impregnados da presença do Outro, seja por aquilo que expressamos, na composição dos elementos semânticos, ou mesmo nas palavras selecionadas em função de nossos interlocutores, seja pela entonação que damos ao que é dito. Estabelecemos, desse modo, a aproximação da escrita do trabalho desenvolvido aos fenômenos pesquisados, fundamental, para que o relacional e os

[19] A ideia de noção subsunçora formulada por Macedo (2000) é inspirada nos trabalhos de Ausubel (1968) sobre aprendizagem significativa – num processo dinâmico no qual uma nova informação se ancora em conceitos preexistentes na estrutura cognitiva do sujeito, atualizando-se quando um novo conceito é significado.

entretecimentos constituam fontes de saberes, pois, "aprendemos nas fronteiras" (Macedo, 2020, p. 72).

Questionamos, então, a relevância das informações produzidas pelas questões que a nortearam e por nossa "escuta sensível"[20] e olhar aprendente - *saturação de dados*, indicativo da suficiência de dados, instante em que iniciamos a construção e sistematização analítico-interpretativa que irá se transformar num produto de final aberto, como acentua Macedo (2009, ainda que essa ação possa se repetir várias vezes, na busca de maior densidade e detalhamento.

Considerando que já dispomos de informações suficientes, partimos para elaborar o mapa semântico, separando as narrativas que nos pareceram essenciais, ou não; ou seja, refletimos sobre os significados da experiência, com a finalidade de distinguirmos o objeto, as pessoas, as ações, os eventos, entre outros aspectos - variação imaginativa -, com vistas a dar maior sustentação as nossas análises e interpretação final.

A reflexão sobre essas partes da experiência, sob a perspectiva cognitiva, afetivo-relacional e conotativa, permite-nos criar *unidades de significação* a partir das propostas dos sujeitos, ao descreverem seus fenômenos e etnométodos (maneiras de fazer), que vão sendo reagrupadas em categorias analíticas – as noções subsunçoras, com vistas a sistematizar o conjunto das informações e interpretações que elaboramos; ou seja, o corpus analítico escrito por meio de relações e/ou conexões estabelecidas no processo '*aprendizagemensino*', interpretando-as e as reinterpretando, até chegarmos ao produto final aberto.

Essas operações cognitivas, que sofrem um processo dinâmico e evolutivo ao longo do desenvolvimento da pesquisa acadêmica, acentua Macedo (2000), podem ser sintetizadas nas seguintes etapas:

[20] Para Barbier (2007, p. 1), trata-se de "uma escuta que não exclui, própria de quem entende que todos têm o direito de ser ouvidos e compreendidos, mas que não se furta do julgamento e de dizer não, se necessário"

i. seleção dos fenômenos significativos e não significativos;
ii. exame minucioso desses elementos;
iii. codificação dos elementos avaliados;
iv. criação de categorias analíticas – noções subsunçoras;
v. sistematização textual do conjunto;
vi. (re)interpretação do fenômeno estudado;
vii. produto final (aberto).

Considerando que a realidade não cabe num conceito, torna-se necessário construir um certo distanciamento teórico, a fim de edificarmos, durante as observações, uma disponibilidade em face dos acontecimentos em curso. Desse modo, após a produção das informações, as inspirações teóricas são retomadas fazendo-as trabalhar criticamente no âmbito das interpretações saídas do estudo concreto. Na triangulação da empiria, teoria e autoria do pesquisador, tensionada pelos saberes já sistematizados e "dados" vivos da realidade, nasce um conhecimento que se quer sempre enriquecido pelo ato reflexivo de questionar e de manter-se curioso acentua o autor.

Com efeito, reitera Santos (2014; 2019), é preciso não apenas acompanhar a dinâmica e evolução dos conceitos subsunçores e da própria aprendizagem significativa do pesquisador, como também desenvolver meios e dispositivos que potencializem o processo de aquisição e sua atualização.

1.2 Estrutura redacional de dissertações e teses

A experiência tem demonstrado que os orientandos costumam adiar, ao máximo, a escrita do relatório de pesquisa. Diante de uma folha em branco ou de uma tela de computador apagada se perguntam: como começar? De que ponto devo partir? O que incluir?

A tela do computador apagada ou a folha em branco guardam aquilo que noutro lugar é encontrável, cabendo ao pesquisador, atualizar, permanentemente, o já-lá, pois a prática consiste num

vir-a-ser, e se institui como algo novo, o que propicia a emergência de múltiplas autorias (Amaral, 2014). Assim, não importa qual seja o estilo do autor, ou tipo de texto, é sempre bom ter como base um roteiro provisório, para não comprometer o encadeamento das ideias apresentadas, nas diferentes seções ou subseções que estruturam o texto a ser elaborado, que vai sendo melhorado, ajustado, atualizado, ao longo do processo.

Esse texto, por sua natureza científica, visa comunicar os resultados alcançados por uma pesquisa, devendo ser bem fundamentado e primar pela clareza. Desse modo, seguem algumas indicações para o autor-pesquisador, para facilitar o processo redacional desse relatório:

- Inicie cada seção anunciando ao leitor o que ele irá encontrar em seu interior, esclarecendo o objetivo da mesma, sua contribuição e a indicação das principais temáticas exploradas;
- Evite excessos de adjetivos e privilegie os substantivos. Convém frisar, no entanto, que, em se tratando de pesquisas qualitativas, esta recomendação não se aplica, dado que se trata de relato de experiências; ou seja, 'textos vividos', resultantes de descrições densas, o que justifica a exploração desse recurso de linguagem;
- Prefira o uso de verbos conjugados na voz ativa à voz passiva;
- Priorize o uso de orações curtas;
- Utilize conceitos para expressar suas ideias com a clareza necessária. Lembre- se de que, por exemplo, *método, metodologia* e *procedimentos* são coisas distintas, assim como dados, *informação* e *conhecimento*. Não há sinônimos para conceitos. Racionalize o uso de parágrafos. Parágrafos longos tornam a leitura monótona e cansativa; parágrafos demasiadamente curtos, no estilo telegráfico, por sua vez, tendem à fragmentação das ideias e ao enfraquecimento da argumentação, imprimindo ao texto um caráter superficial;
- Citações objetivam esclarecer, ilustrar e reforçar os argumentos, devendo ser contextualizadas, articuladas ao conjunto

das ideias desenvolvidas, com indicação das fontes de consulta, de acordo com as normas preestabelecidas;

• O uso de ilustrações (figuras, tabelas e quadros) pode contribuir para explicações, justificativas em torno do problema investigado. Mas, cuidado! Quando não pertinente, comprometem o texto; em excesso, tendem a dispersar o leitor; se não exploradas em relação ao conteúdo das descrições, discussões e análises perdem seu sentido.

Concluída a redação de todas as seções que constituem o relatório de pesquisa, convém fazer um *check list*, tendo em vista identificar possíveis fragilidades do texto e contribuir para se ter uma visão crítica de seu conjunto.

Lima (2004) propõe ao autor-pesquisador um roteiro para avaliar o relatório de pesquisa concluído, alertando-nos de que seu uso pode ser feito ao longo dessa elaboração, como se fora um mapa capaz de orientar o desenvolvimento de cada uma das etapas, reduzindo a possibilidade de retrabalho.

GRUPO DE PESQUISA DOCÊNCIA E CIBERCULTURA (GPDOC)

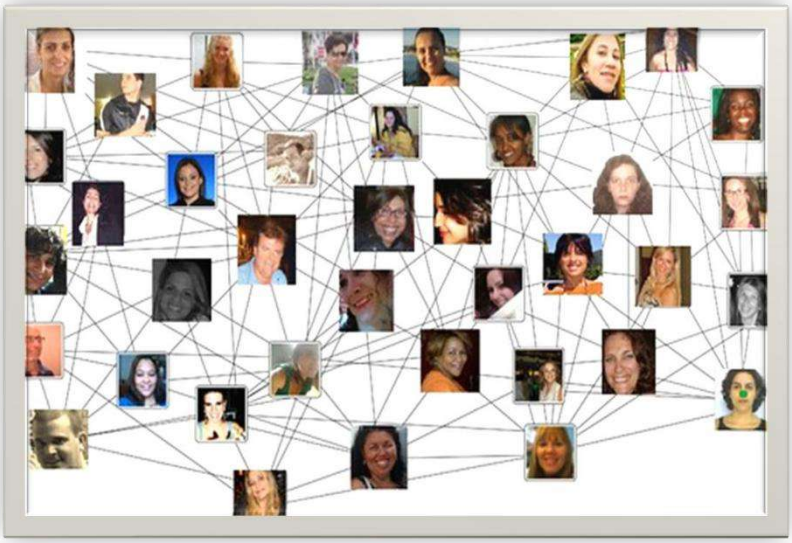
UM *'ESPAÇOTEMPO'* DE VIDA E FORMAÇÃO



2. GRUPO DE PESQUISA DOCÊNCIA E CIBERCULTURA (GPDOC): UM '*ESPAÇOTEMPO*' DE VIDA E FORMAÇÃO

O Grupo de Pesquisa Docência e Cibercultura – GPDOC, criado em 2007, inscrito na Plataforma do CNPQ-Brasil[21], e coordenado pela professora Edméa Santos, integrou o Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, na Linha de Pesquisa "Cotidianos, redes educativas e processos culturais", até 2018 (Figura 2, a seguir), quando migrou para o Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro - PPGEUC/UFRRJ (Figura 3, adiante).

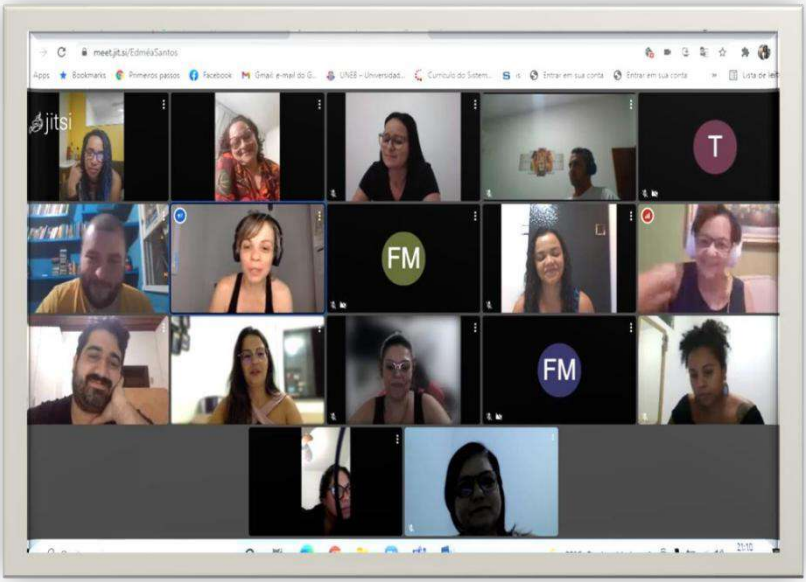
Figura 2 - GPDOC UERJ



Fonte: arquivo pessoal

[21] Disponível em: dgp.cnpq.br/dgp/espelhorh/4023554724278836. Acesso em: 03.nov. 2023.

Figura 3 - GPDOC UFRRJ



Fonte: arquivo pessoal

O GPDOC contextualiza a pesquisa acadêmico-científica na perspectiva da educação universitária. Desse modo, a Universidade além de um *'espaçotempo'* de construção dos conhecimentos, atua como locus de formação.Nesse contexto, envolve seus integrantes - mestrandos, doutorandos, pós-doutorandos, pesquisadores e bolsistas de iniciação científica, em processos colaborativos de aprendizagem e formação que não dissociam a docência da investigação científica, seja nas universidades, escolas, no ciberespaço, campos de pesquisa implicados com a cultura contemporânea, tendo como objetivos:

- Compreender os fenômenos sociotécnicos e culturais mediados pelas tecnologias digitais de informação e comunicação e suas implicações para os processos de aprendizagem e docência;
- Desenvolver metodologias de pesquisa e projetos de ensino e aprendizagem que aproximem o currículo escolar e outras redes educativas das práticas comunicacionais na cibercultura;

• Desenvolver currículos e atos de currículos para o exercício da docência online;

• Mapear os saberes docentes para o exercício da docência online;

• Compreender como as interfaces digitais podem contribuir para a produção e gestão do conhecimento (Santos, E., 2019, p. 199).

Como alcançar esses propósitos, senão por meio de uma relação dialógica, colaborativa e formativa, entre orientador-orientandos, que se concretiza em encontros presenciais no espaço institucional da universidade e/ou em ambientes virtuais de aprendizagem e redes sociais da *Internet?* Nesses '*espaçotempos*', além da orientação personalizada de cada projeto de pesquisa, exercitamos a mediação partilhada e a autoria, mobilizando letramentos digitais e científicos. Cada membro do grupo tem a oportunidade de comunicar seu processo formativo e seus dilemas de pesquisa, para que, juntos, possamos criar etnométodos, dado que cada pesquisa faz parte de uma pesquisa institucional.

Se a formação, como nos ensinam Pineau (1988) e Macedo (2020), acontece ao longo de nossas vidas, é preciso assumir que todas as experiências vividas '*dentrofora*' das instituições de ensino são potenciais oportunidades de formação, na medida em que favorecem o ato reflexivo, tomadas de consciência e disposição interna para a aprendizagem e para o desenvolvimento nos diferentes '*espaçotempos*' que habitamos.

Outro ponto que merece destaque diz respeito à necessidade de abordarmos, em nossas pesquisas, temas que transversalizam as questões de classe, raça, gênero e sexualidade, rompendo com o conservadorismo, preconceitos e distorções tratadas, na contemporaneidade.

Em outras palavras, não podemos ignorar a perspectiva interseccional, em nossos estudos. "Ninguém caminha sem aprender a caminhar, sem aprender a fazer o caminho caminhando, refazendo e retocando o sonho pelo qual se pôs a caminhar", como afirma Freire (2013, p. 13). Da mesma forma, como o *rapper* Emicida anuncia, no documentário "AmarElo – É tudo pra ontem", *"Exu*

matou um pássaro ontem com uma pedra que só chegou hoje"[22] , é preciso aprender com o passado, corrigir os problemas que aconteceram antes de a gente chegar. É urgente concertar os desencontros e injustiças pretéritas; é urgente e é pra ontem. Não só o chamamento pra luta antirracista é pra ontem – e isso engloba outras lutas, pois tudo é pra ontem.

A forma como estruturas sociais e culturais influenciam os indivíduos, ao longo da vida, inclui uma série de disposições mentais e corporais, que molda a maneira como as pessoas percebem o mundo, tomam decisões, agem e interagem com os outros, compartilhando valores e preferências culturais.

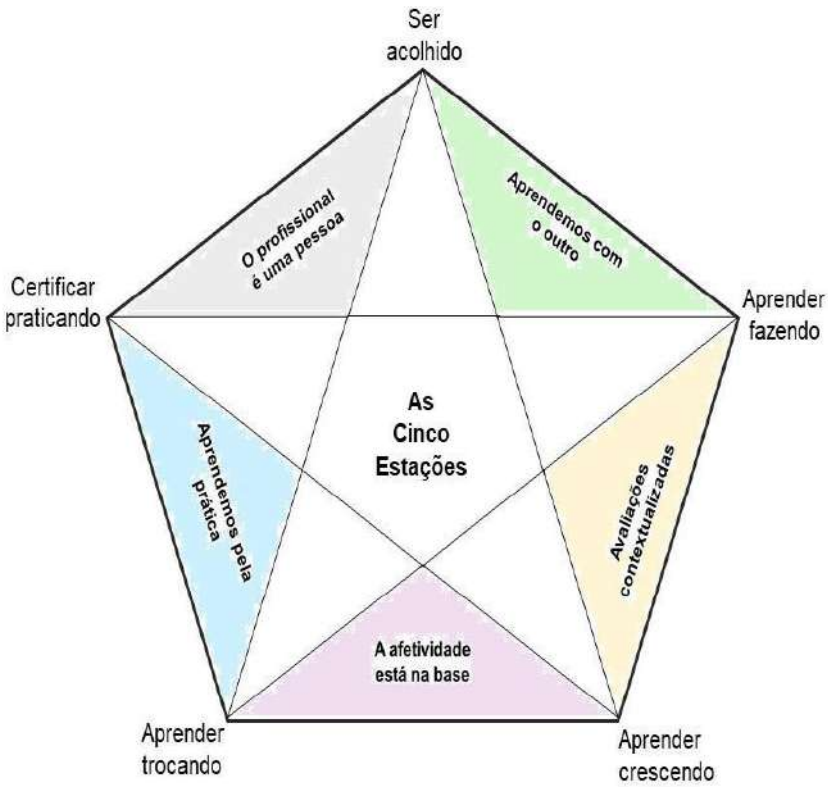
Se "aqueles que passam por nós não vão sós, deixam um pouco de si e levam um pouco de nós", como afirma Saint-Exupéry[23], a participação em um grupo pode criar laços relacionais capazes nos transformar.

Nessa perspectiva, tomamos como referência as 'Cinco estações da formação' (Figura 4), criadas por Warschauer (2017) para representar a caminhada pela formação em nosso grupo de pesquisa, ressaltando que cada uma dessas estações é regida por princípios; isso é, por pilares que as sustentam, quais sejam: o ser acolhido, o aprender fazendo, o aprender crescendo, o aprender trocando e o certificar praticando.

[22] Ditado Iorubá que que significa que as ações que tomamos hoje podem ter eitos no futuro, mesmo que não possamos ver imediatamente.

[23] Antoine Saint-Exupéry, autor de "O Pequeno Príncipe".

Figura 4 - As cinco estações da formação



Fonte: Warschauer (2017, p. 223)

Desde o primeiro momento, o do acolhimento da pessoa como um ser humano, até a certificação, a relação entre seus membros integrantes é dialógica, colaborativa e formativa, e pautada na alegria do encontro, na afetividade e no respeito mútuo; o que amplia o sentido de pertencimento ao grupo.

Nesses encontros que se estabelecem nos '*espaçostempos*' presencial e/ou *online,* estudamos em grupo, criamos etnométodos, conversamos sobre nossos dilemas e projetos, procurando, nas mediações compartilhadas, atentar e vivenciar a autoria e mobilizar letramentos digitais e científicos. Conscientes de que aprendemos na interação com o outro, discutimos e confrontamos ideias, além de relatarmos nossas experiências. Nessa ambiência, aceitar os próprios

limites e possibilidades, exercitar o olhar aprendente e a escuta sensíveis, analisar uma situação sob diferentes ângulos, controlar as próprias emoções, argumentar e se arriscar, constituem alguns dos aprendizados que, por sua vez, melhoram a qualidade comunicacional, possibilitando, ainda, a identificação de pontos fortes e fracos de cada um dos integrantes, pois quando a aprendizagem acontece, ela aparece na prática cotidiana e repercute nos resultados alcançados, individualmente e pelo grupo.

É no grupo que acontece a formação autoral do pesquisador, cujas pesquisas individuais são vinculadas a um projeto de pesquisa institucional, disparador de novas descobertas e inovação metodológica, como afirma Santos, E. (2019). Nessa perspectiva, compomos a pesquisa em rede, na medida em que cada subprojeto, vai se desdobrando e reconfigurando, de forma rizomática, na e pela dinâmica das práticas cotidianas e na criação e gestão dos ciberdispositivos utilizados pelos pesquisadores. Apesar das influências dos diversos atravessamentos que cada membro de um grupo sofre, além dos institucionais e dos circunstanciais, o grupo é um lugar privilegiado; um lugar de crescimento.

2.1 Os desafios da orientação na pós-graduação stricto sensu

A aquisição do conhecimento pressupõe um processo dinâmico de construção, desconstrução e reconstrução permanente, por parte do pesquisador. Além de uma relação racional com a informação, o processo de aprendizagem exige uma relação emocional adequada diante do conhecimento, dado que:

> O discurso do professor, a *Internet*, ou um curso, só tem o poder de transmitir informações, pois nossa mente não é uma caixa vazia, uma folha em branco a ser preenchida. Transformar informação em conhecimento dependerá do esforço, da disciplina e do empenho de cada indivíduo. Ou tudo não passará de um amontoado de palavras ou dados inúteis, uma perda de tempo, um desperdício, em todos os sentidos (Amaral, 2015, p. 8).

Sócrates, filósofo ateniense, ou segundo alguns historiadores, um personagem do filósofo grego - dado que não deixou qualquer escrito, afirma que existe uma relação intrínseca entre ética e educação, pois o conhecimento ético deve orientar as ações dos indivíduos. Dessa forma, não é sobre orientador, e seus ensinamentos, que o orientando deve fixar sua atenção para que aprenda a conduzir suas ações; mas, sobre si mesmo. O orientador não atua nem como exemplo nem como autoridade, mas como aquele que orienta o educando nessa empreitada; o que pressupõe uma reflexão pessoal e autônoma sobre as decisões práticas mais adequadas.

Mas, quem forma o orientador? O que se deve esperar de um orientador? Quais os desafios da relação orientando-orientador?

A experiência à frente de orientações de trabalhos de conclusão de curso (TCCs), dissertações e teses tem nos mostrado que orientar é uma arte; e, como tal, requer um olhar que aprende e escuta ativa, para se colocar no lugar do outro, e melhor compreendê-lo. Isso não significa concordância irrestrita por parte do orientador, que não se furta do julgamento e de dizer não, se necessário. Orientar envolve muitas atividades gratificantes, mas, também, momentos de frustração, quando não conseguimos contemplar nossas expectativas.

Não existe qualquer atividade voltada à formação de um orientador. Aprende-se a orientar, orientando, ou seja, a orientação tem início com a prática, após a conclusão do mestrado e do doutorado. Com efeito, o modo de orientar é fortemente influenciado pelas características de personalidade do orientador e pelas experiências acadêmicas e relações estabelecidas com seus próprios orientadores, seja para replicá-las, ou para a elas se opor, dimensão que, em geral, só é percebida e compreendida pelo orientando, após algum tempo de relacionamento

No entanto, espera-se que o orientador ajude o orientando a se tornar pesquisador, a realizar descobertas, a fazer escolhas teórico-metodológicas, a refletir sobre as questões que emergem, a exercitar um olhar plural sobre o fenômeno em estudo, que lhe

permita inovar, inventar e criar. Espera-se, ainda, que contribua para que o orientando se desenvolva de forma integral, reciclando seu potencial físico, intelectual, espiritual, emocional e politico.

No momento em que as individualidades, a competição, o espetáculo, o simulacro e o capital simbólico eclodem, nas redes sociais, é preciso que o orientador se humanize e permita que o orientando perceba suas forças e fraquezas, possibilitando, desse modo, que caminhem e aprendam juntos no processo de investigação.

Por outro lado, é esperado do orientando que se mantenha epistemologicamente curioso, como nos ensina Freire (2020), o que implica participação ativa na construção do conhecimento de seu objeto de pesquisa, o que exige que se coloque em movimento constante. Isso demanda questionamento, abertura ao novo e flexibilização de convicções, leitura do texto e do contexto, partilhamento de conhecimentos, e participação colaborativa. Mais do que se envolver com o conteúdo e habitá-lo, é necessário transformá-lo em algo renovado pela vida nele depositada. Estar 'em busca de', estar ideologicamente inquieto e insatisfeito é pré-condição de aprendizado efetivo.

2.2 A andarilha das cidades - uma referência de vida e formação

Não existe orientador sem grupo
Edméa Santos, 2023

Não poderia encerrar essa seção sem apresentar um pouco de Edméa Santos, ou Méa (Figura 5), como carinhosamente é chamada, a líder do Grupo GPDOC, mulher, mãe, amiga, professora-pesquisadora, estudiosa da cibercultura que, em contato permanente com as cidades, não se aparta da docência. Reinventa-se, a cada dia, buscando pistas para enriquecer suas/nossas conversas, práticas e experiências.

Figura 5 – Edméa Santos, líder do GPDOC



Fonte: acervo da autora

Na obra, "Escrevivências ciberfeministas e ciberdocentes: narrativas de uma mulher durante a pandemia Covid-19 (Santos, 2022, p. 23), se identifica com o pensamento de Conceição Evaristo que entende as escrevivências como uma escrita de si não narcisista e sim coletiva.

> O mito de Narciso nos ensinou que o encantamento com a própria imagem nos mata como sujeitos históricos e confronta o espelho d'água de Narciso com os de Oxum e de Iemanjá, personagens da mitologia africana. É exatamente aí que a imagem de pensamento dos "espelhos" muito me toca. O espelho de Oxum traz uma alegoria muito inspiradora, uma vez que me reconheço de Oxum, mesmo não tendo lhe dadoainda a minha cabeça no ritual religioso. É com a imagem de seu espelho que busco lidar com meus dilemas cotidianos, minhas invenções e existência, por mais que me pegue,

> muitas vezes, usando o espelho de Narciso. Mas é com os espelhos de Oxum e de Iemanjá que eu quero mesmo estar. Nas palavras de Evaristo [24], o espelho de Oxum acolhe a beleza negra e o de Iemanjá acolhe todos.

Singular e coletivo, Méa é simplesmente Méa. Vaidosa, inteligente, bem humorada, espontânea, ela sempre procura extrair o lado positivo de cada situação. Cidadã do mundo, de alma livre e coração aventureiro, adora viajar em suas memórias e, também, pelo mundo, em busca de experiências que gerem mais conhecimentos, seja a trabalho ou a passeio, sozinha, com a família, ou com amigos.

Implicada e implicante com as questões de educação e com o processo de '*aprenderensinar*', na medida em que essas viagens constituem itinerâncias de vida e formação, Méa amplia seus repertórios, tecendo seus conhecimentos a partir da noção de 'bricolagem', termo, oriundo do francês, *bricolage*, que, em princípio, significa um trabalho manual improvisado, mediante o aproveitamento de materiais.

Apropriado por diferentes estudiosos das Ciências Humanas, novos '*significadossignificações*' lhe são incorporados. Lévy-Strauss (1976) define esse termo como um método de expressão baseado na seleção e síntese de componentes presentes numa cultura. Derrida (1971) busca ressignificá-lo no âmbito da teoria literária, adotando-o como sinônimo de colagem de textos numa dada obra. Certeau (1994) utiliza essa noção para representar a união de vários elementos culturais que resultam em algo novo, e Lapassade (1998) entende a bricolagem como a arte de entretecer, tecer, entrelaçar diferentes contextos, inserindo sua pesquisa no âmbito da complexidade e da multiplicidade do mundo social. Desse modo, vale-se das teorias e metodologias de pesquisa que forem necessárias para a interpretação do objeto em estudo. Finalmente, no campo da pesquisa educacional, Kincheloe (2006) define a

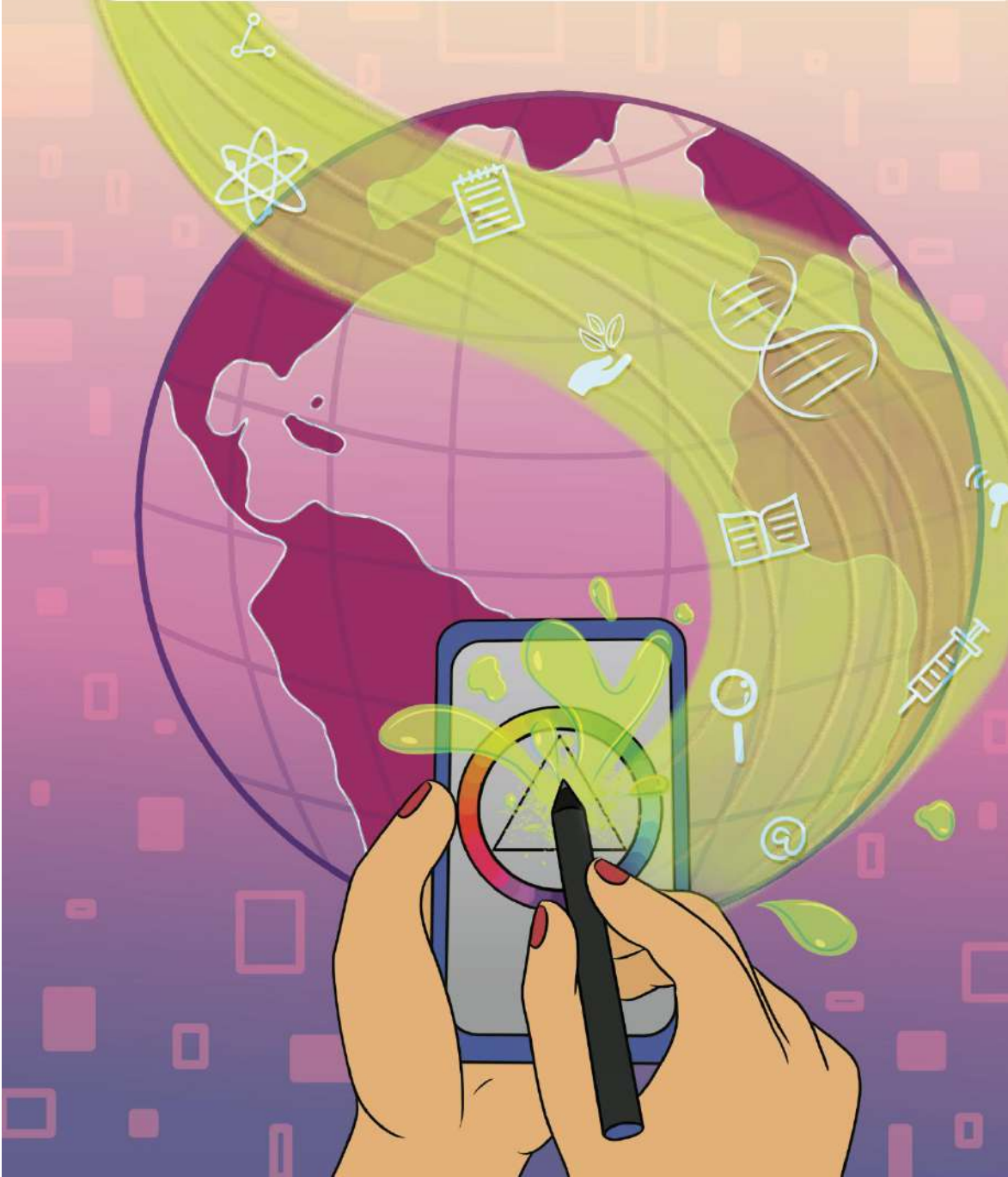
[24] Referência à Conceição Evaristo, um dos principais nomes da literatura ontemporânea ´- poeta, contista, romancista e importante teórica de estudos literários e afro-brasileiros.

bricolagem como um modo de investigação que busca incorporar diferentes pontos de vista a respeito de um mesmo fenômeno.

Nessa perspectiva, mediante a hibriditização de escutas, imagens, escritos e afetos, Méa apresenta-nos modos diversos de '*fazerpensar*' a pesquisa, inventando, juntamente com seu coletivo GPDOC/UERJ/UFRRJ, atos de currículo e diversos e diferentes dispositivos de pesquisa-formação na cibercultura, que no ajudam a compreender nosso objeto de pesquisa. Sua generosidade, simplicidade, amizade, afetuosidade, sororidade, competência e idealismo, contínuos, contagiam a todos.

EDUCAR NA CIBERCULTURA

A EDUCAÇÃO *ONLINE* AGREGANDO VALOR À FORMAÇÃO DE PROFESSORES



3. EDUCAR NA CIBERCULTURA: A EDUCAÇÃO *ONLINE* AGREGANDO VALOR À FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Figura 6 - Parte da minha vida



Fonte: *YouTube* [25]

A exemplo da mensagem da canção, interpretada por Ayrton Montarroyos (Figura 6), a *Internet* também já faz parte da minha/nossas vida(s). Viver sem ela é quase impossível, na atualidade. As mudanças dela decorrentes, possibilitadas pelas tecnologias digitais digital em rede, afetaram de forma profunda, tudo em nosso entorno, desde a maneira como interagimos com o mundo externo até nossas relações pessoais, nosso trabalho e o acesso às informações, entre outras.

Essa nova configuração, que rompe com a noção de espaço e tempo, fundamenta-se, segundo Lemos (2003), em três princípios básicos: (a) *a liberação do polo de emissão*, que coloca em xeque o modelo clássico da informação, e permite que os sujeitos colaborem

[25] Composição de Petrucio Amorim. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=c84xTZsvZUE. Acesso em: 16 jan. 2024.

e produzam suas próprias informações, vídeos, fotos, músicas, *blogs, fóruns*, entre outros; (b) a *conectividade,* que favorece a interação com outras pessoas e grupos, a produção de sentidos, o compartilhamento e a distribuição de informações, saberes e conhecimentos, criando vínculos sociais por meio de redes sociais, mensagens de texto, fotos e vídeos de celulares, entre outros; e (c) a *reconfiguração*, princípio que possibilita que sistemas comunicacionais amplos, complementares e, às vezes antagônicos, coexistam, oferecendo maior pluralidade comunicacional, mediante a convergência das mídias. Esses princípios permitem mobilizar grandes grupos no compartilhamento das informações, nas redes sociais na *Internet* possibilitando novas configurações no âmbito político, social e cultural.

A partir do uso de dispositivos móveis (celulares, *ipad, smartphones, tablets*, entre outros), estamos, a cada dia, mais conectados em rede; o que contribui para o surgimento de uma espécie de ágora virtual; ou seja, de uma praça pública e aberta na qual as pessoas podem reavivar novas relações, formar comunidades, buscar respostas para as suas questões, divertir-se, além de partilhar competências e conhecimentos. Assim, as redes sociais tornam-se cada vez mais parte do próprio tecido da sociedade, enquanto unem as pessoas na base dessas necessidades fundamentais.

Lévy (1999, p. 30) argumenta que toda essa transformação social causada pela *Internet* é a condição ideal para a 'inteligência coletiva' que, por seu "aspecto participativo, socializante, descompartimentalizante, emancipador", constitui, ao mesmo tempo, um veneno para os que dela não participam, ou o fazem parcialmente, de tão vasta e multiforme que é, e um excelente *remédio* para aqueles que nela mergulham, "e conseguem controlar a própria deriva no meio de suas correntes" (*idem*). Desse modo, dado o ritmo de alteração tecnossocial, a participação ativa dos indivíduos na cibercultura é cada vez mais requerida, ainda que a impossibilidade de consumir todas as informações

disponibilizadas *online* acarrete certa ansiedade na coletividade, de um modo geral.

No entanto, é preciso enfatizar que as plataformas por onde essas notícias circulam não estão atreladas a qualquer mecanismo de responsabilização. Os conteúdos nelas produzidos circulam livremente, devido à ausência de regulamentação. Desse modo, não estando sujeitos a processos de verificação empregados por editores, em geral, e por governos e autoridades educacionais, qualquer pessoa pode publicar uma página jornalística aparentemente crível.

Nesse contexto, afirma Lévy (1999), características positivas e negativas relacionadas às evoluções tecnológicas podem estar diretamente ligadas aos fenômenos que surgem e se popularizam na *Internet*, permanecendo, em maior ou menor grau, no imaginário coletivo. Para Cardoso (2019), isso requer atenção redobrada, dada a sobrecarga de informações a que somos submetidos, continuamente; em particular, aquelas que contêm 'verdades' ou 'falsidades' parciais, e que, sequer temos tempo e experiência para verificar sua autenticidade. A questão central, enfatiza a autora, é que, paralelamente a esse bombardeio, cada vez mais estamos polarizados sociopoliticamente, o que faz com que nos retiremos para um universo personalizado, no qual a informação não é abordada como informação em si (se verdadeira ou falsa), mas como um conjunto de marcadores de identidade, reveladores de nosso caráter e crenças.

> […] podemos acreditar (ou não) numa determinada declaração política, não porque a analisamos e avaliamos criticamente, mas porque nós aprovamos (ou desaprovamos) o político que o faz. Da mesma forma, podemos acreditar (ou desacreditar) em um determinado consenso científico - sobre qualquer coisa - desde mudanças climáticas até a eficácia das vacinas - por causa dos círculos com os quais nos identificamos. (…): nosso senso de

> realidade está se tornando cada vez menos consensual, e sempre mais tribal […] (Cardoso, 2019, p. 466)[26] [Tradução nossa].

Esses fenômenos da cibercultura, numa perspectiva macro, referem-se a todas as manifestações culturais, sociais, comportamentais e tecnológicas que emergem da interseção da cultura e da tecnologia digital, particularmente da *Internet*, moldados pelo modo como as pessoas constroem suas identidades digitais, participam em comunidades *online*, interagem e se relacionam com essas tecnologias, por meio de plataformas de mensagens, redes sociais e fóruns.

Castro e Santos, R. (2021), entendem os fenômenos da cibercultura como o conjunto de práticas sociais e culturais cotidianas engendradas pelos praticantes culturais com os usos de tecnologias digitais em rede", alicerçadas nos princípios que regem a cultura contemporânea, como a colaboração, a interatividade e o compartilhamento. Nesse ponto, ressaltamos, que tais fenômenos estão em constante evolução à medida que a tecnologia avança e a sociedade se adapta às mudanças, refletindo os contextos locais e globais em que surgem.

Recuero (2009) aponta dois tipos recorrentes de fluxos de informações nas redes sociais da *Internet*, que, em nosso entendimento, podem ser aplicados aos fenômenos da cibercultura: o *capital social relacional*, que corresponde a tudo aquilo que é compartilhado, intencionalmente, para estreitar os laços sociais - fortes e fracos, e o *capital social cognitivo*, que enfatiza o conteúdo. Outro fator importante a ser considerado em relação a esses fenômenos é que enquanto informações (objetos virais) ligadas ao contexto do dia (ou minuto) são logo esquecidas, aquelas

[26] "[...] we may believe (or disbelieve) a given political statement not because we have critically analysed and evaluated it but because we approve (or disapprove) of the politician making it. Likewise, we may believe (or disbelieve) a given scientific consensus – on anything from climate change to the effectiveness of vaccines – because of the social circles with which we identify. (...): our sense of reality is becoming ever less consensual, and ever more tribal [...]" (Cardoso, 2019, p. 466).

que inovam contribuem para transcender a textura da realidade de sua origem e conseguem interrogar sucessivas realidades futuras. Desse modo, é legítimo afirmarmos que o 'viral', geralmente, não passa de um meio fugaz, ainda que, às vezes, ultrapasse sua condição instantânea.

Diante do exposto, concebemos, também, como 'fenômenos da cibercultura', práticas cotidianas inovadoras, realizadas pelos sujeitos no digital em rede, com o apoio de ciberdispositivos que evoluem de um fato histórico-cultural, gerando repercussão, que impacta nossos comportamentos e sociabilidades. Sua principal característica é a viralização,

Importante ressaltar que o termo viral, derivação sufixal da palavra virus, passa a ideia de contaminação. No entanto, esta palavra tem sua origem a partir de lançamentos de *clips* bem construídos e postados no *YouTube*, que alcançaram milhões de acessos em nível mundial, tornando-se um VIRAL, dada a sua contagiante influência e reconhecimento pela mídia, resultando grande sucesso e reconhecimento para seu autor.

A viralização, que surgiu com o crescimento do número de usuários nas redes sociais e nos *blogs*, atingiu sua plenitude na cultura digital. Para Carrión (2020, p. 67),

> a viralização consiste num sistema de seleção de informações artificial - muitas vezes algoritmicos relevantes em um ecossistema supersaturado de dados, textos, narrativas e artefatos artísticos e OCVI[27]. A relevância, é claro, nem sempre tem a ver com critérios de verdade, interesse geral ou excelência; frequentemente responde aos ritmos atuais, tópicos de tendência, pós-verdades, palavras-chave ou correlações de Big Data[28] [Tradução nossa].

[27] OCVI - Objetos Culturales Vagamente Identificados.

[28] És un sistema de selección artificial - a menudo algorítmica- de la información relevante en un ecosistema sobresaturado de datos, textos, artefactos narrativos y artísticos y OCVI. La relevancia, por supuesto, no siempre tiene que ver con criterios de verdad, interés general o excelencia; a menudo responde a los ritmos de la actualidad, los *trending topics*, las posverdades, las palabras clave o las correlaciones del Big Data (Carrión, 2020, p. 67).

Utilizado para designar os conteúdos que ganham repercussão na *Web*, esse sistema estimula a velocidade e a superficialidade informacionais tão criticadas por Paul Virílio [2927].Para ele, vivemos a era da "dromologia" (dromos = corrida), na qual a pressa impõe o ritmo e a medida de todas as coisas", negando a reflexão.

O surgimento da mídia viral, voltada para a disseminação da informação em massa nas redes sociais foi questionado por Jenkins (2009), para quem, a viralização pode ser direcionada, mas nunca decidida, dado que o centro de gravidade não se encontra na mídia, mas no cérebro de cada indivíduo, para onde histórias e informações convergem, circulando e se infiltrando nas conversas, que podem ser socializadas, na medida em que seus leitores acreditam que compartilhá-las é uma contribuição ou um presente para seus círculos de interlocutores.

Com efeito, a cibercultura constitui uma ambiência propícia para a difusão em massa desses fenômenos, em velocidade nunca antes imaginada. Assim, assuntos como ativismo político-social, *fake news* e desinformação, entre outros, ganham proporções gigantescas, acompanhadas de comentários, curtidas e compartilhamentos.

Cada vez mais presentes nas redes sociais, os ***memes*** ganham relevância, especialmente devido ao seu potencial viral e replicativo. Requer apenas que se tome como base uma ideia já estabelecida no cenário cultural, apropriando-se de sua relevância e da intervenção autora e criativa do praticante, para bricolar a lógica e a mensagem na produção de um novo sentido contextualizado. Nascem a partir de uma conotação simbólica que permeia seu estado de produção, transportam esses significados em sua própria constituição e entregam um propósito significativo de conclusão. Desse modo é preciso que o leitor faça uma

[29] Filósofo, urbanista francês, arquiteto, polemista, pesquisador e autor de vários livros sobre as tecnologias da comunicação. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Paul_Virilio. Acesso em: 23 out. 2023

associação lógica interpretativa entre o contexto associativo que o *meme* deseja representar e o conteúdo narrativo da mensagem que o *meme* deseja transmitir. Uma relação associativa-interpretativa que à primeira vista pode parecer complexa e penosa, mas se desenvolve com naturalidade nos ambientes sociais da atualidade. Retirados de imagens, desenhos, filmes e propagandas, recriam e reproduzem situações e elementos da cultura popular, em tom cômico e satírico, quebrando tabus e abrindo espaços de discussão e reflexão.

Em sua tese de doutorado intitulada "A educação museal *online:* uma ciberpesquisa-formação na/com a seção de assistência ao ensino (SAE) do Museu Nacional/UFRJ, Frieda Maria Marti (2021) elaborou a série '*memes* científicos' que versavam sobre a zoologia e o conhecimento popular acerca de algumas espécies. Em algumas postagens o meme era acompanhado de um texto com conhecimentos zoológicos sobre a espécie em questão e uma pergunta disparadora e, em outras, o meme era associado a uma pergunta disparadora apenas (Figura 7), adiante, objetivando a emergência de múltiplos conhecimentos sobre as espécies, a fim de popularizar os conhecimentos científicos produzidos, até então, sobre as mesmas.

A liberdade de expressão, uma conquista da democracia brasileira, transformou-se em escudo para todos que acreditam que podem falar ou escrever o que quiser, livremente. Nesse contexto, grupos resguardados pela Constituição de 1988, em seu artigo 5º, e pela possibilidade de criar perfis falsos, aproveitam para promover e viralizar *fake news* e desinformação, num volume e velocidade, nunca dantes imaginados, acarretando prejuízos incalculáveis. Cada vez mais sofisticadas, essas notícias ganham uma feição amigável, mas trazem conteúdos polêmicos e explosivos, utilizando-se de disputas ideológicas e assimetrias culturais, sociais e econômicas para se propagar.

Figura 7- Meme científico porquinho-da-índia com informações sobre a espécie



Fonte: *Instagram* da SAE, 2018[30]

A desinformação consiste no processo pelo qual uma notícia falsa ou parcialmente falsa, conceitos distorcidos ou fatos fora de seu contexto natural são, sistematicamente difundidos por personalidades públicas e/ou pela imprensa, gerando a percepção, entre o público consumidor de informações, de que as mesmas são informações confiáveis. Tem sido comum a circulação de receitas caseiras, bem como a indicação de medicamentos, como a cloroquina e o remédio contra piolhos, entre outros, nesses tempos de pandemia, o que tem impactado as campanhas de vacinação de combate ao novo coronavírus. Não estamos aqui negando a medicina alternativa, mas alertando para os perigos decorrentes da circulação de informações sobre a cura da COVID-19, sem qualquer comprovação científica.

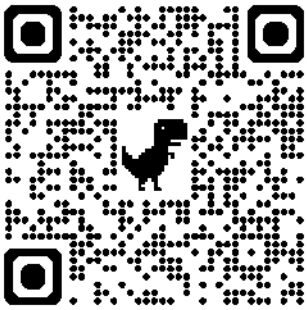
Num cenário caracterizado pela abundância de informações e a deficiência de instrumentos que possam avaliar sua credibilidade, o

[30] Disponível em: https://www.instagram.com/saedigital. Publicado em 13 dez. 2018. Acesso em: 23 out. 2023.

recurso da notícia descontextualizada vem sendo muito utilizado, devido a probabilidade de que ela não seja contestada. No entanto, esta situação vem mudando, na medida em que a I*nternet* permite que os indivíduos expressem seus pontos de vista, especialmente nas redes sociais. Um exemplo disso é o mapeamento do termo 'tratamento precoce', para Covid-19 (usado, prioritariamente, no campo do negacionismo), de autoria de Fabio Malini[31], realizado no período de março a julho de 2020. Esse estudo localizou mais de 21 mil perfis que desinformam sobre o assunto, enquanto cerca de 5 mil perfis se dedicam a trazer as evidências científicas. De acordo com o autor, os perfis que defendem o 'tratamento precoce', com o que há de mais atrasado na medicina, formam um ecossistema e são tão letais, quanto o próprio vírus.

Nessa mesma direção, a campanha "Todos pelas vacinas" (Figura 8), uma iniciativa que reuniu organizações ligadas à divulgação científica, entidades científicas, artistas e personalidades, com diversas ações nas redes sociais com a *hashtag* #**TodosPelasVacinas** teve como objetivo esclarecer dúvidas sobre o assunto e combater a disseminação de notícias falsas.

Figura 8 - Site da Campanha "Todos pela Vacina"



Fonte: *Site* 'Todos pela vacina' [32]

[31] Disponível em: *https://twitter.com/fabiomalini/status/1350079250955689984*. Acesso em: 24 jan. 2021.

[32] Disponível em: *https://www.todospelasvacinas.info/*. Acesso em: 06 fev. 2021

Como a própria vida, esse ambiente apresenta inúmeras contradições, nas quais os conflitos de interesse emergem dos discursos que se manifestam nos planos mercadológico, midiático e estatal. Enquanto alguns autores, como Kellner e Share (2008) e Rüdiger (2011) criticam o crescente controle e exploração do ciberespaço pelo poder econômico organizado, Lévy *(op. cit.)* argumenta que os efeitos da computação social sobre a democracia são altamente positivos, pois aumentam as possibilidades da inteligência coletiva e, por sua vez, a potência do povo, ao renovarem formas e intensidades de pressão sobre os governos, por mais transparência, abertura e diálogo.

Polêmicas à parte, na cibercultura, os meios de comunicação tornaram-se o espaço social no qual o "poder" e o grau de autonomia com que indivíduos e coletividade consomem, produzem e disseminam informações, são decididos por meio do acesso e uso pleno das tecnologias digitais.

Atuar, portanto, na cibercultura é mais que utilizar tecnologias digitais; é mergulhar em um campo de forças, em um território em constante reconfiguração, no qual a vida pulsa entre conexões, linguagens e subjetividades. É viver os fluxos/movimentos que atravessam o contemporâneo, sejam eles éticos, estéticos, sociais, culturais, poéticos e/ou políticos.

Para Lévy (1999), trata-se de um território rizomátic**o**, sem centro e sem fronteiras fixas, que articula o humano e o maquínico, o cotidiano e o virtual, o corpo e o código, a presença e a ubiquidade, no qual cada conexão abre novas possibilidades de criação e de sentido.

Nessa ambiência, há uma *dimensão ética*, em fluxo, que é processual, relacional e dinâmica, e valoriza os movimentos, conexões e potências de vida. Para Santos e Rangel (2020), no contexto contemporâneo, estar nas redes é estar no mundo em múltiplas dimensões, com intencionalidade, afetos e responsabilidade, o que exige cuidado com a palavra, com a escuta, com o outro que nos lê, nos vê e nos sente a distância, dado que, nas redes, nossas ações reverberam em escala.

Nesse sentido, essa ética é também uma estética, porque se faz nas formas de expressão, nos modos de dizer e de se mostrar, nas curadorias de si e do mundo que compartilhamos.

A *dimensão estética* traz outras formas de experiência e expressão. Nessa perspectiva, as estéticas do perfeito dão lugar às estéticas do processo, da impermanência e do inacabado, do remix, da bricolagem, nas quais o audiovisual, a ética *hacker* (Pretto, 2010), a cultura remix (Lemos, 2005) e a gamificação ((McGonigal, 2012; Carolei e Tori, 2014), reformulam o modo como '*aprendemosensinamos'*.

Santaella (2010, p. 81) observa que "não há uma linearidade na passagem de uma era cultural para a outra, pois elas se sobrepõem, misturam-se, criando tecidos culturais híbridos e cada vez mais densos", instaurando, modos estéticos interativos e abertos. Com efeito, a beleza se desloca: não está apenas na obra finalizada, mas na criação colaborativa, nos remix, nos memes, nas narrativas efêmeras das redes. Portanto, é legítimo afirmarmos que a estética digital constitui uma estética da artesania contemporânea, na qual o erro e a improvisação ganham valor expressivo. Nesse contexto, docente e discentes são vistos como ciberartesãos, fazendo da técnica uma extensão da sensibilidade, ao tecerem sentidos com o que têm às mãos, com o que o cotidiano oferece, com o que flui e escapa. A arte digital, os memes, os vídeos caseiros, os *posts* autorais constituem matéria de criação e reinvenção do sensível.

Em relação às *dimensões social e cultural*, a cibercultura amplia vozes e tensiona silêncios, democratiza a produção de sentidos, ao tempo em que deixa expostas desigualdades, exclusões e disputas de poder. Palco de visibilidade, reconfigura a política e o pertencimento, dando lugar a novas formas de ativismo, de engajamento, de coletividade, de onde emergem conflitos e invenções, e batalhas simbólicas são travadas nas narrativas do real.

Lemos (2002) lembra que a cibercultura amplia o espaço público criando novos territórios de sociabilidade e produção simbólica. Contudo, essa ampliação não é neutra: os algoritmos

selecionam, os fluxos informacionais hierarquizam, as bolhas digitais filtram o mundo.

Trabalhar nesse contexto, portanto, é atuar criticamente nesse campo de forças, reconhecendo as assimetrias de poder e buscando fissuras para o exercício da autonomia e da autoria. É lutar contra o apagamento de vozes, promovendo o reconhecimento da diversidade racial, cultural, de gênero e de pensamento, que constitui a própria teia digital.

Nessa perspectiva, a ascensão da Inteligência Artificial Generativa (IA-Gen), popularizada, no final de 2022, pelo ChatGPT da *startup* OpenAI, tem preocupado cada vez mais a sociedade, em geral, e, em particular a educação, na medida em que o *chatbot* é capaz de gerar respostas e interagir com o usuário de uma maneira 'mais humana', a partir dos dados com os quais foi treinado por meio da prática de *machine learning*.

Não há como saber como o desenvolvimento da IA-Gen irá modificar, de forma significativa, a maneira como vivemos atualmente, mas já é possível prever algumas de suas influências, como, por exemplo, nas áreas (i) *da mobilidade urbana*, com a chegada de carros elétricos autônomos, que já vêm sendo testados e prototipados, e de transportes aéreos públicos; (ii) *da robótica*, com o desenvolvimento de robôs, que auxiliam os serviços domésticos e a indústria, na medida em que eliminam tarefas repetitivas, liberando as pessoas para tarefas criativas; (iii) *da saúde*, com o uso de robôs em cirurgias e procedimentos hospitalares, no monitoramento do estado de saúde dos pacientes, além de aplicativos que possibilitam coletar e analisar dados, tendo em vista a melhoria da qualidade de vida das pessoas; (iv) *da segurança pública e privada*, com o uso de câmeras automáticas e drones, ou de algoritmos para fins de detecção de fraudes financeiras; (v) *de energia*, mediante o ajuste de temperaturas em residências e organizações, em geral; (vi) *do entretenimento*, com o desenvolvimento de algoritmos em jogos, com vistas à resolução de problemas matemáticos, mais complexos, ou, ainda, no aprendizado de como os *games* funcionam, para que consigam

uma interação ainda melhor e mais profunda com os jogadores; (vii) *da indústria automatizada*, com a utilização de robôs substituindo trabalhadores por braços mecânicos, nos setores de automatização, linhas de montagem e distribuição.

Com efeito, no cenário contemporâneo, atravessado por fluxos digitais, seja nos corredores acadêmicos, nas mesas de café e nos tribunais do saber, a discussão sobre o papel das IA-Gens, em nossos escritos, é o assunto do momento, 'a bola da vez'. Enquanto uns aclamam o inédito, outros temem a sombra.

O ato de escrever, outrora, exclusivamente humano, já não nos pertence por inteiro. Algoritmos generativos, nutridos por imensos mares de dados, produzem textos coerentes, criativos e, por vezes, de uma sofisticação perturbadora. Somos autores, ou não?

O debate se amplifica. Entre promessas e riscos, o que se disputa é mais do que a autoria: é o próprio sentido do humano na escrita. No entanto, é preciso compreender que essas inteligências não são autoras, pois carecem de intencionalidade e responsabilidade. Funcionam como mediadoras ativas, capazes de potencializar a criação quando o humano assume o papel de curador, responsável por dar direção, sentido e ética às produções.

Nesse cenário, a educação não deve ver essas tecnologias como ameaças, mas como oportunidades de ampliar práticas criativas, inclusivas e críticas, desde que o docente mantenha centralidade na mediação.

Não há dúvidas de que a Inteligência Artificial Generativa mudou nosso modo de vida. No entanto, esses avanços e mudanças merecem constantes reflexões. Apesar de esse dispositivo, na maioria das vezes, responder de forma lógica, já foi flagrado por usuários criando uma narrativa falsa para justificar uma lógica em sua resposta. Nessa perspectiva, a questão que se impõe é: essa habilidade poderia otimizar a divulgação, criação e disseminação das chamadas *Fake News*?

Os fatos demonstram que sim. Por meio da IA-Gen, algorítmos racistas buscam, de modo intencional, perpetuar as desigualdades e

as diferenças, e aplicativos estão sendo usados para falsificar nudes e vídeos pornográficos, no Brasil (Figura 9).

Inspirada nos pôsteres da Disney, a deputada Renata Souza, presidente da CPI do Reconhecimento Fotográfico, Renata formulou um *prompt*, solitando que fosse criada a imagem de uma mulher negra, de cabelos afro, com roupas de estampa africana num cenário de favela. E essa foi a imagem gerada.

Figura 9 – Imagem gerada pela IA



Fonte: *Twitter* [33]

O que leva a IA-Gen a associar esse corpo e essa identidade à violência, ao impunhar uma arma? *"Em um mundo forjado pela branquitude, que tem o domínio sobre as tecnologias, a reprodução da estrutura racista se dá em todos os espaços e ferramentas. Não há isenção ou imparcialidade; é claramente racismo algorítmico"*, afirma Renata, sendo preciso rever essas tecnologias e procedimentos.

O programa "Fantástico", exibido em 05 de novembro de 2023, na TV Globo, por sua vez, trouxe uma reportagem sobre o lado

[33] Disponível em: https://twitter.com/renatasouzario/status/1717578373826810202. Acesso em: 12 nov. 2023.

perigoso da Inteligência Artificial Generativa - como aplicativos estão sendo usados para fabricar nudes e vídeos pornográficos (Figura 10).

Figura 10 – QR Code sobre a reportagem



Fonte: Fantástico/ Globo[34]

É fato que crimes de manipulação e a distribuição de imagens sem consentimento são previstos no artigo 216-B do Código Penal (que penaliza toda e qualquer pessoa que pega uma imagem e a manipula, altera ou divulga com o nu, de uma prática sexual ou qualquer outro tipo de nu, verdadeiro ou não) e, também no artigo 218-C (pegar a imagem com a nudez e divulgar, dar publicidade, compartilhar no *WhatsApp*). No entanto, as cicatrizes deixadas em cada vítima desse abuso são indeléveis.

Paulo Freire afirma que não basta denunciar; é preciso buscar soluções, outras alternativas que reduzam ou coloquem um ponto final nessas questões. Nessa direção, a prevenção contra golpes e *deepfakes* entra no radar de executivos, que criam tecnologias para distinguir o que é verdadeiro ou criado artificialmente, como falsos nudes; vale dizer, aplicam inteligência artificial contra crimes digitais que usam a mesma tecnologia (Figura 11).

[34] Disponível em: https://g1.globo.com/fantastico/. Acesso em 06 nov. 2023.

Figura 11 – Robõ humanoide – a outra face da IA



Fonte: O Globo[35]

Paola Cantarini, pós-doutoranda Faculdade de Direito de Ribeirão Preto da USP, em artigo intitulado *Ghost work e big data*: uma nova forma de servidão e de colonialismo?, publicado, no Jornal da USP[36], em 11.01.2024, discute os impactos da IA-Gen, no futuro do trabalho, ressaltando o alto potencial de substituição do trabalho humano, num espectro sem precedentes, bem como a maior concentração de renda nessa nova fase, que propicia o surgimento, de um novo subprecariado, exemplificado pelas "plafaformas austeras ou de trabalho" (Uber, Airbnb, TaskRabbit e Mechanical Turk). Para ela, qualquer análise acerca dessa tecnologia deve levar em conta suas implicações filosóficas e sociológicas, bem como sua possível regulamentação jurídica, dado que a perspectiva técnica se entrelaça com o direito e a vida, com desfechos muitas vezes imprevisíveis.

---

[35] Disponível em: https://oglobo.globo.com/economia/tecnologia/noticia/2023/11/12/ia-x-ia-empresas- usam-inteligencia-artificial-contra-crimes-digitais-que-usam-a-mesma-tecnologia.ghtml. Acesso em: 12 nov. 2023.

[36] Disponível em: https://jornal.usp.br/artigos/ghost-work-e-big-data-uma-nova-forma-de-servidao-e-de- colonialismo/ Acesso em: 17 jan. 2024.

Com efeito, o grande desafio apresentado pela Inteligência Artificial, seja em sua forma generativa ou não, é colocar-se a serviço do homem, como um instrumento de progresso social, solidariedade e igualdade, a fim de que, devido a vieses cognitivos que podem se esconder na lógica algorítmica, possa replicar, ampliar e amplificar discriminações e preconceitos que ainda nos aprisionam, na atualidade.

Em síntese, a IA-Gen não pode dar as costas à racionalidade e ser utilizada para fins racistas, 'naturalizados' na sociedade brasileira. Como enfatiza Paola Cantarini, é fundamental a definição de limites, além do qual a tecnologia não deve se estender, ou estaremos lhe delegando a definição do perímetro dos direitos e liberdades. Nesse sentido, torna-se necessária uma regulamentação capaz de não bloquear, mas de orientar esses avanços, colocando-os também em um quadro axiológico, que a torne sustentável, do ponto de vista democrático.

Mas há também *dimensões poéticas* na cibercultura que emergem do ordinário, transformando o comum em matéria simbólica. São práticas de resistência e de encantamento que revelam que o humano ainda pulsa no ciberespaço; são também estéticas da alteridade, espaços de experimentação do sensível e do outro (Canevacci, 2009); uma força criadora que move as práticas e os afetos, dado que cada um de nós, conectado, é de algum modo, um autor de si, um narrador de mundos, um artesão de redes que, por meio de *posts, stories* e vídeos, vai compondo mosaicos de existência, que revelam o desejo humano de se comunicar, partilhar, ser visto e aceito. Nessa perspectiva, poéticas do comum são tecidas, traduzindo o banal em potência expressiva.

Dimensões políticas também ocupam esse 'e*spaçotempo*' de disputa e de emancipação, no qual tecnologias tanto podem libertar, conectar, abrir caminhos de resistência e criação, como podem controlar, vigiar, padronizar. Nessa perspectiva, o movimento político na cibercultura está em quem a habita: nas escolhas cotidianas, nas formas de presença e ausência, nas estratégias de visibilização e nas artes de (re)existir, como ato de

presença.

Como nos lembra lembra Deleuze (1992), é na política que novos modos de existência são criados; e, navegar pela cibercultura é participar dessa criação contínua, é inventar maneiras de ser, de '*aprenderensinar*', de conviver e de resistir. Isso requer mover-se em meio a incertezas, mas também em meio a possibilidades. É aprender a navegar entre fluxos, deixando-se afetar e se transformar, continuamente, sensível às tessituras da vida: escutando o murmúrio dos dados e o silêncio dos corpos.

Atuar na cibercultura, portanto, é habitar um movimento; estar em travessia constante, sendo ao mesmo tempo autor e aprendiz, pesquisador e experimentador, navegante e navegado, reconhecendo que as tecnologias não nos substituem; nos ampliam. É antes de tudo, estar com o outro, em uma ética da presença, em uma estética do encontro, social e cultural, de onde o poético e o político se entrelaçam como fios de uma mesma teia viva.

3.1 Do Ensino Remoto Emergencial (ERE) à Educação *Online* (EoL): percalços e descobertas

Atravessados pelos acontecimentos que, como afirma Galeffi (2016, p. 13), não constituem "jogos-jogados, mas jogos-jogantes", vidas-viventes" e, diante da necessidade de distanciamento físico imposto pela pandemia do novo coronavirus, permitimo-nos - na condição de docentes-pesquisadores, abertos e prontos a incorporar, interrogar, analisar e buscar compreender tudo o que nos chega -, experenciar o Ensino Remoto Emergencial (ERE), uma forma de garantir a vida da universidade pública, laica e gratuita, alternativa encontrada para que as aulas não fossem suspensas e o processo de '*aprendizagemensino*' não sofresse interrupção.

Com efeito, o avanço da Covid-19

> [...] nos coloca diante de muitas questões complexas, relacionadas à saúde, à finitude da vida, às teorias de conspiração, à recuperação da economia, à manutenção de empregos e à educação, em particular,

> já que a suspensão das aulas ou a mudança de modalidade de ensino, devido à pandemia, preocupa toda a sociedade em relação ao futuro de nossos estudantes, sendo fundamental criar estratégias para que as atividades escolares não sejam interrompidas (Amaral; Rossini; Santos, E., 2021, p. 1).

Nesse contexto, o uso do Ensino Remoto aumentou exponencialmente, deixando em seus rastros conflitos de todas as ordens e magnitudes, sejam políticos, sociais, trabalhistas, familiares e/ou econômicos. As dificuldades se ampliavam, a cada dia, seja pela falta de infraestrutura tecnológica das instituições e de preparo dos professores para a docência em ambiências *online*, o que evidenciava a indiferença de alguns gestores educacionais em relação às potencialidades do digital em rede. Nesse contexto, muitos professores se perguntavam e como adequar o planejamento anterior à realidade atual, como se adaptariam a esse novo contexto. A Figura 12, a seguir, retrata as diferentes estratégias utilizadas, pelos professores.

Figura 12 - Impactos e adaptações do ERE para o trabalho docente



Fonte: Nas Tramas de Clio [37]

Essas mudanças deixaram expostas a desigualdade de acesso às oportunidades, experiências, habilidades e conhecimentos necessários à plena participação dos estudantes, na cibercultura, acentuando a exclusão social (Figura 13).

[37] Disponível em: https://nastramasdeclio.com.br/historia/como-fica-a-educacao-em-tempos-de- pandemia/. Acesso em 04 nov. 2022.

Figura 13- Ensino remoto: a institucionalização da exclusão



Fonte: *Google* imagens[38]

Sobre exclusão digital, o *podcast Docentes na pandemia 1*[39] traz as falas de Nilda Alves e Edméa Santos, docentes-pesquisadoras, conceituadas, no campo da educação, que expressam suas percepções sobre a exclusão digital dos professores, obrigados a atuar, de forma remota, sem um mínimo de preparo para o enfrentamento desse desafio, resultando sofrimento e estresse.

No entanto, em meio a todas essas dificuldades, os professores não paralizaram. Adaptaram-se aos novos tempos. Resilientes e resistentes buscaram formas outras que lhes ajudassem a atuar, a distância, como por exemplo:

• Participação em cursos de formação e capacitação oferecidos por suas instituições, tendo em vista o desenvolvimento de habilidades, incluindo a criação de conteúdo educacional *online*, a gravação de vídeos e a edição de áudio e vídeo;

[38] Disponível em: http://www.radiocom.org.br/?p=15390. Acesso em: 20 jan. 2021.
[39] Disponível em: https://anchor.fm/labeduimagem/episodes/Docentes-na-pandemia-1-erb0sc/a-a4q23eh. Acesso em: 20 jan. 2021.

• Compartilhamento de materiais e experiências no processo de *'aprenderensinar'*, de forma colaborativa, tendo em vista a promoção da aprendizagem profunda e do pensamento crítico;

• Aprendizagem autônoma, experencial ('*aprenderfazendo*'), por conta própria, vivenciando situações que fizessem sentido, articuladas à realidade;

• Flexibilização das atividades em relação a prazos, horários e modelos de avaliação, dadas as condições específicas impostas pela pandemia;

•Uso de dispositivos digitais como *Moodle, Canvas, WhatsApp, Google Meet, Zoom* e *Microsoft Teams*, entre outras, por meio de tutoriais ou outros recursos que lhes auxiliassem a realizar atividades em grupo e a disponibilizar materiais *online*;

• Envolvimento dos estudantes em atividades *online*, incluindo discussões em grupo e trabalhos em equipe e *feedback* individualizado;

• Acesso à informação necessária para que os estudantes pudessem acompanhar e participar dos estudos;

• Colaboração com outros professores: a pandemia também incentivou a colaboração entre professores universitários, incluindo o compartilhamento de materiais e a criação de recursos de ensino conjuntos;

A adaptabilidade, portanto, pressupõe que aprender é um processo de descoberta que se desenvolve à medida que os praticantes são expostos a diferentes contextos e experiências, o que exige flexibilidade.

Nesse ponto, somos convidados a refletir sobre a sala de aula híbrida, dado que escolas, ansiosas por dar um fim ao distanciamento físico, retomam as atividades presenciais, dedicando algum tempo à modalidade *online*.

Um aspecto que muito nos inquieta consiste na centralidade conferida ao aparato tecnológico, na utilização do ERE, em detrimento do projeto pedagógico e das condições objetivas do processo de aprendizagem, comportamento comumente adotado em diversas políticas educacionais. Preocupa-nos, ainda, verificar

que a EAD, muitas vezes, é utilizada como mero instrumento de acesso à informação, conteúdos programáticos, certificação, entre outros, e não leva em conta a necessidade de o sujeito tornar-se produtor de conhecimentos, bens e serviços. Além disso, observamos certa fetichização das tecnologias digitais, caracterizada pelo maior valor dado a sua propriedade, em detrimento de suas reais potencialidades na educação - em particular, na educação *online*.

Santos, E. (2021) afirma que, com a redução do número de casos de COVID 19 e a retomada das atividades presenciais, a demanda pelo Ensino híbrido tem aumentado e, com ela, a necessidade de articular espaços, tempos e pedagogias, aproveitando o que há de melhor em cada arranjo curricular. Aposta, desse modo, em desenhos didáticos para salas de aulas híbridas na cibercultura, praticados atualmente, com ênfase na formação de professores, destacando-se suas características e contradições.

Para a autora, o ensino híbrido discutido e praticado em rede e nas redes pode ser reunido em três categorias: (a) *ensino híbrido com tecnologia educacional*, tendo em vista transmitir conteúdos e atividades do espaço presencial para o espaço *online*, conectando a escola com a casa dos estudantes via *Internet*; (b) *ensino híbrido com metodologias ativas*, que contempla a convergência de espaços, tempos e práticas mediadas por tecnologias e arquiteturas diferenciadas de salas de aula. Nessa proposta, a centralidade do processo de '*aprenderensinar*' é conferida ao estudante e o professor atua como um simples 'facilitador do aprendizado', como se a aquisição do conhecimento necessitasse de um especialista para simplificá-lo; e (c) *ensino híbrido com e na cibercultura* (educação *online*), que busca cocriar currículos em rede que não separem a sala de aula presencial da sala de aula totalmente *online*, convergindo metodologias e pedagogias, que utilizem o melhor de cada arranjo.

Pimentel e Carvalho (2021, *online*) afirmam que o sentido de 'educação híbrida' vem sendo discutido e disputado, na atualidade, envolvendo os mais diversos interesses e públicos.

Ainda que a discussão sobre hibridismo esteja presente no campo dos estudos culturais, e no campo do currículo, desde o final do Século XX, ampliar as perspectivas analíticas sobre essa temática se faz urgente, advertem os autores. Vejam a Figura 14.

O que os autores têm a nos dizer?

Figura 14 – Hibridação[40]



Fonte: adaptado de Pimentel e Carvalho, 2021, *online*), pela autora.

Os autores apresentam quatro acepções de hibridação(a) hibridação de modalidades; (b) hibridação de recursos didático-pedagógicos; (c) hibridação de metodologias; e (d) hibridação de presencialidades., atualmente adotada.

Dado que, na contemporaneidade, o digital em rede atravessa diversas ações humanas, em nossas pesquisas, optamos por

[40] Disponível em: https://www.facebook.com/vagna.lima.73/posts/4176560419059304. Acesso em: 23 set. 2021.

trabalhar de modo híbrido, o que longe de significar juntar, misturar ou fundir, sem propósito, consiste em uma ação de bricolar (Lapassade 1998), fazendo convergir espaços, tempos e pedagogias; o que exige cocriação inteligente de processos, produtos, arquiteturas e mediações.

> […] a educação *online* já é em potência uma educação híbrida, uma vez que nos permite bricolar e fazer convergir espaços, tempos e pedagogias. "Convergir" não é replicar e ou mesmo copiar. E "bricolar" não é juntar sem propósito. Convergir e bricolar exigem de nós cocriação inteligente de processos, produtos, arquiteturas e mediações. Incorporar o uso de tecnologias e ou situação online a rotinas presenciais de forma desintegrada não é para nós educação online ou mesmo híbrida. Essa é a nossa posição autoral, uma vez que nosso lugar de fala se encontra nos estudos da cibercultura e da educação (Santos, E., 2021, p. 2).

Em constante movimento de atualização e reinvenção, a EoL - a partir do uso de ambiências formacionais que estimulam o diálogo, a autoria, a interatividade e a colaboração - demanda metodologia específica, cujo desenho didático tem como base o hipertexto - um conjunto de nós ligados por conexões - palavras, páginas, imagens, gráficos ou partes de gráficos, seqüências sonoras, documentos complexos que podem eles mesmos ser hipertextos (Lévy, 1999), fundamentado na lógica da multiplicidade de conexões em redes abertas a uma multiplicidade de recorrências, e a interatividade, que se manifesta nos princípios de participação colaborativa - intervenção na mensagem como cocriação da emissão e da recepção; na bidirecionalidade/e dialógica - produção conjunta da mensagem, em que os polos emissor e receptor a codificam e decodificam; e (c) em conexões em teias abertas – formação de múltiplas redes articulatórias de conexão e liberdade de trocas, associações e significações (Silva, 2003).

Desse modo, permite que os indivíduos consumam, produzam, colaborem e cocriem a informação. É sentido de poder,

é permutabilidade e é a possibilidade de o sujeito falar, ouvir, argumentar, criticar; ou seja, estar conscientemente disponível para mais comunicação, acentua o autor.

Permite, ainda, que os indivíduos consumam, produzam, colaborem e cocriem a informação, além de escolher seus próprios percursos de leitura e de aprendizagem, explorando a pluralidade de '*fazeressaberes*' presentes nessas ambiências. Com efeito, ao decidirmos sobre concepções, práticas pedagógicas e dispositivos que estruturam nossos desenhos didáticos, fazemos uma escolha política, elegendo-os formativos.

3.2 Docência online como campo da pesquisa-formação

A necessidade de exercitarmos a prática docente nas diferentes esferas do '*fazersabersentir-se*' professor, adequando-nos às demandas educacionais da sociedade atual, requer mudança de mentalidade e a consciência de que somos seres em construção, pois como enfatiza Freire (1996, p. 154), "o sujeito que se abre ao mundo e aos outros inaugura com seu gesto a relação dialógica em que se confirma como inquietação e curiosidade, como inconclusão em permanente movimento na História".

Nos cursos de formação de professores, em geral, conhecimentos científicos específicos sobre a área de atuação se fazem acompanhar de reflexões sobre a prática pedagógica. As teorias fornecem, dessa forma, a base de sustentação que nos permite discutir o trabalho docente, possibilitando-nos, como coautores, a criação de novas teorias. Contudo, esclarece Alves (1998, p. 15):

> Não é possível se aceitar a idéia de que a formação docente se dá, exclusivamente, em cursos de formação (ela se dá em múltiplas esferas). Por outro lado, vai se percebendo que ao contrário de serem construídos linear e hierarquizadamente, os conhecimentos teóricos e prático-políticos, epistemológicos, pedagógicos, curriculares, didáticos e outros – necessários ao exercício docente, são tecidos em redes.

Dado que, a partir da relação que estabelecemos entre prática e teoria, nossas pesquisas constituem narrativas, somos responsáveis pelos conhecimentos que produzimos, e fazemos circular por meio de nossas investigações. Em outras palavras, somos pesquisadores-praticantes, "traçando/trançando as redes dos múltiplos relatos que chegaram/chegam até nós, neles inserindo, sempre, o fio do nosso modo próprio de contar", como afirmam Alves e Garcia (2002, p. 274).

Por outro lado, como palco das vivências de diferentes atores, cujas relações, repletas de sentidos e, em permanente tensão, confrontam-se, contrapõem-se, ou se ajustam, a escola, em última análise, constitui um campo de disputas e conflitos, na qual "atos de currículo" - expressão dos currículos que criamos em nossas atividades cotidianas; mistura de elementos das propostas formais e organizadas com as possibilidades que temos de implantá-las -, ganham força. Desse modo, em nossas pesquisas, é fundamental que o currículo considere esse '*espaçotempo*' como constituído por redes de '*fazeressaberespoderes*' que vão, continuamente, tecendo os conhecimentos por meio de conversas e narrativas, possibilitando melhor retratar as escolas, para além dos discursos do que nelas não existem.

> A rede, não como uma imagem acabada, mas como conhecimento que vai sendo tecido a partir de certos fios que vão sendo trançados, de outros fios que vão sendo deixados provisoriamente de lado, de outros tantos que vão sendo destrançados, qual míticas penélopes que trançam a trama de dia para desmanchá-la à noite, mas não necessariamente nessa ordem (Azevedo, 2008, p.74).

Pensar a formação docente, nessa perspectiva, exige trabalho reflexivo e reconstrução permanente de nossas identidades pessoais e profissionais, dado que só é possível mudar o meio e nossas práticas, quando nos deixamos 'tocar' pelas mudanças, pois

é esse novo jeito de olhar e viver as coisas do mundo que nos impulsiona e abre espaço à transformação profissional.

Estudos recentes sobre essa formação docente tem direcionado seu foco para o cotidiano escolar e o agir pedagógico, no pressuposto de que o professor deve desenvolver a capacidade de refletir na prática, e sobre ela, tendo em vista explicitar os saberes tácitos provenientes de sua experiência.

Mais do que um conselheiro, um elo entre a informação e o entendimento, o professor precisa estimular a curiosidade dos estudantes para que possam buscar o conhecimento nos livros e nas redes de computador, sublinha Silva (2003). Sob esse prisma, torna-se responsável pela formação de um indivíduo capaz de pensar com independência e coerência; o que lhe exige assumir o papel de mediador da aprendizagem, com vistas à tecitura desse conhecimento em/nas redes educativas, tecidas, em suas tramas, pela multiplicidade de tantas outras menores que se encontram em linhas tênues, sem que se tenha clareza de onde se iniciam as características de uma, e onde terminam as de outras. Essas tantas redes, ao confluírem e tocarem os sujeitos, fomentam ideias políticas que direcionam seu caminhar, permitindo-lhes "criar e articular valores, éticas e estéticas diversificadas, apropriadas à complexidade das diversas redes" (Alves, 2012, p. 1).

Dado que a mediação pedagógica constitui o alicerce das relações coconstruídas pela/na ação didática, esse processo só terá sentido se promover a aprendizagem, por meio de encontros e produção de conhecimentos entre os sujeitos. Nessa perspectiva, Bruno (2011) concebe a mediação pedagógica - a que chama "mediação partilhada", como uma ação coletiva sustentada na partilha e na colaboração interativa entre os sujeitos participantes dessas redes, possibilitando que a tecitura do conhecimento constitua uma dinâmica de coprodução e de coautoria, na qual não há lideranças, e sim emergências.

Tais movimentos evidenciam a interdependência entre interatividade e mediação partilhada, não havendo possibilidade de esta ser desenvolvida à luz de uma abordagem centralizadora e

reducionista que desconsidere o Outro e as relações que se estabelecem entre docente-discentes e discentes-discentes.

Por ser essencialmente relacional, a ação mediadora requer que se direcione o foco na geração, acompanhamento e controle das situações de aprendizagem; o que demanda:

> [...] incentivar o debate, observando atentamente a participação dos estudantes nas atividades e a forma como resolvem os problemas, intervindo, com habilidade quando necessário, para não interromper o processo de interação entre eles, dado que a dinâmica grupal, a exemplo de um hipertexto, pode ensejar novos caminhos a serem explorados; e isso requer flexibilidade e senso de oportunidade do professor para explorar as questões que emergem nesses momentos (Amaral, 2008, p. 16).

Como campo da pesquisa-formação, a educação *online* concebe o processo de '*aprenderensinar*' como estratégia, definida por Morin (2005, p. 192) como: "a arte de utilizar as informações que aparecem na ação, de integrá-las, de formular esquemas de ação e de estar apto para reunir o máximo de certezas para enfrentar a incerteza". Esse tipo de metodologia investigativa é fundamentado em procedimentos científicos que permitem não apenas apreender e compreender a prática reflexiva, mas construí-la em processo, contribuindo para que os sujeitos possam partilhar sentidos e significados, afirma Santos, E. (2006). A educação *online* requer, ainda, que se agregue valor aos dispositivos por elas oferecidos, tais como *chat*, fóruns de discussão, listas, portfólios, *blogs*, *wikis*, entre outros. Sua apropriação, portanto, deve privilegiar a construção de ambientes que favoreçam o compartilhamento de narrativas em suas diferentes formas de expressão, além de potencializar processos que nos desafiem, como docentes-pesquisadores, a nos autorizar, ou seja, a nos tornar, pelo menos, coautores do que é produzido socialmente.

Para Santos, E. (2014; 2019), a EoL faz convergir espaços, tempos e pedagogias, numa cocriação inteligente de processos,

produtos, arquiteturas e mediações. Isso demanda considerar o conhecimento como obra aberta; selecionar e compartilhar os melhores, e mais relevantes conteúdos, para atender a um público específico (curadoria de conteúdos, criar ambiências computacionais e formacionais diversas, como aplicativos, redes sociais, editores colaborativos, entre outros, promover o diálogo, a interatividade e a aprendizagem colaborativa, exercitar a autoria e a mediação partilhada. Nessa perspectiva, o protagonismo do processo de '*aprenderensinar'* não é dado nem ao estudante, nem ao professor; mas ocorre nas relações estabelecidas entre esses atores e, principalmente, com o objeto do conhecimento. Assim, a produção do conhecimento se concretiza na parceria '*docentediscente*' (Figura15).

Figura 15 - Princípios da Educação *Online*



Fonte: SBC Horizontes[41]

Com efeito, o c*onhecimento como "obra aberta",* não pode se entendido como algo imutável, pronto para ser memorizado e repetido, na perspectiva de uma "educação bancária (Freire, 2020), na qual o professor assume o protagonismo do processo de

[41] Disponível em: http://horizontes.sbc.org.br/index.php/2020/05/principios-educacao-online/. Acesso em: 06 set. 2021

'*aprenderensinar'*, e o estudante apenas um receptor do conhecimento explanado.

Mais do que pesquisar algo por meio dos motores de busca, como, por exemplo, no *Google*, a *curadoria de conteúdos online* objetiva selecionar e compartilhar melhores e mais relevantes conteúdos *online*, para corresponder às necessidades de um público específico. Desse modo, possibilita, ao professor, buscar, encontrar, mapear, organizar e dar visibilidade aos mesmos, podendo, ainda, sintetizar os conteúdos mapeados, sob a forma de textos, imagens, infográficos, músicas, mapas conceituais, entre outros, o que resulta em roteiros de estudos, podendo contar com a colaboração dos estudantes.

A *Internet* constitui um vasto território propício à criação de *ambiências computacionais* (*e formativas*) diversas, como aplicativos, redes sociais, editores colaborativos, entre outros. Santos, E. (2014, p. 127) enfatiza que essas ambiências são também formacionais, configurando-se como espaços incubadores de múltiplos saberes, compartilhamento de experiências e produção de conhecimentos, que potencializam "o diálogo, a autoria coletiva, a partilha de sentidos em múltiplas linguagens e mídias".

A realidade contemporânea, demanda, cada vez mais, novas atitudes comunicacionais, curriculares e pedagógicas que ressignifiquem a (co)autoria '*docentediscente*'. Nessa perspectiva, a *aprendizagem colaborativa* ganha relevo, e o *´fazersaber'* transcende "as atitudes burocráticas que separam quem elabora, quem ministra [...] e quem recebe os pacotes de informações" (Santos, E., 2003, p. 218), contribuindo para a formação de indivíduos capazes de 'construir' suas próprias histórias, compreendendo que o outro faz parte do todo nessa realização. Nesse sentido, busca valorizar as singularidades, sob uma perspectiva crítico-reflexiva, com vistas à autonomia e à criatividade.

Com relação a isso, Freire (2020, p. 53-54) afirma:

> O fato de me perceber no mundo, com o mundo e com os outros me põe numa posição em face do mundo que não é de quem nada tem a

> ver com ele. Afinal, minha presença no mundo não é a de quem a ele se adapta, mas a de quem nele se insere. É a posição de quem luta para não ser apenas objeto, mas sujeito também.

Na contemporaneidade, com a mobilidade ubíqua em conectividade, as *conversações/interatividade* podem ocorrer, de forma síncrona e/ou assíncrona, em ambiências formacionais diversas, como a videoconferência, o *WhatsApp,* fóruns de debates, no AVA, os bate-papo *online* (*chat*) e o e-mail. Essas conversações viabilizam a colaboração bidirecional docente-discentes e discentes-discentes, potencializando o ato de 'pensar'. Nessa perspectiva, Silva (2002) afirma que essa prática deve estar aberta ao acontecimento, ao imprevisível, possibilitando que os sujeitos, praticantes, em interatividade, relatem suas experiências, ou mesmo expressem suas opiniões, partilhando saberes, intervindo no discurso do outro, produzindo, coletivamente, a mensagem, a comunicação e a aprendizagem.

Na atual cena sociotécnica, somos desafiados a formar estudantes capazes de ler, criticamente o mundo, como transformadores da sociedade contemporânea, o que demanda elaborarmos estratégias e situações de aprendizagem que enfatizem o exercício da reflexão e da crítica, encoraje a liberdade de expressão e a exposição de argumentos e questionamentos sobre questões contemporâneas, levando-os a se autorizarem.

Dado que os estudantes geralmente apreciam atividades práticas, pois sentem que "só se aprende fazendo", o desenvolvimento dessas atividades oportuniza autorias e ressignificações dos conhecimentos, indo para além das concepções presentes em grande parte de fundamentos teóricos, legislações e políticas voltadas à educação (formuladas a partir da racionalidade instrumental), na medida em que possibilitam o diálogo, a colaboração e a interatividade, além de mediações partilhadas.

A *mediação docente e discente ativa*, por sua vez, constitui o alicerce das relações (co) construídas pela/na ação didática, dado que, em conversas ou trabalhos colaborativos é comum emergirem

dúvidas e conflitos, que precisam ser mediados pelo professor que atua dinamizando essa interação coletiva. Bruno (2011) chama essa ação de 'mediação partilhada', enfatizando que a mesma não se restringe ao professor, mas consiste numa ação coletiva sustentada na partilha e na colaboração interativa entre todos os praticantes, participantes das redes de aprendizagem, possibilitando que a tecitura do conhecimento constitua uma dinâmica ativa de coprodução e de coautoria, na qual não há receptores passivos, ou 'bancários', ou mesmo centralidade em um único ator, mas sim emergências. Desse modo, em circunstâncias pontuais,

> […] um ou mais estudantes tomam a frente de uma discussão e assume (m) a mediação dos temas que emergem e que lhe (s) é/são familiar(es). Nesse momento, a mediação passa a ser partilhada com o professor que se transforma no mediador dessas mediações, promovendo o entrelaçamento dos sujeitos aprendentes para que um novo conhecimento se constitua, um terceiro elemento surja e, por conseguinte, mudanças sejam concretizadas (Amaral, 2014, p. 48).

Com efeito, a mediação docente e discente ativa está intimamente relacionada ao desenvolvimento de processos interativos, não havendo possibilidade de ser desenvolvida à luz de uma abordagem centralizadora e reducionista que desconsidere o Outro e as relações que se estabelecem entre professores e estudantes, prática que leva a um esvaziamento da participação colaborativa, desvalorizando o trabalho docente, assevera a autora.

Se, como nos ensina Morin (2005), conhecer é negociar, trabalhar e discutir, a avaliação do processo de tecitura do conhecimento se torna fundamental. Na medida em que a cibercultura potencializa novas formas de avaliação, os rastros deixados nas redes, pelos estudantes, permitem avaliá-los, numa perspectiva formativa, durante o processo de '*aprenderensinar*'.

Desse modo, a avaliação do processo de tecitura do conhecimento não pode ser atribuída a um único sujeito e muito menos desconectada do contexto dessa construção. Todos os atores

envolvidos no processo são aprendentes e responsáveis, assumindo papeis específicos e complementares. A *Avaliação baseada em competências formativa e colaborativa* é, portanto, um ato interativo e colaborativo, no qual cada um que é avaliado, pode e deve, também, ser um avaliador.

Macedo (2010, p. 50) ressalta que:

> [...] a formação se realiza na existência de um ser social que, ao transformar em experiências significativas os acontecimentos, informações e conhecimentos que o envolvem e envolvem suas relações, nas suas itinerâncias e errâncias aprendentes, ao aprender com o outro, suas diferenças e identificações (...), com as coisas, os outros seres e as instituições (...), emergirá, formando-se na sua incompletude infinita, para saber-refletir, saber-fazer e saber-ser, como realidades inseparáveis, em movimento, porque constantemente desafiadas.

Nessa perspectiva, assim como pontua Pineau (1988), a vivência desse tipo de avaliação possibilita a emergência de autorias-cidadãs, na medida em que os sujeitos podem refletir sobre seus percursos pessoais, em suas relações com os outros e com os saberes, técnicas, culturas, artes, tecnologias, entre outros.

INVENÇÕES E DESCOBERTAS COTIDIANAS

CONSTRUCTOS E DISPOSITIVOS DE PESQUISA



4. INVENÇÕES E DESCOBERTAS COTIDIANAS: CONSTRUCTOS E DISPOSITIVOS DE PESQUISA

Como vimos, anteriormente, é preciso entender que, no cenário educacional contemporâneo, os currículos emanados do poder público, autoritários e excludentes, já chegam às escolas "prontos para serem oferecidos, tais como um banquete a ser consumido, alguns com sabores e adornos extremamente sofisticados, mas, também, difíceis de serem digeridos", como enfatizado por Macedo, R. e Macedo, S. (2012, p. 4). A presença do poder instituído nesse âmbito exige mediações intercríticas; ou seja, estabelecer relações "com o conhecimento eleito como formativo, em que a criticidade, percebida como uma forma problematizadora de interpretação do mundo, é exercida por todos os atores curriculares envolvidos na formação pleiteada" (*Idem*, p. 15)

Na medida em que entendemos, o currículo oficial como um limite a ser transposto para se tecer o conhecimento, a partir da valorização dos saberes prévios de nossos estudantes e de fatos e acontecimentos que invadem nossas vidas, sem nos pedir licença, buscamos dele nos apropriar, na perspectiva de *reinvenção do cotidiano*. Esse tipo de currículo "aberto" possibilita aprendizagens narrativas, estabelecidas nos percursos, nos sonhos e no gerenciamento da vida, próprios dos tempos atuais, que requerem dos indivíduos um novo modo de pensar, sentir e agir. Assumimos, desse modo, a formação como um processo dialógico e colaborativo, do qual participam todos os envolvidos no movimento de '*aprenderensinar*'.

Em um esforço de síntese, trago, a seguir, algumas produções de membros de nosso grupo de pesquisa, defendidas, ao longo dos últimos 13 anos. Nelas, destaco os temas eleitos pelos pesquisadores, em cada um dos estudos apresentados, bem como o modo como os estudos foram realizados, trabalhados e sintetizados (constructo da pesquisa), a partir de teorias bem formuladas, revisões de literatura,

definições operacionais claras. Ou seja, as construções mentais tecidas e retecidas por mestrandos, doutorandos e pós-doutorandos do GPDOC, em suas produções - dissertações, teses e relatórios de pesquisa, respectivamente, bem como os dispositivos que lhes dão sustentação.

Em palestra realizada para o *HeartMath Institute*, em 2019[42], o cientista Greeg Braden afirmou que:

> Quando acessamos a informação com o nosso coração, não passamos pela lógica, medo, autoestima e todas as dúvidas presentes no cérebro com o ego e o lado mental. Nele, as afirmações atuam de modo muito poderoso e podem gerar mudanças de vida.

Quando Santos, E. (2019) enfatiza que os dispositivos de pesquisa-formação na cibercultura constituem o 'coração' de nossas investigações, essa afirmação ganha '*sentidosignificação*, na medida em que para além das luzes exteriores, que insistem em ofuscar nossa visão, eles mexem com a nossa sensibilidade, ajudam-nos a captar pensamentos, sentimentos, inquietudes e emoções dos praticantes culturais, em geral, e dos pesquisadores, em particular.

4.1 Docência Online Baseada em Fóruns

A Educação *online* - EoL, fenômeno que emerge a partir da *Web* 2.0, consiste num conjunto de ações de 'a*prendizagemensino*', ou atos de currículo mediados por interfaces digitais que fomentam e potencializam práticas comunicacionais interativas, hipertextuais e em mobilidade, desenvolvidas em Ambientes Virtuais de Aprendizagem, bem como em tele e videoconferências, como afirma Santos, E. (2019).

---

[42] Disponível e https://www.metropoles.com/colunas/claudia-meireles/ha-um-pequeno-cerebro-em-seu-coracao-garante-cientista-gregg-braden. Acesso em: 14 abr. 2024.

A aprendizagem, nessa modalidade, acentua a autora, acontece no diálogo dos praticantes com o material didático e com os demais atores envolvidos – professores, tutores mediante processos de comunicação síncronos e assíncronos. Difere, desse modo, das práticas convencionais de educação a distância (EaD), na qual a aprendizagem é construída e mediada pelo material didático, produzido a partir de um desenho instrucional, que tem a autoaprendizagem como característica fundante e, a instrução unidirecional, como centro do processo de aprendizagem. "O sujeito aprende solitário e no seu tempo e o material didático estático tem um papel muito importante" (Santos, E., 2009, p. 5665).

Tendo a docência *online* como objeto de sua investigação - examinada, analisada e explorada durante a pesquisa, Alexsandra Barbosa da Silva em sua dissertação de mestrado, defendida em 2018, e intitulada "**Docência *online:*** uma pesquisa-formação na cibercultura", formula a questão central de sua dissertação de mestrado: *como a educação online pode contribuir na/com a formação de professores, em geral, e de estudantes de Pedagogia, em particular, com vistas à produção de conteúdos digitais autorais, nos ambientes virtuais de aprendizagem?* - objetivando compreender os limites e possibilidades da educação *online* no contexto de formação de professores (Figura 16).

Inspirada no paradigma da complexidade (Morin, 1996), a base epistemometodológica de sua pesquisa se ancora em três pilares: nas abordagens da pesquisa com os cotidianos (Alves, 2008; 2012; Certeau, 2014), nos princípios da multirreferencialidade (Ardoino, 1998; Macedo, 2010; 2012), e na pesquisa-formação no contexto da cibercultura (Santos, 2014).

Desenvolvida no âmbito da disciplina Tecnologias e Educação, dela participam 34 estudantes do curso de pedagogia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), no ano de 2016. Para tanto, foram criados atos de currículo apoiados em dispositivos materiais e intelectuais diversos, e articulados o *software Moodle*, e suas interfaces, o aplicativo *WhatsApp* e a rede social *Facebook;* o que possibilitou a emergência de narrativas em

múltiplas linguagens e mídias, que acentuaram o caráter, interativo, colaborativo, dialógico e autoral das produções apresentadas nos diferentes desenhos didáticos criados pelos estudantes no Ambiente Virtual de Aprendizagem. Essas contribuições da Educação *Online* levou-a a concluir que a formação do professor em geral, e do pedagogo, em particular, deve considerar as potencialidades das tecnologias digitais, particularmente no que se refere aos meios de comunicação e às formas de obtenção e disseminação de informação para que o processo '*aprendizagemensino*' se faça, de forma coletiva, colaborativa e significativa.

Figura 16 – Dissertação: **Docência *online*:** uma pesquisa-formação na cibercultura



Fonte: PROPED/UERJ[43]

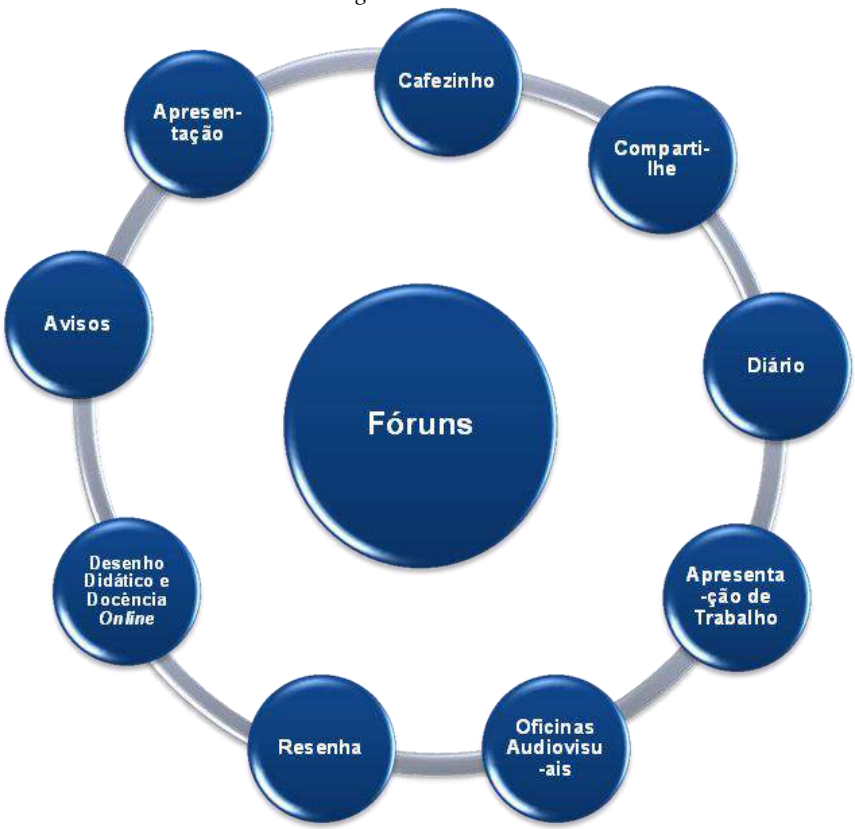
As criações/invenções, ou seja, os atos de currículo engendrados por Alexsandra em conjunto com seus praticantes culturais foram materializadass em um Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA), cujo desenho didático integrou o *software Moodle* à rede social F*acebook* e ao aplicativo de conversas *online WhatsApp.*

Com efeito, o AVA criado para essa pesquisa buscou explorar a potencialidade pedagógica dos *fóruns*, nos processos de

[43] Disponivel em: https://www.proped.pro.br/teses/teses_pdf/1827202011_2-942-ME.pdf. Acesso em: 10 fev. 2023.

'*aprendizagemensino*'. Como espaço de discussão colaborativa na formação docente, a interface *Fóruns,* dispositivo que permitiu o compartilhamento de saberes, por meio da memória reflexiva, na relação com o Outro e com os objetos, dado que os processos de auto-hetero-ecoformação não se dão apartados um do outro; conjugam-se e se entrelaçam, ampliando e transformando nossas concepções.

Figura 17- Fóruns



Fonte – Silva, A (2018, p. 91)

A partir desse dispositivo, foram criados os seguintes microdispositivos: 'Apresentação', 'Cafezinho', 'Compartilhe', 'Diário', 'Apresentação de trabalho', 'Oficinas Audiovisuais',

'Resenha', 'Desenho Didático e 'Docência *Online*', e 'Avisos',como apresentados na Figura 17; cada um deles com uma proposta diferenciada, mas que tinham em comum o intuito de promover espaços de diálogos colaborativos que propiciassem a autoria dos estudantes.

O 'Fórum Diário', dispositivo, ora apresentado, objetivou compartilhar as narrativas sobre as aulas da disciplina, tendo sido possível identificar aspectos relacionados ao processo de autoformação, como mostrado, a seguir, no Texto 6.

Texto 6 - Transcrição das mensagens trocadas no fórum de discussão do diário do dia 08/09/2016

Diário - 08/09/2016
por Thuany Nascimento

Diário de aula

Na quinta-feira, o início da aula começou com o debate sobre o diário de aula de uma colega de classe, em que os estudantes fizeram sugestões e críticas construtivas sobre o resumo abordado. Uma das sugestões feitas, foi teorizar os termos discutidos durante a narração. Um exemplo usado foi o *moodle*, que é uma sala de aula virtual onde o aluno tem a possibilidade de acompanhar as atividades do curso pela internet, que pode ser complementada com aulas presenciais ou hibridamente, que é uma mistura de aulas presenciais com aulas a distancia.

Em seguida, a professora fez perguntas comparativas para diferenciar um termo dooutro. A primeira pergunta feita foi qual era a diferença entre plataforma e o Ambiente Virtual de Aprendizagem. A diferença entre ambos, é que a plataforma seria só o programa, já o AVA é o programa habitado pelas pessoas com suas autorias e inteligência. Um exemplo usado, foi o *facebook*, pois se não tivesse ninguém o habitando,seria uma plataforma. Mas a partir do momento que existem pessoas interagindo, negociando sentidos, compartilhando notícias, o *facebook* deixa de ser uma plataforma e se torna uma rede social ou até mesmo um ambiente virtual de aprendizagem.

A segunda comparação foi entre a internet e o ciberespaço. A internet consiste em uma infraestrutura, pois apresenta todo um

conjunto de programas, sistemas, informática etc. Enquanto no ciberespaço tem seres humanos habitando esse espaço, fazendo política, ensinando, aprendendo e produzindo. A terceira comparação foi entre interação e interatividade. A interatividade permite que as pessoas procriem conhecimento, intervindo fisicamente na mensagem em debate. Já na interação essa intervenção física pode não acontecer.

Após essas explicações, o desenho didático foi o assunto da vez. O desenho didático ou projeto, é a disposição dos conteúdos e atividades de aprendizagem. Foi adiantado que primeiramente os estudantes vivenciariam a experiência como estudantes *online* e depois vivenciariam como professores *online* criando conteúdos e atividades em uma apresentação de grupo, o que particularmente me deixou muito interessada e curiosa.

Logo após, juntamente a professora com os estudantes começaram a falar sobre a interface.A interface, como o próprio nome já diz, permite o encontro de faces, seja virtualmente ou fisicamente. Existe a interface de conteúdo, que esta muito mais a moda da educação a distância, pois são aqueles locais dentro da plataforma que se posta textos, vídeos, animações, áudios e conteúdos. Já a interface de comunicação é quando os conteúdos são postados para o aluno acessar e posteriormente realizar uma tarefa sobre o conteúdoou debater em sala de aula.

Por fim, a professora ensinou a fazer um roteiro de resenha em alguns passos. Mas antes de falar do passo a passo, vou citar rapidamente a pirâmide informacional que a professora comentou. Começando a falar sobre base da pirâmide, nela se encontra os dados, que são os rastros de tudo que nós deixamos. No meio dela, esta a informação, que é a seleção dos dados adquiridos dando importância a eles, ou seja, é um dado com significado. E no topo da pirâmide, esta o conhecimento, que é quando a informação é transformada em conhecimento sendo este produzida pelo sujeito, tendo sua autoria.

Mas voltando para o roteiro de resenha, o primeiro passo é pesquisar sobre o autor do texto, saber qual o seu contexto de produção, onde ele atua profissionalmente entre outras. O segundo passo é trazer a problemática do texto, ou seja, falar sobre o que desagrada o autor e o que o motiva a escrever sobre o tema. O terceiro passo, é falarqual é o tema e o argumento principal do texto, relatando de que forma o autor lida com a problemática do mesmo. O

quarto passo é relatar as criticas que o leitor, no caso, a gente, faz ao texto com base em argumentos significativos dialogando com outros autores.

Por último, deve-se deixar claro a que público você recomenda o texto que resenhou. Enfim, essa aula ajudou muito a esclarecer conceitos. E além disso, iluminou nossos caminhos para ler de uma forma muito mais produtiva e resenhar da maneira correta.

Mostrar principal | Editar | Interromper | Excluir | Responder

Re: Diário - 08/09/2016

por Thainá Souto - segunda, 19 setembro 2016, 21:54

Seu diário foi incrível! Foi inspiração para o meu.

Mostrar principal | Editar | Interromper | Excluir | Responder

Re: Diário - 08/09/2016

por Alexsandra Barbosa - quarta, 21 setembro 2016, 01:48

Olá Thuany! :)

Como as suas colegas relataram seu diário ficou incrível. Foi lindo escutar a sua narrativa. Você conseguiu fazer uma excelente síntese da aula. Ao final teremos sem duvida uma boa memória dos acontecimentos da aula.

Todos esses conceitos ajudarão na participação nos outros fóruns. Tentem responder ao outro fórum utilizando esses conceitos da aula, ok?! Um abraço!

Mostrar principal | Editar | Interromper | Excluir | Responder

Re: Diário - 08/09/2016

por Talita Henrique de Lima – quinta, 22 setembro de 2016, 02:52

Amei o seu diário. Me ajudou muito para relembrar o que foi estudado em sala!

!Mostrar principal | Editar | Interromper | Excluir | Responder

Re: Diário - 08/09/2016

por Yasmim Cardoso - quinta, 22 setembro 2016, 13:44

Ótimo diário!! Com certeza ajudará nos estudos da nossa disciplina

Mostrar principal | Editar | Interromper | Excluir | Responder

Re: Diário - 08/09/2016

Por Karen Moura - domingo, 25 setembro 2016, 13:01

Deu uma aula em forma textual! rss

Mostrar principal | Editar | Interromper | Excluir | Responder

Re: Diário - 08/09/2016

por Alexsandra Barbosa - quarta, 21 setembro 2016, 01:48

Olá Thuany! :)

Como as suas colegas relataram seu diário ficou incrível. Foi lindo escutar a sua narrativa. Você conseguiu fazer uma excelente síntese da aula. Ao final teremos sem duvida uma boa memória dos acontecimentos da aula.

Todos esses conceitos ajudarão na participação nos outros fóruns. Tentem responder ao outro fórum utilizando esses conceitos da aula, ok?! Um abraço!

Mostrar principal | Editar | Interromper | Excluir | Responder

Re: Diário - 08/09/2016

por Talita Henrique de Lima – quinta, 22 setembro de 2016, 02:52

Amei o seu diário. Me ajudou muito para relembrar o que foi estudado em sala!

!Mostrar principal | Editar | Interromper | Excluir | Responder

Re: Diário - 08/09/2016

por Yasmim Cardoso - quinta, 22 setembro 2016, 13:44

Ótimo diário!! Com certeza ajudará nos estudos da nossa disciplina

Mostrar principal | Editar | Interromper Excluir | Responder

Re: Diário - 08/09/2016

Por Karen Moura - domingo, 25 setembro 2016, 13:01

Deu uma aula em forma textual! rss

Mostrar principal | Editar | Interromper | Excluir | Responder

Fonte: Plataforma RNP 1 – UERJ (uso restrito à comuidade acadêmica)[44]

[44] Disponível em: https://ava.pr1.uerj.br/login/index.php. Acesso em: 22 abr. 2024.

Dando continuidade ao seu processo formativo, no vídeo que segue "A história de todos nós" (2020), Alexsandra atualiza essa temática, destacando aspectos significativos de seu estudo, no vídeo a seguir, produzido por produzido por Shênia Mineiro Martins (Figura 18).

Figura 18- A história de todos nós



Fonte: *YouTube*[45]

4.2 Geração Tombamento

A partir de seus dilemas docentes como mediadora da disciplina 'Olhar', que integra o currículo dos cursos de Fotografia e Tratamento de Imagem na Escola de Arte e Tecnologia Spectaculu - escola que disponibiliza cursos de formação artística e cultural para jovens entre 16 e 21 anos, moradores de periferias do estado do Rio de Janeiro, Carina D'Ávila, em sua dissertação de mestrado, intitulada "Geração Tombamento e seus olhares: uma pesquisa-formação com fotografia digital na cibercultura" traz a fotografia digital como tema central de seus estudos, objetivando compreender como a mediação de seus usos pode potencializar a autoria de jovens na cibercultura.

[45] Disponível em: https://youtu.be/HPSZ38s9R2Y. Acesso em: 02.1 fev. 2022.

A prática do autorretrato, apesar de antiga, ganhou uma nova forma com o avanço das tecnologias digitais em rede, particularmente, no *Facebook* e *Instagram*. A chamada *selfie*, autorretrato do século XXI, teve seu primeiro registro, em 2002, num fórum virtual australiano, popularizando-se a partir dos serviços de fotos do *Flickr*. Sua utilização explode nas redes sociais, em 2012, tendo sido eleita a palavra internacional do ano de 2013, pelo *Oxford English Dictionary*.

Popular entre os jovens, a *selfie* tem se tornado um elemento indispensável para a representação do sujeito nas redes sociais; um espaço de subjetividade, uma vez que, nele, os sujeitos podem se reinventar, apresentando-se da maneira como desejam ser vistos.

A *selfie* tornou-se a opção moderna de culto pessoal, uma vez que a autoimagem projetada nessas redes gera uma *espécie* de competição permanente, possibilitada pelo número de 'curtidas' ou *retweets* do outro, o que pode parecer preocupante, na medida em que estimula o narcisismo, evidenciando a fragilidade do eu e a obsessão do indivíduo consigo mesmo. No entanto, a escola, como locus de formação, pode utilizar, as *selfies* como estratégia de comunicação para trabalhar a questão da identidade e autonomia dos estudantes, entre outros.

A metodologia adotada, buscou um rigor *outro* (Macedo; Pimentel; Gallefi, 2009) mediante a bricolagem da pesquisa-formação no contexto da cibercultura (Santos, E., 2014; 2019) com as proposições da pesquisa com cotidianos (Alves, 2008; Oliveira, Certeau, 1994) e com a multirreferencialidade (Ardoino, 1998).

A prática pedagógica mediada por imagens digitais permitiu conhecer uma geração contemporânea, a Geração Tombamento (Figura 19), nascida e criada nas periferias e que demarca os seus usos das tecnologias digitais em rede como um dos principais propulsores do processo de empoderamento. Uma geração que se empodera, a cada dia, buscando discutir acerca das questões sociais emergentes como racismo, machismo e homofobia, entre outras temáticas contemporâneas.

Figura 19 - Geração Tombamento e seus olhares: uma pesquisa-formação com Fotografia Digital na Cibercultura (2016)

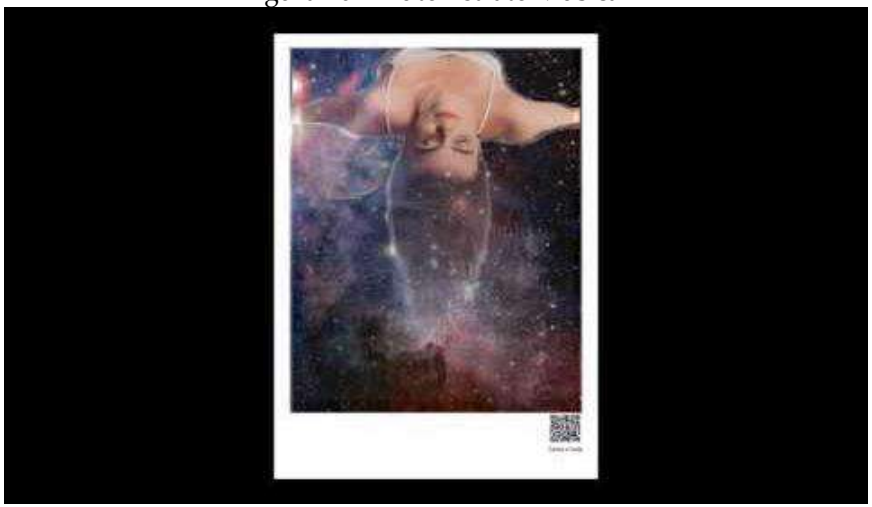


Fonte: PROPED/UERJ[46]

O dispositivo forjado nesse estudo – o autorretrato musical, possibilitou evocar efeitos de presença desses jovens nos espaços cartesianos, cujas imagens de si, criadas e compartilhadas assumiram um valor formativo para uma geração que encontrou na adolescência os seus primórdios libertadores via rua e *Internet*, segundo eles próprios. O tombamento recompõe não apenas a reflexão e autonomia desse grupo, mas cria uma nova estética, que acontece num processo de reconhecimento e de enfrentamento, já que o corpo dessa juventude é, por presença, resistência, acentua a autora (Figura 20).

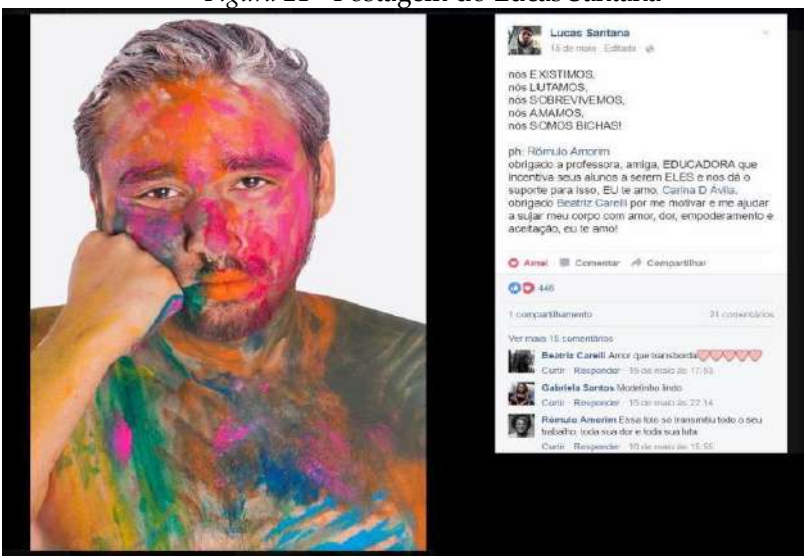
[46] Disponível em: http://www.proped.pro.br/teses/teses_pdf/2014_1-1259-Me.pdf. Acesso em 07 nov. 2023.

Figura 20 – Autorretrato Musical



Fonte: *YouTube*[47]

Figura 21 - Postagem do Lucas Santana



Fonte: *Facebook*[48]

[47] Disponível em: https://youtu.be/PDi_PNPcZL8?si=5FKCSx5zTELODHd3. Acesso em: 24 mai. 2024.

[48] Disponível em: https://www.facebook.com/luccantive, 2016. Acesso em 07 nov. 2023.

E é, por meio desse corpo, que os jovens potencializam sua autoria, vivendo uma experiência estética e 'tombando' - como eles próprios dizem (Figura 21).

Como resultado da pesquisa, Carina conclui que o mergulho no campo sensível - processo primeiro da interpretação, possibilitou a experiência estética, reconhecida também na Geração Tombamento.

4.3 Digital Storytelling

Uma das práticas mais antigas da Humanidade, a contação de histórias ganhou uma nova feição, na atualidade: o *digital storytelling,* um fenômeno que inunda o digital em rede; um novo modo de narrar (ficcionar) uma historia, associando lembranças, desejos e inspirações na hipermídia, por meio de imagens, narrativas, *hashtag* e localização geográfica no mapa do aplicativo.

Considerando que as histórias narradas ativam nossa imaginação e nossas emoções, contar sua história de vida, deixando emergir lembranças de acontecimentos, pessoas, (des)encontros e experiências, ao longo da qual subjetividades vão se formando, "é conceber a construção da identidade - ponta do *iceberg* da existencialidade -, como um conjunto complexo de componentes", sublinha Josso (2007, p. 420). Assim, é preciso pensar a formação do ponto de vista do aprendente, e o aprender como processo de integração.

Nessa perspectiva, as narrativas de formação ajudam-nos a compreender os processos de formação, de conhecimento e de aprendizagem. A construção da narrativa de cada indivíduo possibilita uma reflexão antropológica, ontológica e axiológica, e o conhecimento de si mesmo não consiste apenas na compreensão de um conjunto de experiências durante a vida; mas, sim, a tomada de consciência de que este reconhecimento de si mesmo como sujeito permite às pessoas enfrentarem o seu itinerário de uma vida.

Como objeto de sua pesquisa, Tania Lucía Maddalena e seus praticantes, vivenciaram a experiência da narração de histórias

digitais, durante sua tese de doutorado, em 2018, intitulada "*Digital storytelling:* uma experiência de pesquisa-formação na cibercultura" (Figura 22), que objetivou compreender como a contação de histórias digitais pode potencializar as narrativas de si dos professores em formação.

Partindo do pressuposto de que na cibercultura as práticas do '*aprenderensinar'* se manifestam numa multiplicidade de linguagens e '*espaçostempos*', propiciando o surgimento de novas formas de narrar e contar histórias, a autora buscou, no campo, o potencial dessas práticas. A pesquisa foi inspirada na perspectiva epistemológica da multirreferencialidade (Macedo, 2010; Ardoino, 1998; Santos, E., 2005; 2014), com as pesquisas com os cotidianos (Certeau, 2012; Alves, 2014; Spink, 2017), tendo como metodologia e opção política a pesquisa-formação na cibercultura (Santos, 2005, 2014), prática de pesquisa que promove uma imersão e ação de coautoria no campo, no intercâmbio com os praticantes culturais.

O campo de pesquisa foi realizado na turma da disciplina Tecnologias e Educação do curso de Pedagogia na Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ, no segundo semestre de 2015 e no primeiro semestre de 2017.

Nesse contexto, autorias foram emergindo, na tecitura entre memória, experiência e ficção na criação de narrativas digitais públicas - as hiperescritas de si, dispositivo revelador de invenções digitais de si, compartilhadas em rede, fazendo emergir três categorias de análise: as hiperescritas de si na formação de professores; a potência da experiência narrada em rede; e as microficções de formação para (re)pensar a educação.

Ao longo da pesquisa foram trabalhados diversos gêneros híbridos da *digital storytelling,* em formato de vídeo e *blog* como memorial hipertextual de formação, entendidos como dispositivos da ciberpesquisa-formação. Vejamos uma de suas narrativas:

Figura 22 - Digital storytelling: uma experiência de pesquisa-formação na cibercultura



Fonte: PROPED/UERJ[49]

"O digital storytelling de Letícia e Stephanie foi feito em formato de animação com o software Powtoon que Lena tinha recomendado no começo do projeto, no nosso grupo de Facebook. A história, chamada "A mudança das tecnologias em nossas vidas", é interpretada e narrada por uma menina que vai contando como as tecnologias foram mudando sua vida. No decorrer do vídeo, ela vai lembrando os artefatos culturais de outras épocas, associando esses artefatos a publicidades, músicas e personagens de cada momento histórico" (Figura 23).

[49] Disponível em: https://www.bdtd.uerj.br:8443/handle/1/10475. Acesso em: 15 abr. 2024.

Figura 23 - Digital storytelling



Fonte: *YouTube*[50]

[50] Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=qvd1O9N7Emc. Acesso em: 07 nov. 2023.

4.4 Pedagogia da Hipermobilidade

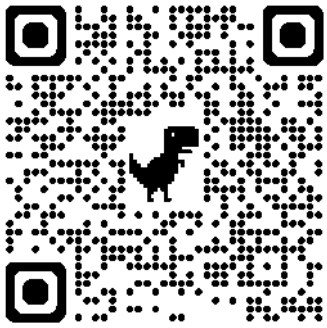
Em sua tese, intitulada "Pedagogia da hipermobilidade: formação, movimento, conexões e comunidades integradas por uma educação-mundo" (2021), Vivian Martins trouxe, como tema central de sua pesquisa, a mobilidade ubíqua em conectividade com a cidades e o ciberespaço, objetivando compreender, em contexto de pesquisa-formação na cibercultura, como docentes criam práticas pedagógicas na relação cidade-escola-ciberespaço, possibilitando o desenvolvimento de uma pedagogia da hipermobilidade (Figura 24).

A pesquisa foi realizada no Instituto Federal do Rio de Janeiro, nos cursos Formação de Docentes para a Educação *Online* e Formação Docente para a Comunicação, Cultura e Arte, com professores em formação continuada que atuam na Região Metropolitana do Rio de Janeiro. A metodologia adotada foi a pesquisa-formação na cibercultura, que compreende a pesquisa entrelaçada com a prática docente, investigando-a, pesquisando o constructo de pesquisa e as trocas com os praticantes plurais que promovem a configuração e a reconfiguração do dispositivo de pesquisa.

Todas as experiências de ciberpesquisa-formação vivenciadas no doutorado, como a prática da educação-mundo, as micronarrativas urbanas em hipermobilidade, a educação em movimento e conectada, a pesquisa com os cotidianos em hipermobilidade, a existência problematizadora que modifica o mundo e outros achados permitiram a formulação de uma pedagogia da hipermobilidade, entendida por Martins (2021, p. 329), como:

> a sistematização de processos metodológicos e de práticas educativas que promovam ambiências de aprendizagem e ensino móveis, ubíquas, conectadas, em *espaçostempos* diversos das cidades, partindo de saberes variados para a emergência de dispositivos de ensino, pesquisa, autoria e produção de conhecimento em hipermobilidade.

Figura 24- Pedagogia da hipermobilidade: formação, movimento, conexões e comunidades integradas por uma educação-mundo



Fonte: PROPED/UERJ[51]

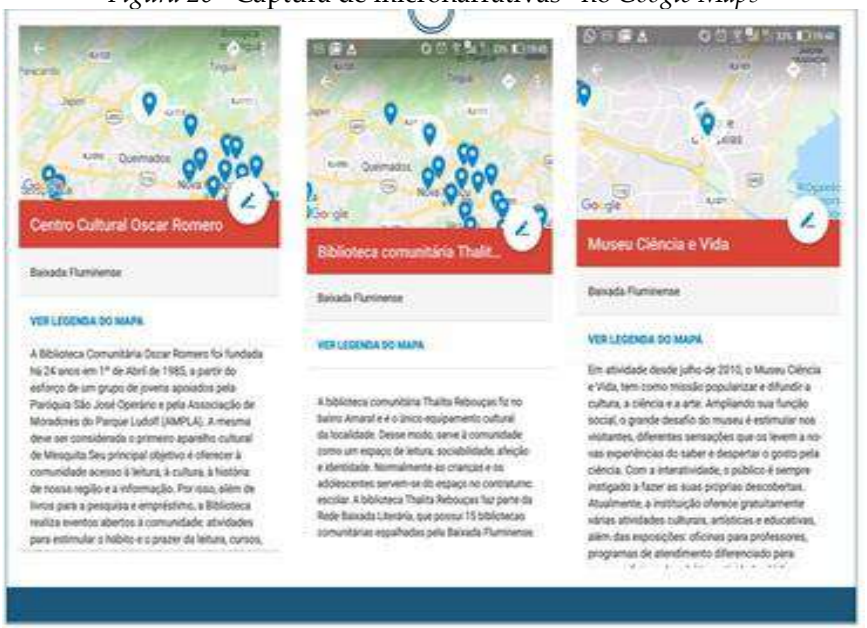
Ao longo desse percurso, foi criado o dispositivo '*App* Docência', no qual foram desenvolvidos os seguintes microdispositivos: o *App-teaching* na escola, que priorizou os usos de aplicativos em processos educativos de educação *online*, de forma a compreender metodologias e práticas desenvolvidas pelos praticantes ciberculturais em seus contextos pedagógicos, e o *App-teaching* na cidade, que priorizou os usos de aplicativos em processos educativos de educação nas cidades em hipermobilidade ubíqua. Esses aplicativos possibilitaram a emergência de micronarrativas de hipermobilidade, como mostradas nas Figuras 25 e 26.

[51] Disponível em: https://www.proped.pro.br/teses/teses_pdf/2016_1-1576-DO.pdf. Acesso em: 15 abr. 2024.

Figura 25 - Captura de micronarrativas no *Blog*

Fonte: Martins (2021, p. 201)[52]

Figura 26– Captura de micronarrativas no *Google Maps*



Fonte: Martins (2021, p. 207)

[52] Disponível em https://micronarrativasurbanas.wordpress.com/. Acesso em 02jun. 2024.

Essas duas ações possibilitaram a emergência de micronarrativas dos praticantes, que levaram à recriação de '*práticasteorias*' (Figuras 27).

Figura 27 - Micronarrativa da visita ao Museu de Arte do Rio

A visita técnica ao MAR, realizada no dia 19 de março de 2019, provocou em mim um novo olhar para um espaço já conhecido, pois costumo frequentar os eventos que lá ocorrem (como o MAR de música, por exemplo), e aprecio muito esse museu e o Centro Histórico do Rio, em geral.





Antes da reforma da Praça Mauá para as Olimpíadas de 2014, o Museu de Arte do Rio era uma preciosidade em meio ao caos. Seu entorno não parecia muito seguro, nem era tão bonito, contrastando com a beleza e a ousadia arquitetônica daquela imensa cobertura, em forma de onda, integrando o antigo ao contemporâneo.

Experenciar esse espaço com mulheres diversas foi o mais gratificante dessa visita. Me recordo que, em algum momento, a Thaís falou sobre o 'lugar de fala'; e essa exposição é exatamente isso: nosso lugar de fala. Tem um pouco de nós em cada uma daquelas obras.

Faço parte do movimento feminista, e ele faz parte de mim; é o que me move como um ser político. É de grande importância ter o feminismo retratado através da arte. Ali estavam sendo contadas diversas histórias, através da sensibilidade que só a arte é capaz de provocar, capaz de alcançar e comover quem já se reconhece como feminista ou não.

Fonte: Martins, 2021, p. 209 (adaptação)

Praticante Thais: *Difícil escolher qual obra me impactou mais, embora algumas estejam repletas de significados e vivências que também são minhas. Numa das obras, intitulada "As Facas de Meu Pai", da artista plástica paraense Lise Lobato, veio de encontro com muitas lembranças minhas. Como relatei durante a visita, quando fiz 15 anos, não quis fazer festa, mas ganhei do meu pai um canivete "pra me proteger, caso precisasse". Quando vi essa obra, que reúne vários modelos de facas de diversas regiões do Brasil, me lembrei na hora desse presente, que, ao mesmo tempo que, foi a forma que meu pai viu para me proteger quando eu não estivesse com ele, mas problematizando um pouco essa situação, a ideia de defesa da honra, da naturalização da violência e da opressão vivida no cotidiano pela mulher. Outra obra que muito me impactou, foi essa da imagem abaixo, da artista Anna Kahn, que mostra em fotografias, ambientes nas quais algumas mulheres foram mortas. Interessante ver como a curadoria se preocupou com a disposição das obras, e ao lado dessa se encontra uma obra com manchetes de feminicídio. Para finalizar meu relato, considero significante esse tipo de visita, em especial essa, juntamente com todos os diálogos que pautamos durante a mesma. Por nossa turma ser formada, por maioria feminina, acredito que tenha sido enriquecedor para todas.*

4.5 Transmídia Feminista Antirracista

Trazendo à centralidade das discussões questões relacionadas a gênero e raça, em sua dissertação de mestrado, "Educação feminista e antirracista na cibercultura: um mapa de narrativas, conflitos e desconstruções", Michelle Trancoso (2020) afirma que a educação pública atravessa um momento de desmonte, que impõe percalços aos movimentos antidemocráticos, que se estabelecem na rede digital, investindo ataques ou negligenciando os temáticas de gênero e raça no currículo. No entanto, ressalta que movimentos sociais resistem, ocupando a cibercultura com novos modos de organização e atuação (Figura 28).

A partir do contexto de desigualdade de gênero, em um prisma interseccional, foi utilizada a pesquisa-formação na

cibercultura, assim como os pressupostos epistêmico-metodológicos da multirreferencialidade e das pesquisas com os cotidianos que orientam e fundamentam as leituras acerca das análises registradas. O presente estudo, ao buscar compreender como se estabelecem as relações interseccionais de gênero, aponta as tecnologias digitais como artefatos potentes nos processos de subjetivação, como produtoras de uma experiência estética para uma educação-cidadã, sem deixar de contemplar, por um viés crítico e político, os usos cotidianos das tecnologias, discutindo o positivismo dos algoritmos e a necropolítica em que nos situamos, realidade que atravessa a pesquisa.

Figura 28 - "Educação feminista e antirracista na cibercultura: um mapa de narrativas, conflitos e desconstruções"



Fonte: PROPED/UERJ[53]

É nesse contexto, que a autora realiza uma cartografia digital do espaço social feminino no *Facebook* - Mulheres contra Bolsonaro, durante as eleições presidenciais de 2018, em protesto a uma forma de política que exclui, controla e inferioriza as mulheres, o que implica a necessidade também de se refletir sobre a organização e sua relação com o feminismo.

[53] Disponível em: https://www.proped.pro.br/teses/teses_pdf/2018_1-1743-ME.pdf. Acesso em 15 abr. 2024.

Para que os praticantes melhor operassem seus dispositivos móveis, explorassem o espaço fora da sala de aula e exercessem suas autorias e criatividades, foram oferecidas oficinas sobre fotografia, vídeo, *podcast*, *memes*/quadrinhos e jogo. Em decorrência dessas atividades emergiu o dispositivo 'N*arrativas transmídia'*, rico em subjetivação, criatividade, pesquisas, experiências individuais.

Para Jenkis (2008, p. 161), a narrativa transmídia, mais do que uma confluência de materiais e serviços, consiste em uma lógica cultural que envolve as pessoas, suas vidas e suas criações, afirma o autor, "a arte da construção de universos, à medida que os artistas criam ambientes atraentes que não podem ser completamente explorados ou esgotados em uma única obra, ou mesmo em uma única mídia".

Nessa feita, convidamos o leitor a conhecer, a seguir, duas dessas narrativas apresentadas sob o título "**Do aborto à sobrecarga de trabalho**". Nesse contexto, todos os grupos falaram sobre a liberdade de não ter filho e sobre a paternidade participativa, mas não sobre o direito ao aborto. Todo aquele semestre teria sido em vão sobre o feminismo e a paternidade ausente? - indaga a autora. As imagens trabalhadas pelo grupo de narrativas fotográficas dispararam uma tecitura de ideias acerca dessa compreensão.

Figura 29 -Transmídia foto: maternidade sem pai



Fonte: Trancoso (2020, p. 138)

A foto apresentada, na Figura 29, faz referência à primeira sugestão de Chimamanda para sua amiga: "Seja uma pessoa completa. A maternidade é uma dádiva maravilhosa, mas que não seja definida apenas pela maternidade." (Chimamanda, 2017, p.8). A foto mostra a bebê de uma das estudantes que, em um breve e incômodo relato, afirmou viver a maternidade sozinha, sem a presença do pai. Ela levava a filha quando não tinha como deixá-la com familiares, e, assim como ela, havia outras três. A mensagem é clara: ela entendia que o papel do homem no exercício da paternidade era semelhantea ao da mãe.

Em relação à segunda sugestão de Chimamanda – "Façam juntos!" (Figura 30), o grupo de *podcast* fez uma crítica à sociedade, em especial, e à mídia, acerca da notícia de como um cantor famoso ajudava a esposa com os cuidados do bebê do casal, texto transcrito, adiante.

Figura 30 - Transmídia foto: paternidade em exercício



Fonte: Trancoso (2020 p. 140)

"Chimamanda diz que pai é tão verbo quanto mãe; logo, os dois têm obrigações com a criança, com a casa, enfim… Ela diz que a única coisa que o pai não pode fazer é amamentar, né, gente? porque de resto, ele pode fazer tudo sozinho, não tem problema nenhum. Ela ressalta uma coisa que eu acho muito importante e que a Nayla falou... ela fala para ela esquecer, abolir totalmente, em seu vocabulário, a palavra ajuda, porque ele não está ajudando. Tipo, ele está fazendo o que deveria fazer, para fazer parte da obrigação dele. Então quando falam que vai dar ajuda em casa, quando você tá com neném pequeno a primeira coisa que perguntam é: e o pai está ajudando? Não, galera! Ele não tá ajudando, né. Ele está cuidando do filho dele, porque a mulher não fez sozinha, né? Então, ele não está fazendo mais do que obrigação dele.

Ela conclui dizendo que o pai da criança não merece nenhum tipo de elogio e nem ela porque os dois optaram por colocar uma criança no mundo, e os dois são adultos, né? Estou ciente de todas as consequências que isso traz e os dois têm que arcar com isso. Então cada um com seus problemas, né? Então, eu vi uma notícia sobre o Gustavo Lima, o filho dele

nasceu tem poucos dias. E essa notícia enaltecia o Gusttavo Lima porque ele estava ajudando a mulher dele, a cuidar do filho. Não foi nem o depoimento dele, foi realmente uma notícia, foi a mídia. Essa era a manchete, falava que ele estava ajudando muito a mulher dele que ele estava apoiando muito, e a gente percebe como a sociedade é como um todo. Tem muito essa questão de achar que o pai tem que ajudar, né? Embora ele seja pai [...]" (GRUPO PODCAST, 4 min 00 seg.)

4.6 Formação de Formadores

A "Formação de Formadores e Educação Superior na cibercultura: itinerâncias de Grupos de Pesquisa no *Facebook*", constituiu o título da pesquisa, de Rosemary dos Santos, publicada em 2015, que objetivou compreender a formação do formador no contexto da cibercultura ao estruturar sua atuação na docência universitária, tendo o *Facebook* como campo de pesquisa. Constituíram-se praticantes da pesquisa seis professores-formadores do PROPED e seus orientandos.

Ao trazer essa temática como objeto de sua pesquisa, a autora tinha como pressuposto que o fundante da Educação era a formação, e que todo ato de ensinar e toda criação curricular passam, necessariamente, pela preocupação com a experiência social, política, acadêmica e afetiva. Desse modo, conceber essa pesquisa demandou-lhe entender suas itinerâncias como vivências, práticas pedagógicas, histórias de vida e formação acadêmica, além das relações dialéticas entre saber e conhecimento, interioridade e exterioridade, singularidade e totalidade.

A tese revela que a formação do formador na cibercultura forja outros '*espaçostempos*' de pesquisa acadêmica e de criação de dispositivos *online*. Revela também que os usos do digital em rede pelos praticantes da pesquisa fizeram emergir processos de orientação coletiva, de experiências formadoras e de articulação da interface cidade-universidade, estabelecendo outros sentidos para a prática pedagógica e para pesquisa acadêmica (Figura 31)

Figura 31 - Formação de formadores e educação superior na cibercultura: itinerâncias de grupos de pesquisa no *Facebook*



Fonte: PROPED/UERJ[54]

Para refletir sobre os usos dos praticantes culturais dos dispositivos na cibercultura e como estes habitam as redes sociais da *Internet*, produzindo conhecimentos, a autora criou o dispositivo a que denominou "Grupos de pesquisa *online*", que consiste ems grupos criados na interface da rede social *Facebook, no qual* são desenvolvidos processos de orientação coletiva e extensões de práticas de pesquisa entre as professoras-formadoras e seus orientandos. Esse dispositivo comporta dois microdispositivos: o Grupo de Pesquisa Currículos, Narrativas Audiovisuais e Diferença – CUNAD, liderado pela professora Stela Caputo, e o Grupo de Pesquisa Infância, Juventude , Educação e Cultura – IJEC, liderado pela professora Maria Luiza Oswald.

Com os grupos de pesquisa *online*, os professores-formadores e seus orientandos criaram conteúdos diversos, forjando um dispositivo coletivo, colaborativo e em rede, como podemos observar na narrativa, a seguir, quando a orientanda Adriele, orientanda da professora Maria Luiza, pede ajuda ao grupo sobre o seu campo de pesquisa, em 25 de setembro de 2014 (Texto 7).

[54] Disponível em: https://www.proped.pro.br/teses/teses_pdf/2010_1-505-DO.pdf. Acesso em? 14 abr. 2024.

Texto 7 – Narrativa da orientanda Adriele

Oi Gente, tudo bem?

Hoje foi o último dia desse ano dos cursos que estou acompanhando na SME de Niterói, só voltarão ano que vem... Por isso, acho que para um estudo exploratório, as aulas que acompanhei mais as conversas que terei com as meninas da Assessoria para saber mais a fundo sobre os cursos me dará material suficiente para o projeto. Como segunda etapa, ainda para o projeto, pensei em conversar com as professoras participantes dos cursos que acompanhei.

Pensei em enviar um e-mail convite a elas com o seguinte texto: Olá tudo bem, nome da professora? Eu sou Adriele, a pesquisadora de mestrado da UERJ que acompanhou algumas aulas do curso de animação e edição de vídeos na Fundação.

Como falei, a pesquisa que estou realizando busca pensar a formação de professores no contexto das novas tecnologias, Você gostaria de participar? Podemos conversar por email, Facebook, posso visitar sua escola pra conhecer sua turma e batermos um papo sobre os cursos que você fez, a motivação para se inscrever, a importância dele na sua formação, os avanços que tem feito depois dele e outras coisas. Sua contribuição para a construção desse trabalho será muito bem vinda. (não sei se termino com beijos, abraços, Att, sei lá...) Caso a professora aceite, pensei em enviar um pequeno questionário para montar um roteiro a partir das respostas de acordo com cada sujeito: Nome, 143 Idade, faixa etárias das crianças com as quais trabalha: Quais cursos você fez na Fundação com uso das tecnologias: O que vcs acham? Bjos genteeeee

***Maria Luiza Oswald** - Achei ótimo! Não vou comentar mais pq preciso dormir. Depois de um dia de cão estou com insônia. Se for orientar às 3 da matina adeus sono. Bjs BetaDu Fernandes Espíndola Adri, a partir do "podemos conversar por e-mail...", entendi que você quer conversar com elas da forma que preferirem, por email, Facebook ou presencial. Minha única dúvida foi em relação à visita que você cita para conhecer o que elas fazem. A visita ao cotidiano escolar é um objetivo da sua pesquisa ou pode ser quanto pode não ser? Se for um objetivo você precisa deixar mais claro. Ou então não citar, de início, o interesse pela visita. Deixar para perguntar se você ode conhecer quando tiverem estabelecido um contato ou até confiança (não sei...).*

Fonte: *Facebook* – Grupo de Pesquisa (fechado)

A partir da experiência vivenciada na pesquisa, e como professora-orientadora de mestrandos e doutorandos, a professora

Rosemary dos Santos participou de um *podcast* produzido pela mestranda Pâmela Veras, do Grupo de Pesquisa Sociabilidades, Cibercultura e Educação - SoCib , sobre suas itinerâncias como docente-pesquisadora atuante, em relação a histórias de vida, personagens, eventos e experiências que merecem ser registrados, porque significativos para sua formação (Figura 32).

Figura 32 – Itinerâncias de uma docente-formadora- Prof. Dra Rosemary dos Santos



Fonte: *Spotify* [55]

4.7 Pesquisa-design Formação

Tatiana Rossini, escolheu a pesquisa-*design* como objeto de sua tese de doutorado, intitulada "Pesquisa-*design* formação: uma proposta metodológica para produção de Recursos Educacionais Abertos na cibercultura", defendida em 2015.

Inspirada nos movimentos sociais relacionados à abertura de materiais digitais para compartilhamento, (re)uso e remixagem no

[55] Disponível em: https://podcasters.spotify.com/pod/show/pmela-veras/episodes/Itinerncias-de-uma-docente-formadora--Prof-Dra--Rosemary-Santos-e2iu3nc/a-ab8k5p3. Acesso em: 18 mai. 2024.

ciberespaço, seu estudo desenvolveu, mediante a bricolagem da pesquisa-formação para a docência e aprendizagem na cibercultura (Santos, 2005; 2014) com alguns princípios da pesquisa-*design* (Gravemeijer; Cobb, 2006; Van Den Akker, 1999; Brown, 1992; Collins, 1992; Newman, 1990; Kelly, 2003; Ramos; Struchiner, 2008), um método para possibilitar a produção de artefatos digitais utilizando os recursos oferecidos pelas plataformas da Web 2.0 – a que denominou pesquisa-*design* formação (Figura 33).

Figura 33- Bases estruturantes da pesquisa-*design* formação



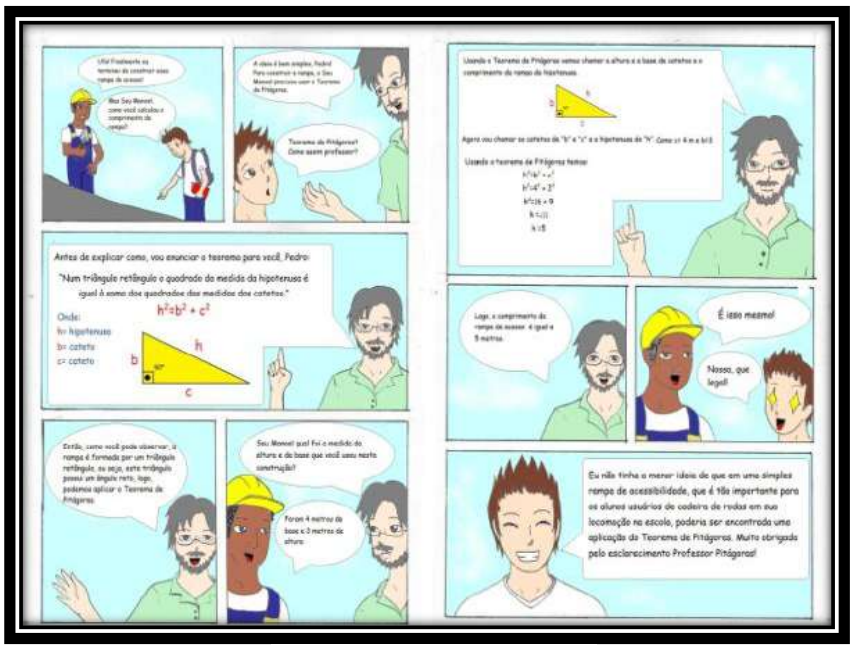
Fonte: Rossini (2015, p. 124)

Nesse contexto, o processo de '*aprendizagemensino*' é sustentado e mediado pelos atos de currículo pensados/criados pelo docente-pesquisador, ainda que haja liberdade de escolha quanto à linguagem (ex: vídeo, HQ, texto, apresentação, imagem, som), quando da construção de conteúdos educacionais.

Desse modo, a autora criou o dispositivo "*Design*-interativo aberto", atualizando o método da pesquisa-formação para a docência e aprendizagem na cibercultura com vistas à formação dos participantes. Nessa perspectiva sistematizou o processo de construção e implementação de atos de currículos e arquitetou percursos abertos em plataformas da *Web* 2.0, o que possibilitou a disponibilização de diversos materiais digitais em formatos abertos - REA, devidamente licenciados para uso, compartilhamento e remixagem.

Após terem vivenciado uma oficina de Histórias em Quadrinho - HQ, Ana Carolina e Allan, estudantes de Artes e Matemática, respectivamente, e praticantes da pesquisa, criaram e apresentaram uma história em quadrinhos para discutir o Teorema de Pitágoras, conforme mostrada na Figura 34, adiante, aliando, desse modo, as habilidades de desenhar com os conhecimentosde matemática em uma situação do cotidiano. A HQ "As Aventuras do Professor Pitágoras & Cia", produzida como trabalho da disciplina "Cotidiano Escolar: uma Prática Social em Construção" conta em sua narrativa visual uma história do cotidiano.

Figura 34 – HQ "As Aventuras do Professor Pitágoras



Fonte: Flickr[56]

Na HQ, o personagem Pedro, curioso para descobrir como são construídas as rampas de acesso para cadeirantes, descobre, ao conversar com seu professor de matemática, Pitágoras, que existe uma aplicação do Teorema de Pitágoras nessas construções. Uma

[56] Disponível em: http://www.flickr.com/photos/117141479@N03/12448402294/. Acesso em: 25.05.2024.

história que envolve a matemática no cotidiano e uma reflexão sobre inclusão e acessibilidade, conforme extrato abaixo:

Praticantes Ana Carolina e Allan – *"Trabalhamos durante as nossas aulas com a criação de um exemplo de recurso eorganizamos um plano adaptado para ele. Usamos a linguagem dos quadrinhoseletrônicos como suporte, chamadas pelo professor e cartunista André Brown de "HQtrônicas". Esta linguagem pode ser muito interessante, visto que é uma maneirade se aproximar do aluno através do apelo visual, atraindo sua atenção para osconteúdos apresentados. Este tipo de recurso é criado para ser utilizado através dasmídias digitais, podendo ser compartilhado pela internet pelas de redes sociais,assim havendo a possibilidade de ser visto e revisto fora do espaço da sala de aula.*

Produzir o quadrinho nos levou a refletir e analisar que uma aula não tradicional pode ser importante no processo de aprendizagem, principalmente em turmas que apresentam dificuldades de assimilação e concentração com relação à determinada matéria ou conteúdo. Mas, apesar de tudo, não devemos ir de um extremo a outro e abandonar as técnicas tradicionais de ensino. Deve-se buscar um equilíbrio entre as metodologias tradicionais e os novos meios de ensinar. É possível constatar é que professores que não se capacitam ou não tentam adquirir e adequar novas metodologias de ensino para que possam melhorar a sua didática e consequentemente a qualidade do ensino ficam alienados com relação à construção de um processo ensino-aprendizagem cada vez melhor."

4.8 Currículo CiberQueer

Sob o título "Currículo *CiberQueer*: autorias LGBTQIA+ na cibercultura", Fábio dos Santos Coradini tomou como objeto de sua pesquisa de mestrado, em 2022, o fenômeno *Queer*, termo usado para se referir a pessoas que não se enquadram nos padrões tradicionais de identidade de gênero e sexualidade (Figura 35). Nessa perspectiva, buscou compreeender como as narrativas provenientes das ocupações digitais realizadas por travestis e mulheres transexuais no *Instagram*, desde a pandemia da Covid-19,

possibilitam pensar questões curriculares que orientam a presença das corporeidades *queer* nos espaços educacionais.

Para realizar esse estudo, essas ocupações foram etnografadas a partir dos conceitos de criação de autorias em rede e artefatos culturais, construídos durante a vivência das praticantes no digital, seus processos de formação e sua relação com o território. A pesquisa-formação também foi utilizada como metodologia para melhor compreender como as pessoas trans/travestis formam e se formam no *online.*

Figura 35 – Currículo *CiberQueer*



Fonte: PPGDUC-UFRRJ[57]

As "Oficinas Pedagógicas Pós-críticas", presenciais e *online*, dispositivo criado a partir da etnografia virtual, mobilizaram diferentes saberes que nos possibilitaram pensar nas questões curriculares que orientam a presença dessas corporeidades nos espaços educacionais, e formular indicadores para a construção de um currículo *queer* na educação.

Mas, em que consistem esses indicadores?

Em termos gerais, indicadores são variáveis que fornecem informações quantitativas ou qualitativas sobre um fenômeno, processo, ou desempenho, utilizados para avaliar, monitorar e medir diferentes aspectos em diversos contextos, como educação,

[57] Disponivel em: https://rima.ufrrj.br/jspui/bitstream/20.500.14407/13135/3/2022%20-%20F%c3%a1bio%20dos%20Santos%20Coradini.pdf. Acesso em: 25 mai. 2024.

economia, saúde, meio ambiente, entre outros. Indicadores curriculares, em particular, são medidas ou critérios usados para avaliar o progresso e o desempenho discente em relação aos objetivos educacionais definidos pelo currículo. Esses indicadores são essenciais para avaliar a eficácia do processo de '*aprendizagemensino*', identificar áreas de melhoria e tomar decisões sobre o desenvolvimento do currículo devendo ser relevantes e estar alinhados aos objetivos educacionais.

- Desenvolvimento de políticas de reconhecimento LGBTQIA+ nas escolas;
- Desconstrução teórica da definição de currículo oculto, percebendo que as salas de aulas estão repletas de "novos sujeitos" detentores de suas narrativas de vida e formação;
- Inserção por meio de práticas de leituras ou outros tipos de atividades, da historia de constituição do movimento social LGBTQIA+, sua historicidade de formação, seus personagens, assim como toda a conjectura com os movimentos feminista e lésbico.
- Conscientização e promoção por meios de atividades diáticas do significado da sigla LGBTQIA+, assim como sua relação com nova geração de sujeitos e a contemporaneidade.
- Promoção de seminários interdisciplinares que envolvam debates inicialmente gerais sobre gênero e sexualidade, para que com o decorrer da conscientização, os debates possam ir atingindo discursos mais específicos sobre identidade de gênero, expressões de gênero e outros assuntos.
- Reconhecimento dos setores da escola sobre a importância do uso do nome social.
- Aprofudamento no debate sobre o uso de banheiros para pessoas trans e não binárias.
- Desenvolvimento de congressos, seminários ou atividades que tenham como foco apresentar a constituição jurídica de leis que são destinadas aos direitos da comunidade LGBTQIA+;

- Desenvolvimento de grupos focais de estudos sobre as leis que resguardam direitos muito específicos de pessoas trans e não binárias.
- Profusão criativa da arte *queer*, através da disciplina de artes.
- Organização de Oficinas sobre linguagem inclusiva e não binária.
- Inserção no programa disciplinar de epistemologias LGBTQIA+ como campo teórico e composição curricular da disciplina.
- Desenvolvimento de atividades on-line que permitam aos estudantes a manipulação de interfaces digitais visando a construção de autorias.
- Construção de atividades, como círculos cibercultuais, visando a construção de histórias de vida e formação dos estudantes frente a temas sobre gênero e sexualidade.
- Aulas-oficinas visando a construção de artefatos curriculares sobre temas que discutem questões pós-críticas.
- Criação de fóruns estudantis para a construção de atividades inclusivas.
- Apresentação de um calendário sobre as datas comemoradas pela comunidade LGBTQIA+.
- Formação continuada para docentes sobre gênero e sexualidade.
- Discutir por meio de atividades práticas e lúdicas a importância da interseccionalidade e seus atravessamentos no currículo.
- Buscar transforma as salas de aulas em espaços plurais que permitam aos estudantes a construção e disputa de narrativas sobre seus corpos, dúvidas e questionamentos.

4.9 Checagem de Notícias Falsas (Fact Checking)

A disseminação de *Fake News* é um fenômeno preocupante, especialmente em uma era em que a desinformação, potencializada pelas emoções e as crenças pessoais, que têm mais influência na

opinião pública do que os fatos objetivos, pode se espalhar rapidamente por meio das redes sociais e outras plataformas *online*.

O combate a essas práticas requer esforços coordenados como investimento em verificações de fatos e transparência nas plataformas *online,* e educação para alfabetização digital. Além disso, é fundamental que os usuários sejam críticos em relação às informações que consomem e compartilham, buscando fontes confiáveis e verificando a autenticidade das notícias antes de disseminá-las.

Com o propósito de compreender esse fenômenos e suas repercussões na sociedade, inclusive na educação, Wallace Carriço Almeida, em sua tese de doutorado, denominada "*Fact-checking education*: identificação, produção e combate de narrativas falsas nas redes" (2021), desenvolveu uma metodologia de ensino e pesquisa, que lhe possibilitou a apresentação de proposições para fins educativos (Figura 36).

Figura 36 - "Fact-checking education: identificação, produção e combate de narrativas falsas nas redes"



Fonte: PPGDUC-UFRRJ[58]

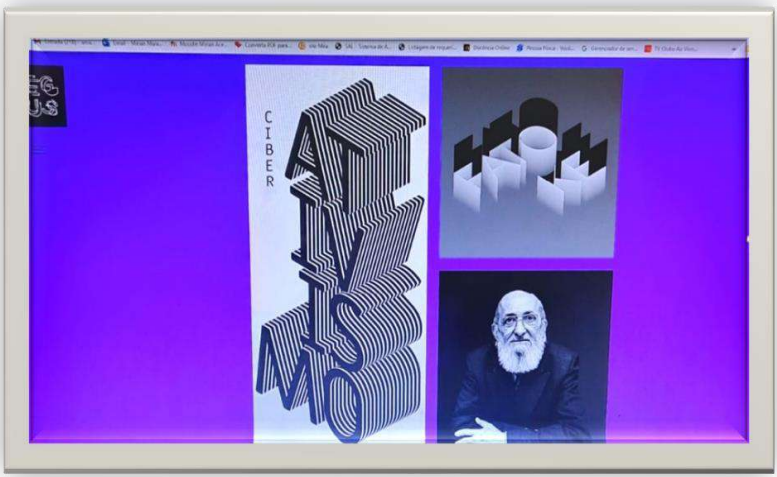
O Reglus, dispositivo de pesquisa-formação na cibercultura foi criado como uma proposta de prática pedagógica na cibercultura,

[58] Disponível em: https://rima.ufrrj.br/jspui/bitstream/20.500.14407/15780/1/2022%20-%20 Wallace%20Carri%c3%a7o%20de%20Almeida.pdf. Acesso em: 25 mai. 2024

como ato de currículo na formação de professores. Tendo como campo da pesquisa o cotidiano da disciplina de "Informática na Educação" do curso de Licenciatura em Pedagogia a distância pela UERJ/CEDERJ/UAB, foi possível investigar como essa disputa de narrativas vem modificando as formas de atuação e formação docente por meio dos estudos dos fenômenos que emergem da cotidiano e suas apropriações pelos praticantes culturais. Da partilha entre saberes e vivências, e na proposta de novos letramentos na criação de narrativas e imagens do ato de confirmar e comprovar fatos e dados usados em discursos em diferentes mídias compartilhadas, em rede, ficou evidente a importância do ato de ler; o ciberativismo como práxis da liberdade e inteligência coletiva: um reencontro com a inteligência artificial, bem como a proposição de um diálogo entre a formação docente e as novas formas de socialização e aprendizagem contemporâneas.

O Reglus, um arquivo dinâmico de notícias verificadas nas redes é apresentado, a seguir

Figura 37- Dispositivo Reglus



Fonte: *Print* do *site*[59]

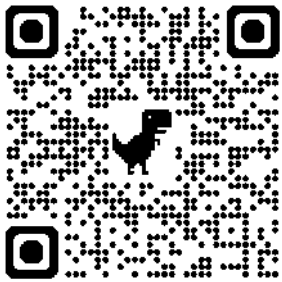
[59] Disponível em: Reglus.me. Acesso em: 11 nov. 2023.

4.10 Pedagogia Descapacitista Online

Garantir acesso e permanência dos estudantes com deficiência às escolas é um dos grandes desafios contemporâneos. Na disciplina de Educação Física, em particular, observamos questões pedagógicas, no campo do currículo, organização de conteúdos, reestruturação de aulas, planejamento, além de outros desafios, como: ressignificação da participação nas aulas, questões corporais que atravessam a deficiência, e seus desdobramentos em diferentes níveis de relacionamento escolar, que culminam no discurso docente "não estou preparado para dar aulas para o aluno com deficiência, como afirma Aline Alvernaz, que direciona o foco de seus estudos para a formação continuada desses professores.

Desse modo, em sua tese de doutorado, intitulada "Formação Continuada *Online* de Professores de Educação Física para a Inclusão: forjando uma Pedagogia Descapacitista" (2022), a autora buscou compreender como ocorre a formação continuada desses professores, na perspectiva da inclusão, na modalidade *online*. Sustentado, metodologicamente, pela ciberpesquisa-formação, bricolada aos princípios da multirreferencialidade, da cibercultura e à abordagem das pesquisas com os cotidianos, o estudo teve como campo de pesquisa a rede municipal de Mesquita/RJ. O processo formativo docente na perspectiva inclusiva foi desenvolvido, a partir de dispositivos síncronos e assíncronos articulados a interfaces do *WhatsApp,* do *Zoom* e do *Instagram*. Nessa perspectiva, atos de currículo foram engendrados com vista à emersão de conversas e narrativas diversas, em múltiplas linguagens e mídias, a fim de melhor compreendermos a realidade investigada (Figura 38).

Figura 38 – "Formação Continuada *online* de Professores de Educação Física para a Inclusão: forjando uma Pedagogia Descapacitista"



Fonte: PPGDUC-UFRRJ[60]

O dispositivo "Descapacita", criado com vistas à organização de uma Pedagogia Descapacitista, emergente do coletivo dos praticantes integrantes da pesquisa, forjou abordagens sobre o corpo e suas práticas, a partir de uma abordagem interseccional, com foco na humanização, a fim de atualizar processos formativos docentes/discentes que possam atender às demandas educativas diligentes.

Apresentamos, na Figura 39, a seguir, o infográfico do dispositivo de pesquisa "Descapacita!".

[60] Disponível em: https://tede.ufrrj.br/jspui/handle/jspui/6762. Acesso em: 25 mai. 2024.

Figura 39 - Infográfico do "Descapacita!"!



Fonte: Elaborada por Alvernaz (2022, p. 53)

4.11 Direitos Sexuais e Reprodutivos na Cibercultura

Tendo como foco de sua pesquisa o binômio 'sexualidade' e 'processos reprodutivos', Janaína Rodrigues desenvolve sua tese de doutorado intitulada "Direitos Sexuais e Reprodutivos e Paulo Freire: a emergência dos círculos ciberculturais"(2024)[61], para compreender como os conhecimentos acerca dos direitos sexuais e reprodutivos são tecidos no cotidiano escolar, a partir de um

[61] Essa tese, já defendida, será publicada, em breve, e disponibilizada no site do PPGDUC-UFRRJ.

relação dialógica com a concepção freireana de educação, os pressupostos metodológicos da ciberpesquisa-formação (Santos, 2019) e as contribuições de teóricas do feminismo interseccional, como: bell hooks, Patrícia Hills Collins e Maria Lugones, e de intelectuais brasileiras, como: Lélia Gonzalez, Carla Akotirene, Djamila Ribeiro e Bárbara Carine.

Para a autora, direitos sexuais e reprodutivos (DSR) são direitos humanos fundamentais, reconhecidos em diversos documentos internacionais, como a Declaração Universal dos Direitos Humanos redigida pela Organização das Nações Unidas (DUDH) proclamada e adotada pela Assembléia Geral das Nações Unidas (AGNU/ONU), em 1948. Trata-se, portanto, de um campo em permanente tensão e luta, dadas as inúmeras violações de direitos humanos que ocorrem no mundo, inclusive em países signatários da Declaração.

No pressuposto de que, na contemporaneidade, as juventudes são influenciadas pelas imagens que transitam no digital em rede (Silva, 2013), e não se podem reduzir as culturas juvenis, suas contradições e diversidade à homogeneidade de uma narrativa única, o estudo pautou-se nas contribuições do educador Paulo Freire (1921-1997) sobre a pedagogia do diálogo, materializando-se na ideia de conversa como metodologia de '*aprenderensinar*' e nos dispositivos utilizados, possibilitando, desse modo, o desenvolvimento de autorias e a criatividade no processo educativo.

A Fgura 40, a seguir refere-se a um artigo científico da autora em parceria com Aristóteles Berino, em 2022, e apresenta um recorte de sua pesquisa.

Figura 40 - Direitos Sexuais e Reprodutivos e Paulo Freire: conversas no WhatsApp



Interfaces Científicas[62]

Assim, a discussão sobre o interesse dos praticantes pela temática sexualidade e processos reprodutivos emergiu da rede de '*fazeressaberes*' estabelecidas entre a professora-pesquisadora e os estudantes de uma escola pública localizada no interior do estado do Rio de Janeiro, que utilizou a conversa como metodologia, aproximando, desse modo, a pesquisa aos cotidianos, pois a rede de conversações instituída entre os participantes do estudo foi entendida como arte de conversar e oportunidade para o reconhecimento da narrativa dos praticantes envolvidos (Alves, 2019).

Tomando como inspiração os Círculos de Cultura[63] concebidos por Paulo Freire, Janaína criou o dispositivo intitulado 'Círculos ciberculturais freireanos', que se constituiu de diversos microdispositivos acionados, presencialmente e/ou *online*, que possibilitaram a mediação de conversas sobre a temática em nove

[62] Disponível em: https://periodicos.set.edu.br/educacao/article/view/10641. Acesso em: 28 mai. 2024.

[63]Os Círculos de Cultura foram realizados com educadores e educandos (majoritariamente camponeses) na aplicação do Método de Alfabetização de Paulo Freire, na década de 1960. As narrativas orais eram anotadas ou gravadas e os praticantes podiam refletir criticamente sobre a prática, situação que estimulava a compreensão acerca da realidade (Freire, 1981). Nesses encontros, o educador assumia o papel de mediador e atuava como um coordenador, sem influir ou adotar uma postura impositiva.

círculos ciberculturais forjados a partir do uso estratégico e pedagógico de diversos *App-educations* (Santos e Porto, 2019), como: *WhatsApp*, *Mentimeter*, *Padlet*, *Google Meet*, *Instagram* e *Google Jamboard*.

Os dois primeiros círculos ciberculturais mediados com os praticantes foram os "Diálogos sobre DSR", com narrativas desenvolvidas no *WhatsApp*, e o *Mentimeter*, nuvem de pala*v*ras geradoras que emergiu espontaneamente nas narrativas dos praticantes, possibilitando a interação e a cocriação, entre eles, ao mesmo tempo em que desvelou seus modos de ser e estar no mundo.

Ressaltamos, a seguir, a narrativa do estudante D., sobre sua participação do evento "Organização Não Governamental Volta Redonda sem Homofobia" e, também a reação da estudante M., que deixa evidente o respeito e a solidariedade que observamos entre os participantes (Textos 8 e 9).

Texto 8 – Narrativa "ONG Volta Redonda sem homofobia"

Professorapesquisadora: " É Volta Redonda sem homofobia, nós lutamos não só pela comunidade LGBTQIA+, mas por todos os grupos minoritários."

Estudante M.: *"Que legal! Parabéns! "*

Professorapesquisadora: "É o grupo coordenado pelo N. A? Estou seguindo há algum tempo lá no Facebook."

Estudante D.: "Sim, https://instagram.com/ongvrsh?utm_medium=copy_link."

Professorapesquisadora: "Opa, já vou seguir no insta tb! Adorando as contribuições. Vocês podem falar com liberdade. Não se prendam à resposta do colega. Cada ideia conta muito, importa muito."

No intuito de ampliarmos o entendimento acerca da tecitura de conhecimentos relacionados à temática abordada, avançamos para a segunda questão: "Você já realizou alguma atividade sobre direitos sexuais e reprodutivos na escola?"

Estudante G: "Pelo o que eu me recordo, não."

Estudante Pe: "Acredito que não, tive poucas matérias que abordavam o assunto." Estudante Jo: "Não".

Estudante J.: "Realizei alguns pequenos debates dinâmicos, no entanto, não contaram com muito aprofundamento."

Estudante L.: "Pelo que eu me lembre não, não acho que estudarmos."

Estudante P.: Sim, posso citar a vez em que estava na quarta série e tinha 8 anos, quando uma professora falou abertamente sobre o assunto, explicando e mostrando em imagens. E também, comumente, em aulas de ciências ou em sociologia."

Estudante D.: "Na escola, não."

Estudante M. e Estudante A.: "Que eu me lembre, não'.

Fonte: Berino; Eduardo (2022, p. 75-76)

Texto 9 – Narrativa da estudante M.

Professorapesquisadora: Estudante D., qual o nome da ONG? Poderia partilhar conosco?

Estudante D.: É Volta Redonda sem homofobia, nós lutamos não só pela comunidade LGBTQIA+, mas por todos os grupos minoritários.

Estudante M.: Que legal! Parabéns.

Professorapesquisadora: É o grupo coordenado pelo N. A? Estou seguindo há algum tempo lá no Facebook.

Estudante D.: Simm, https://instagram.com/ongvrsh?utm_medium=copy_link

Professorapesquisadora: Opa, já vou seguir no insta tb! Adorando as contribuições. Vocês podem falar com liberdade. Não se prendam à resposta do colega. Cada ideia conta muito, importa muito

Fonte: Berino; Eduardo (2022, p. 75)

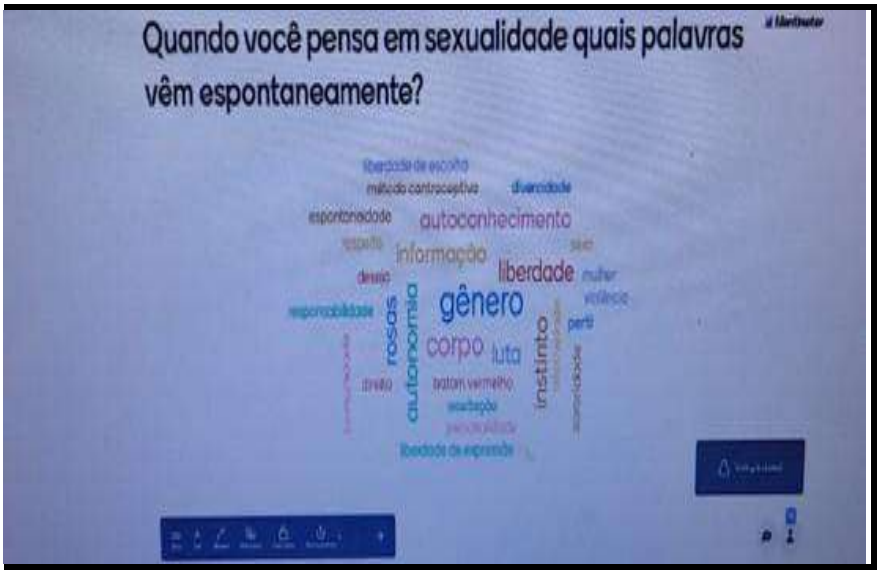
Essas narrativas são preocupantes, na medida em que, excetuando alguns esforços, as temáticas relacionadas à educação e saúde sexual, ainda são delegadas aos professores de ciências e biologia, quando poderiam ser abordadas, de forma interdisciplinar.

As conversas realizadas no *WhatsApp* favoreceram a busca por palavras geradoras possibilitaram a cocriação de uma nuvem de palavras no *Mentimeter*, dispositivo que não necessita de instalação, é fácil de usar, possibilita a interação entre os participantes e pode ser acessado no endereço eletrônico: https://www.mentimeter .com/ (Torres *et al*., 2019).

Na nuvem criada (Figura 41), os termos que mais atraíram os nossos olhares foram os relacionados ao respeito aos direitos e à diversidade, palavra que foi digitada incorretamente, mas que

assume importância considerável, sobretudo quando ao lado de palavras como "luta" e "liberdade", também por considerarmos que "a realidade é multicor, é arco-íris" (Freire, 2019, p. 57).

Figura 41– Nuvem de palavras cocriadas no Mentimenter



Fonte: Berino; Eduardo (2024, p. 77)

Considerando que a afetividade é um conceito fundamental na perspectiva de educação freireana, os termos "desejo", "corpo", "rosas", "batom vermelho", também merecem ser destacados, porque embora inacabados, somos seres inteiros e não dicotomizados, que conhecem com o corpo todo, com sentimento, paixão e razão (Freire, 2019a, p. 28). Após a realização das atividades foi solicitado que os estudantes avaliassem o encontro. Os resultados evidenciaram que os recursos utilizados foram atrativos, como podemos perceber abaixo:

Praticante Pe.: *"Foram métodos super legais e educativos, abordando o assunto de uma forma fácil de compreender. Assim como eu aprendi muito sobre os assuntos falados, todos os outros também*

aprenderam e compartilharam seus conhecimentos,o que certamente favoreceu bastante o processo".

Praticante J.: *"Sim, adorei os meios utilizados para o desenvolvimento da pesquisa, tornou- -a bem dinâmica e leve.*

4.12 Cinema Multirrefencial na Cibercultura

Em seu estágio pós-doutoral, realizado em 2016, na UERJ, sob a supervisão da professora Edméa Santos, a pesquisadora Mirian Maia do Amaral teve como objeto de seus estudos o cinema multirreferencial no contexto da cibercultura - arte que combina imagens em movimento, sons e narrativas para transmitir mensagens ou contar histórias.

Para compreender como o cinema, com sua linguagem imagética pode ser utilizado para potencializar currículos e pesquisas multirreferenciais, em diferentes '*espaçostempos*' de aprendizagem, com vistas ao desenvolvimento de (co)autorias diversas, foi criado um Cineclube - um Ambiente Virtual de Aprendizagem, na plataforma Moodle , um *software* educacional livre.

O dispositivo "Cineclube 2016" consistiu num '*espaçotempo*' formativo que objetivou pensar como o cinema – dispositivo que favorece a criação de currículos e possibilita a integração de saberes científicos e saberes construídos na cultura, no cotidiano das cidades, das tecnologias e das artes, contempla a diferença, a diversidade, a alteridade, a autonomia e a criatividade. Esse espaço permitiu a vivência da aprendizagem significativa, em rede, mediante a criação e a cocriação do conhecimento, ao mesmo tempo em que se exercitavam a colaboração, o diálogo e a interatividade. Assim, sua utilização transcendeu a ideia de simples ilustração da realidade, para englobar aspectos culturais, históricos, literários e políticos a ele inerentes, que oportunizaram o desenvolvimento de novas visões de mundo ao entrelaçar arte e educação.

Com efeito, o cinema foi pensado como um artefato cultural, que nos inspira e convida a desenvolver nossas práticas educativas e de pesquisa multirreferencial com os cotidianos, na medida em

que, além da leitura e discussão de textos impressos (científicos, jornalísticos, artísticos ou produzidos nos e pelos cotidianos), interessou-nos aprender e vivenciar outras experiências.

Como resultado desses estudos, foram produzidos os três artigos, discriminados, nas Figuras 42, 43 e 44, a seguir.

Figura 42 - Culturas cotidianas na inter-relação da cidade com a Universidade do Estado do Rio de de Janeiro – UERJ, à luz do ddocumentário "Lixo Extraordinário" (2019)



Fonte: Revista e-Curriculum[64]

Figura 43 - Diários online como dispositivos de pesquisa-formação na cibercultura: uma conversa com o filme Avatar (2022)



Fonte: Revista Pro-posições[65]

[64] Disponível em: https: revista pucsp.br. Acesso em: 18 abr. 2024.

[65] Disponível em: https://www.scielo.br/j/pp/a/nJY74K4SXqpTSJ7Cnjgfkst/. Versões em Português e Inglês. Acesso em: 25 nov. 2023.

Figura 44- Diversidade cultural, alteridade e vida: o cinema para pensar atos de currículo nos espaçostempos de aprendizagem



Fonte: Revista RIAEE[66]

4.13 Redes de Criação de Docentes Universitárias

Uma educação que se proponha plural, democrática, feminista e antirracista tem como princípio básico o reconhecimento das desigualdades e opressões que a população negra vivencia em nossos cotidianos, e a necessidade de combater essas práticas, mediante o diálogo entre os saberes científicos e os saberes do homem comum (Santos, B., 2005).

Angela Davis afirma que "numa sociedade racista, não basta não ser racista: é preciso ser antirracista", tomando para si a responsabilidade pela redução/erradicação de preconceitos, especialmente os respaldados pelo sistema hierárquico que segmenta nossa sociedade em camadas , tais como cor e etnia.

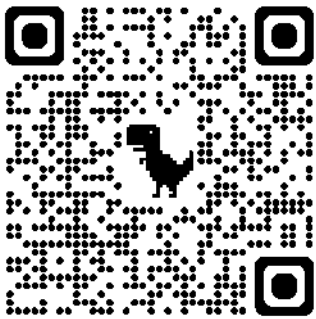
A pesquisadora Maristela Midlej, em seu estágio pós-doutoral, realizado no período de 2022-2023, na UFRRJ, sob a supervisão da professora Edméa Santos, dedicou-se ao estudo do racismo cotidiano, pautado na supremacia branca e no colonialismo. Para tanto, toma as redes de criação educativas e multirreferenciais como campo de estudo e dispositivo de pesquisa. Nesse contexto, busca a valorização das histórias dos sujeitos, seus saberes e suas

[66]Disponível em: https:// periódicos.fclar.unesp.br. Acesso em: 18 abr. 2024.

culturas - uma educação que, em sendo interseccional, leva em conta as múltiplas dimensões da identidade dos sujeitos.

No artigo, a seguir (Texto 13), a autora apresenta um caso de racismo que teve grande repercussão nas mídias, etnografando rastros deixados pelas praticantes culturais em diferentes 'e*spaçostempos*' *online*.

Figura 45- O racismo cotidiano: um caso de pesquisa etnográfica na Cibercultura



Fonte: Revista Periferia – Educação, cultura &educação[67]

[67] Disponível em: https://www.e-publicacoes.uerj.br/periferia/article/view/71243. Acesso em: 28 mai. 2024.

UMA PALAVRA FINAL

Este livro, como sinalizado em sua apresentação, tem um caráter prático, sem, contudo, deixar de reconhecer a relevância de questões teóricas que dão sustentação ao trabalho científico. Objetiva contribuir com todos aqueles que se interessam por pesquisas científico-acadêmicas, no contexto da cibercultura. Nele, proponho-me a conversar com vocês, leitores, sobre a pesquisa na pós-graduação *stricto sensu* e, particularmente, sobre a escrita da pesquisa, trazendo, para a discussão, a experiência, nos últimos 13 anos, do Grupo de Pesquisa Docência e Cibercultura – GPDOC-UERJ/UFRRJ, coordenado pela professora Edméa Santos.

Ao iniciar meus escritos, tive de vencer o medo das críticas. Muni-me, então, de coragem, e dei o primeiro passo. Pouco a pouco as ideias foram surgindo, e as palavras assumindo seus lugares na 'tela em branco'. Durante esse percurso, fui descobrindo o quanto a escrita me ajudava a encontrar o que há de essencial em mim, e o quanto de amor há no ato de escrever. E, pouco a pouco, o livro se fez realidade.

Hoje, ao concluí-lo, olho para cada página e me orgulho dessa jornada. Sei que uma grande parte de mim segue com ele. E não poderia ser diferente. Sua construção está alicerçada em minha caminhada formativa e, particularmente, em cerca de 20 anos de atuação como professora de Metodologia de Pesquisa, (co)orientadora de dissertações e teses, e participante em bancas examinadoras desses estudos, além da vivência como doutoranda, pós-doutoranda e pesquisadora, integrante desse grupo e de suas polinizações.

Comparo o processo de criação desse livro ao de parir um filho, pois intenso e muitas vezes doloroso, cercado de incertezas e armadilhas. O preço é alto, mas dá um enorme prazer apreciar o resultado de um trabalho autoral. Nada vale mais do que o fascínio e a magia de poder segurar pela primeira vez, em meus braços,

esse pequeno tesouro, sentindo o milagre da vida se revelar diante de mim, sem conseguir expressar, em palavras, a imensidão desse sentimento - a síntese da felicidade contida em um único ser.

O mesmo acontece com a pesquisa acadêmico-científica na pós-graduação *stricto sensu*, especialmente quando essa envolve criatividade e inovação em sua forma de abordar uma determinada realidade. Assim, a pesquisa pode ser vista como uma arte, mas também como uma disciplina acadêmica rigorosa, baseada em métodos científicos, evidências e 'rigor' intelectual. Em outras palavras, ainda que possa ter elementos artísticos, ela não é estritamente uma forma de expressão artística no sentido tradicional. O pesquisador, em processo de aprendizagem permanente, comporta-se, em geral, como um eterno aprendiz, mitigando suas hesitações e incertezas, na medida em que conversa com seus pares, orientadores e interlocutores teórico-metodológicos, numa relação dialógica, interativa e colaborativa, reconhecendo que uma pesquisa tem suas próprias normas e critérios acadêmicos que a distingue como uma disciplina única.

O desenvolvimento de trabalhos dessa natureza desperta, em nós, anjos e demônios, devido à longa convivência com os embates entre nossas forças internas e as demandas externas, como prazos, falta de dinheiro, relacionamentos estremecidos, entre outros. Mas, apreciar o resultado dessa criação é algo sublime.

Período de grandes descobertas sobre quem somos e sobre aquilo que pesquisamos, a abertura ao autoconhecimento possibilita, ao pesquisador, tirar algumas lições que essa experiência proporciona para responder aos desafios que se impõem, cujas respostas serão sempre parciais, mas reveladoras. Na medida em que aceitamos nossos erros, omissões, negligências cometidas, e suas consequências, mas também nossas conquistas, estamos mais próximos de reconhecer nossa incompletude e nossa humanidade. E é essa humanidade a responsável pela felicidade de sermos eternos aprendizes.

Para reunir nossas autorias, esta obra foi estruturada em seis grandes blocos. Inicialmente, os leitores são apresentados à obra como um todo, e ao que irão encontrar ao longo do texto. A partir desse ponto, reflexões são feitas sobre como processos de qualificação - entendidos como atos de currículo e formação universitária -, implicam vidas em formação *com* e *pela* pesquisa, e oferecidas sugestões de como estruturar um projeto de pesquisa. Dando continuidade, a relevância de se participar de grupos de pesquisa, para a formação universitária, bem como os desafios da orientação e da relação orientador/orientando, na pós-graduação *stricto sensu*, são discutidos. Questões relacionadas ao ato de educar no contexto da cibercultura e da educação *online*, as invenções e descobertas cotidianas e os dispositivos acionados a partir de atos de currículo engendrados, são apresentados em sequência. Finalmente, são listadas as produções de mestrandos, doutorandos e pós-doutorandos, nos últimos 13 anos.

Nesse contexto, enfatizamos a importância de um olhar científico e afetuoso para a escrita do relatório de pesquisa, tendo em vista conectá-lo com o *outro*, mediante uma 'conversa' que possa tocá-lo, de modo significativo; uma escrita clara, mais reflexiva e autoral, e menos automática, plena de sensibilidade.

Espero que esta obra possa abraçá-los, caros leitores, indo ao encontro de suas expectativas. Na oportunidade, tomo, por empréstimo, as palavras de Isaac Newton, para afirmar que "Se eu vi mais longe, foi por estar sobre ombros de gigantes". Com efeito, isso só foi possível, pela possibilidade de dialogar com autores diversos que, com suas obras me provocaram e me instigaram à reflexão, particularmente com Méa, que além de ser uma interlocutora de 'peso', compartilha sua alegria e generosidade. As interações com diferentes orientandos de mestrado, doutorado e pós-doutorado integrantes do referido grupo, com suas 'provocações' e calorosos e profícuos debates, foram igualmente valiosas.

Estou convencida de que muito ainda poderia ser dito e exemplificado sobre a pesquisa acadêmico-científica no contexto

da cibercultura, assim como outras abordagens metodológicas. É assim mesmo!

O conhecimento é um processo dinâmico e contínuo, que não está pronto e acabado, mas em constante construção. E, um processo de construção admite múltiplos conteúdos, abordagens e enfoques. Fiz minhas escolhas. Outras pessoas, certamente irão descobrir outras 'paisagens muito mais floridas'. E, assim espero.

É a efervescência de possibilidades que dá vigor à academia e aos empreendimentos humanos.

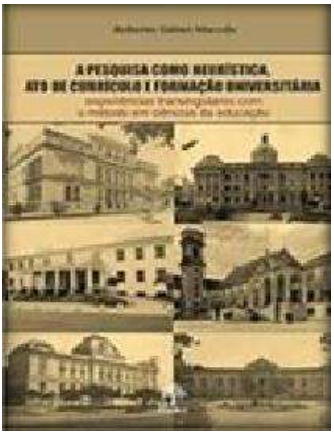
LEITURAS RECOMENDADAS



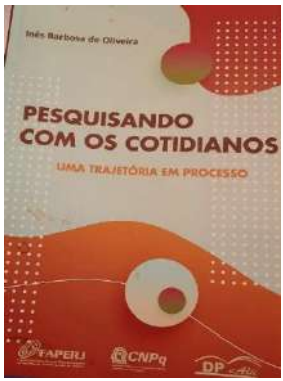
Oliveira, Inês Barbosa; Peixoto, Leonardo F. *Estudos do cotidiano, currículo e formação docente* – questões metodológicas, políticas e epistemológicas. CRV, 2020.

A partir de reflexões e pesquisas realizadas locais e circunstâncias distintos, com objetivos plurais e por múltiplos meios, os autores buscam melhor compreensão dos cotidianos escolares, suas existências invisibilizadas pelo pensamento moderno e pela hegemonia de propostas de escolarização formuladas com base nessas invisibilidades.

Macedo, Roberto S. *A pesquisa como heurística, ato de currículo e formação universitária:* experiências transingulares com o método em ciências da educação. Campinas, SP: Pontes Editores, 2020.



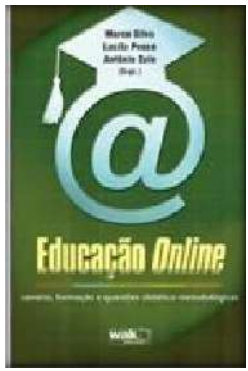
Macedo ressalta que, para além dos padrões regulatórios e controles excessivos, tão presentes nas universidades, a pesquisa não pode ser desvinculada de sua história e cultura acadêmica, entendendo-a como descoberta/criação, como ato de currículo que se dá a partir de propostas curriculantes de gestores, professores e estudantes, ao produzirem seus saberes, bem como no processo de investigação, nos seminários, nas aulas, nos grups, entre outros.



Oliveira, Inês Barbosa de. *Pesquisando com os cotidianos*: uma trajetória em processo. Petrópolis, RJ: FAPERJ, 2023.

Nesse livro, a autora narra sua vida profissional, que se inter-relaciona aos momentos de sua vida pessoal e eventualmente ligada a momentos sociais e políticas, país e do mundo.

Silva, Marco, Pesce, Lucila: Zuin, Antonio (orgs). *Educação online:* cenário, formação e que stões didático-metodológicas. Rio de Janeiro: Walk Ed., 2010.



Mediação docente, desenho didático, estilos de aprendizagem, potencial da videoconferência, interfaces da cibercultura,

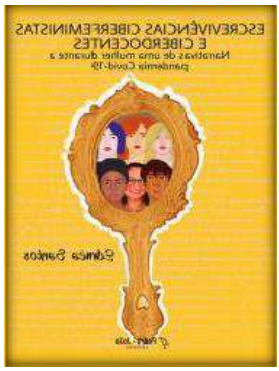
possibilidades e limites da sala de aula 'virtual', formação de professores e avaliação da aprendizagem são alguns dos temas discutidos neste livro, tendo em vista contribuir com os trabalhos de pesquisadores, docentes e gestões que atuam na modalidade educacional via *Internet.*



Warschauer, Cecília. *Rodas em rede:* oportunidades formativas na escola e fora dela. 2ª ed, rev. ampliada. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017.

Rodas em Rede registra a jornada pessoal e profissional da autora, em busca de educação que inclua afeto e o pensamento crítico, propondo que a formação humana, inclusive a profissional, aconteça em ambientes ricos oportunidades de construção de conhecimentos não apenas acadêmicos.

Santos, Edméa. *Escrevivências ciberfeministas e ciberdocentes*: narrativas de uma mulher durante a pandemia Covid-19. São Carlos: Pedro & João Editores, 2022.



Trata-se de um dizer de si, em que a autora relata o vivido antes e durante a pandemia da COVID 19. Nesse contexto, narra seu modo singular de viver a docência e a educação, na contemporaneidade.

Aliando-se à luta das mulheres, em múltiplas virtualidades, convida o leitor a pensar nas armadilhas criadas por grupos hegemônicos, apostando na arte dos encontros, buscando saídas, juntamente com suas parceiras.



Holanda, Ana. *Como se encontrar na escrita*: o caminho para despertar a escrita afetuosa e em você. Bicicleta Amarela. eBook Kindle, 2018.

Nesse livro, Ana Holanda conduz o leitor numa jornada sobre a descoberta da escrita afetuosa, objetivando fazer com que cada um encontre a própria voz, identifique a melhor forma de colocá-la no papel e, por fim, perca o medo de compartilhar o resultado.

Santos, Edméa. *Pesquisa-formação na cibercultura*. [E-book]. EDUFPI, 2019.



Nessa obra, a metodologia da pesquisa-formação na cibercultura é abordada, a partir das itinerâncias da autora, especificamente com a educação e a docência *online*, concebida com um fenômeno da

cibercultura, que se materializa em interfaces com as práticas formativas no meio físico e no ciberespaço, mediadas por telecnologias digitais em rede.



Amaral, Mirian Maia do. *Autorias textuais e imagéticas em redes de aprendizagem online* - produções docentes e discentes. Novas Edições Acadêmicas, 2016.

Em tempos de cibercultura, a noção de autoria se torna cada vez mais coletiva e pulverizada. Somos todos autores, em potencial, na medida em que ancoramos nossos dizeres, em nossas memórias e nos dizeres alheios, assumindo uma posição responsiva e responsável pelo que expressamos. Nesse contexto, como autorias podem ser produzidas sob as formas textuais e imagéticas e materializadas em redes educativas *online*? Essas e outras questões são discutidas nessa obra.

Santos, Edméa; Rangel, Leonardo. *O caminhar na educação*: narrativas de aprendizagens, pesquisa e formação. Atena, 2020.



A leitura desse livro desperta-nos o sentido de nomadismo, na medida em que nos convida a viver, ensinar, pesquisar, formar e nos entregar à aprendizagem

contínua, incessante, desbravadora e corajosa, seja no mundo físico ou no digital em rede.



Santos, Edméa. *Diários online*: dispositivo multirreferencial de pesquisa-formação na cibercultura. Whitebooks, 2015.

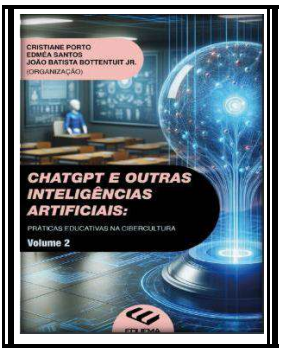
Esse livro possibilita uma reflexão aprofundada no campo da pesquisa-formação multirreferencial, via diários o*nline*. Estruturado em três capítulos, apresenta, simultaneamente, sínteses informativas e interpeladoras sobre a temática em questão, constituindo um importante contributo no movimento de criar recursos e dispositivos para gerar estratégias mais eficazes no processo de investigação.

Santos, Edméa. *Formação online na pós-graduação stricto sensu*: diários, *visual storytelling*, narrativas e autorias de uma pesquisadora em movimento nas cidades e no ciberespaço. Pedro & João editores, 2024.



Nesta obra recém-lançada, a autora caminha por histórias, imagens e experiências vivenciadas durante o seu Pós-doutorado realizado

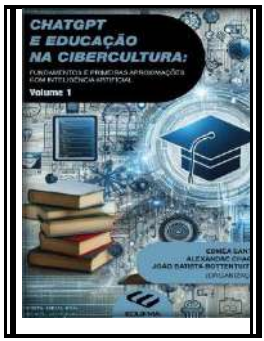
em Ohio, em 2023. Traz a narrativa como gênero do discurso, e nos brinda com o Diário *online*, um dispositivo imprescindível para alguém que se proponha a realizar uma pesquisa. No dizer da própria autora, "o coração da ciberpesquisa-formação", porque abarca inquietudes, sentimentos, emoções, sensibilidade, entre outros.



Porto, Cristiane; Santos, Edméa; Bottentuit JR., Jõao Batista (orgs). *ChaptGPT e outras inteligências artificiais:* práticas educativas na cibercultura. Universidade Federal do Maranhão. São Luís: EDUFMA, v. 2, 2024.

Trata-se de uma obra fundamental para se compreender o impacto das inteligências artificiais - IAs, no campo educacional, em um contexto marcado pelo desenvolvimento e expansão das tecnologias e pela transformação dos modos de '*aprenderensinar*'.

Santos, Edméa; Chagas, Alexandre; Bottentuit Jr., João Batista. *ChatGPT e educação na cibercultura: f*undamentos e primeiras aproximações com inteligência artificial**.** EDUFMA, 2024.



Nesse livro, os autores discutem a integração da inteligência artificial (IA) no campo da educação, com foco especial no uso do ChatGPT.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Wallace Carriço de. *Fact-checking education*: identificação, produção e combate de narrativas nas redes. Tese (Doutorado). Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Curso de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares, 2022.

ALVES, Nilda. *Trajetórias e redes na formação de professores*. Rio de Janeiro: DP&A, 1998.

ALVES, Nilda. Decifrando o pergaminho: os cotidianos das escolas nas lógicas das redes cotidianas. In: OLIVEIRA, Inês; ALVES, Nilda (orgs.). *Pesquisa nos/dos/com os cotidianos das escolas.* Petrópolis: DP et Alii, 2008, p. 15-38.

ALVES, Nilda. **Políticas e cotidianos em redes educativas e em escolas**. XVI ENDIPE - ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICAS DE ENSINO. Campinas, Unicamp, 2012.

ALVES, Nilda; GARCIA, Regina Lucídio. A necessidade da orientação coletiva nos estudos sobre cotidiano: duas experiências. In: BIANCHETTI, Lucídio.; MACHADO, Ana Maria N. (orgs.). *A bússola do escrever*. São Paulo: Cortez; Florianópolis: UFSC, 2002. p. 255-296.

AMARAL, Mirian Maia do (org.). *Programa e texto da disciplina Metodologia Científica* FGV: Petrobras, 2015.

AMARAL, Mirian Maia do. *Autorias docente e discente: pilares de sustentabilidade na produção textual e imagética em redes educativas presenciais e online***.** Tese (Doutorado). Universidade Estácio de Sá – Rio de Janeiro, 2014. Disponível em: http://portal.estacio.

br/cursos/mestrado-e-doutorado/educa%C3%A7%C3%A3o/dissert a% C 3% A7%C3 %B5es-e-teses/. Acesso em: 09 nov. 2020.

AMARAL, Mirian Maia do; VELOSO, Maristela Midlej Silva de Araújo; ROSSINI, Tatiana Stofella Sodré. A autoria coletiva no contexto da educação em tempos de cibercultura. In: SANTOS, Edméa.; PIMENTEL, Mariano; SAMPAIO, Fábio F. (orgs.). *Informática na Educação:* autoria, linguagens, multiletramentos e inclusão. Porto Alegre: Sociedade Brasileira de Computação, 2019. (Série Informática na Educação - CEIE-SBC, v. 2) Disponível em: https://ieducacao.ceie-br.org/. Acesso em: 14 nov. 2023.

AMARAL Mirian M. do; ROSSINI, Tatiana Tatiana Stofella Sodré.; SANTOS, Edméa. A viralização da educação *online*: a aprendizagem para além da pandemia do novo coronavirus. *Revista Práxis Educacional*. Jul.-set. 2021, v. 17, nº 46, p. 1-22.

ANDRADE, Nívea.; CALDAS, Alexandra; ALVES, Nilda. Os movimentos necessários às pesquisas com os cotidianos: após muitas 'conversas' acerca deles. In: OLIVEIRA, Inês B. de; PEIXOTO, Leonardo F.; SUSSÜKIND, Maria. Luiza. (orgs**).** *Estudos do cotidiano, currículo e formação docente:* questões metodológicas, políticas e epistemológicas. Curitiba: CRV, 2019, p. 19-45.

ARDOINO, Jacques. Abordagem multirreferencial (plural) das situações educativas e formativas. In: BARBOSA, Joaquim. G. (coord.). *Multirreferencialidade nas ciências sociais e na educação.* São Carlos: UFScar, 1998.

AZEVEDO, Joanir Gomes de. A tecitura do conhecimento em redes. In: OLIVEIRA, Inês. B.; ALVES, Nilda (orgs.). *Pesquisa nos/dos/com os cotidianos das escolas*. Petrópolis: DP *et Alii*, 2008, p. 101.

BARBIER, René. *A pesquisa-ação na instituição educativa*.ivro. Zahar, 1992. BARBIER, René. *A pesquisa-ação*. Brasília: Liberlivro, 2007.

BARTHOLO JÚNIOR, Roberto S.; BURSZTYN, Marcelo. Prudência e utopismo: ciência e educação para a sustentabilidade**.** BURSZTYN, Marcelo (org.). *Ciência, ética e sustentabilidade*: desafios ao novo século. 2ª ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: Unesco, 2001, cap. 7, p. 159-188.

BOFF, Leonardo *O despertar da águia:* o dia-bólico e o sim-bólico na construção da realidade. 17ª ed., Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1998.

BRANCO, Aline *A. Formação continuada online de professores de educação física para a inclusão*: forjando uma PEDAGOGIA DESCAPACITISTA. Tese (Doutorado). Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Curso de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares, 2022.

BRUNO, Adriana R. A mediação partilhada em redes sociais rizomáticas: (des) territorialização de possibilidades para a discussão sobre o ser tutor e a tutoria em cursos *online*. In: FONTOURA, Helena A; SILVA, Marco (orgs.). *Práticas pedagógicas, linguagem e mídias desafios à pós-graduação em educação em suas múltiplas dimensões*. Rio de Janeiro: ANPEd Nacional 2011, p. 116-32. Disponível em: http://www.fe.ufrj.br/anpedinha2011 /livro1.html. Acessado em: 02 abr. 2012.

CANEVACCI, Massimo. *Comunicação e cultura híbrida:* mutações antropológicas. São Paulo: Paulus, 2009.

CAPRA, Fritjof. *O ponto de mutação, a ciência, a sociedade e a cultura emergente*. São Paulo: Cultrix, 1992.

CARDOSO, Janaina. *Digital literacies in language education*. Entrevista. Rio de Janeiro: Matraga, mai./ag. 2019, v. 26, nº 47, p. 462-469. Disponível em: https://mail.google.com/mail/u/0/#inbox?pro jector=1. Acesso em: 30 jul. 2021.

CAROLEI, Paula; TORI, Romero. Gamificação aumentada: explorando a realidade aumentada em atividades lúdicas de aprendizagem. *Revista Digital de Tecnologias Cognitivas*, jan-jun., 9, 14-35, 2014.

CARRIÓN, Jorge. *Lo viral.* Barcelona: Galaxia Gutenberg, S .L., 2020.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*: artes de fazer**.** 20ª ed. Trad. de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 2013.

CHIMAMANDA, Adichie Ngozi. *Para educar crianças feministas*: um manifesto. Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

COLACIQUE, Rachel C. *Visualidades surdas na cibercultura: aprendizagens em rede* Tese (Doutorado). Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Educação, UERJ, 2018.

D' ÁVILA, Carina Nascimento. *Geração tombamento e seus olhares*: uma pesquisa- formação com fotografia digital na cibercultura. Dissertação (Mestrado). Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Educação, UERJ, 2018.

DELEUZE, Gilles. *Conversações*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

DUDENEY, Gavin.; HOCKLY, Nicky; PEGRUM, Mark. *Letramentos digitais*. São Paulo: Parábola Editorial, 2016.

FLEURY, Afonso; FLEURY, Maria Tereza Leme. *Estratégias empresariais e formação de competências*: um quebra-cabeça caleidoscópio da indústria brasileira. São Paulo: Atlas, 2000.

FREIRE, Paulo. *Educação e mudança*. [*online*]. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 2013.

FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. 45ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2019a.

FREIRE, Paulo. *À sombra desta mangueira*. Organização e notas: Ana Maria Araújo Freire. 12. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2019b.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia:* saberes necessários à prática educativa. 45ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2020.

FREIRE-FILHO, João. *Reinvenções da resistência juvenil*: os estudos culturais e as micropolíticas do cotidiano. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

GOLDEMBERG, Mirian. *A arte de pesquisar*: como fazer pesquisa qualitativa. 14ª ed. Record, 2015.

HOLANDA, Ana. *Como se encontrar na escrita*: o caminho para despertar a escrita afetuosa em você. Bicicleta Amarela. eBook Kindle, 2018.

JENKINS, Henry. *Convergence culture:* where old and new media collide. New York: New York University Press, 2006.

JOSSO, Marie-Christine. *Experiências de vida e formação*. 2ª ed. Natal, RN: EDUFRN, 2004; São Paulo: Paulus, 2010.

KELLNER, Douglas; SHARE, Jeff. Educação para a leitura crítica da mídia, democracia radical e a reconstrução da educação. *Educação e Sociedade*. Campinas, out. 2008, v. 29, nº 104, p. 687-715.

KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação:* episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019

LAPASSADE, Georges. Da multirreferencialidade como "bricolagem". In: BARBOSA, Joaquim G. (coord.).

Multirreferencialidade nas ciências e na educação. São Carlos: EdUFSCar, 1998.

LÈVY, Pierre. *Cibercultura.* Trad. Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1999.

MADDALENA, Tania Lucía. *Digital storytelling:* uma experiência de pesquisa- formação na cibercultura. Tese (Doutorado). Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Educação, UERJ, 2018.

MACEDO, Roberto Sidney. *A Etnopesquisa crítica e multirreferencial nas ciências humanas e na educação.* Salvador: EDUFBA, 2000.

MACEDO, Roberto S. *Compreender/mediar a formação:* o fundante da educação. Brasília: Líber Livros, 2010.

MACEDO, Roberto S. *A pesquisa como heurística, ato de currículo e formação universitária:* experiências transingulares com o método em ciências da educação. Campinas, SP: Pontes Editores, 2020.

MACEDO, Roberto S.; MACEDO, Silvia M. Currículo: implicações conceituais. In: RAMAL, Andrea; SANTOS, Edméa (orgs.). *Currículos:* teorias e práticas. Série Educação, Rio de Janeiro: LCT, 2012.

MCGONIGAL, Jane *Realidade em jogo:* por que os games nos tornam melhores e como eles podem mudar o mundo. Rio de Janeiro: Best Seller, 2012.

MARTI, Frieda Maria. A *educação museal online*: uma ciberpesquisa-formação na/com a Seção de Assistência ao Ensino (SAE) do Museu Nacional/UFRJ. Tese (Doutorado). Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Educação, UERJ, 2021.

MONTEIRO DE CASTRO, Luís Henrique; SANTOS, Rosemary dos. Ambiências formativas em tempo de novas educações. *Revista Interinstitucional Artes de Educar*. Rio de Janeiro, nº especial, jun. /out. 2020, v. 6, p. 379-397.

MORIN, Edgar. *A cabeça bem-feita*: repensar a reforma, reformar o pensamento. Trad. Eloá Jacobina. – 8ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

MORIN, Edgar. *Ciência com consciência*. Trad. de D. Alexandre e Maria Alice Sampaio Dória. 8ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

NAVES, Doracino. *10 Escritores revelam como é o seu processo de escrever.* 30 nov. 2015, p. 2. Disponível em: https://www.portalraizes.com/ 10escritorescomoescrever/. Acesso em: 06 set. 2021.

OLIVEIRA, Inês B. de. O campo de estudos do cotidiano e sua contribuição para a pesquisa em educação. In: SCHWARTZ, Cleonara Maria [et al.] (orgs.). *Desafios da educação básica e pesquisa em educação*. Vitória: EDUFES, 2007, p. 107-27.

OLIVEIRA, Inês B. de O currículo no cotidiano escolar: conversa com Corinta Geraldi e Regina Leite Garcia. *Currículo sem fronteiras.* Jul./dez 2007, v. 7, n. 2, p.112-130. Disponível em: www.curriculosemfronteiras.org/vol7iss2articles/oliveira-entrevista.pdf. Acesso em: 05 jun.2014.

PÁDUA, Elisabete M. O trabalho monográfico como iniciação à pesquisa. In: CARVALHO, Maria Cecília M. (org.). *Construindo o saber:* técnicas de metodologia científica. Campinas: Papirus, 1988.

PIMENTEL, Mariano; CARVALHO, Felipe da Silva Ponte. Princípios da educação *online*: para sua aula não ficar massiva nem maçante! *SBC Horizontes*. Maio 2020. Disponível em: http://horiz

ontes.sbc.org.br/index.php/2020/05/23/principios-educacao-online. Acesso em: 10 nov. 2023.

PINEAU, Gaston. A autoformação no decurso da vida: entre hetero e a ecoformação. In*:* NÓVOA, António; FINGER, Matthias (orgs.). *O método (auto)biográfico e a formação*. Lisboa: Ministério da Saúde, 1988, p. 65-77.

PRETTO, Nelson de Luca. *O professor como ativista... e hacker.* 2010. Disponível em: http://softwarelivre.org/fislcolab/blog/o-professor-como-ativista...-e-hacker. Acessado em: 09 out. 2025.

QUÉAU, Pierre. A revolução da informação: em busca do bem comum. *Ciência da Informação*. Brasília, mai.-ago./1998, v.27, nº 2, p. 198-205.

RIBEIRO, Mayra Rodrigues Fernandes. *A sala de aula no contexto da cibercultura*: formação docente e discente em atos de currículo. Tese (Doutorado). Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Educação, UERJ, 2015.

RÜDIGER, Francisco. A síndrome de Cândido: a tecnoutopia liberal humanista de Pierre Lévy. In: RÜDIGER, Francisco (org.) *As teorias da cibercultura*: perspectivas, questões e autores. Porto Alegre: Sulina (Coleção Cibercultura), 2011, p. 160-70.

SANTAELLA, Lúcia. *Cultura e artes do pós-humano:* da cultura das mídias à cibercultura. 4ª ed. São Paulo: Paulus, 2010.

SANTAELLA, Lúcia. A pós-verdade é verdadeira ou falsa? In: CYPRIANO, F. (org.). *A pós verdade é verdadeira ou falsa?* [recurso eletrônico]. Barueri, SP: Estação das Letras e Cores, 2018.

SANTAELLA, Lúcia. *Cultura e artes do pós-humano: da cultura das mídias à cibercultura*. 4ª ed. São Paulo: Paulus, 2010.

SANTOS, Edméa. Articulação de saberes na EAD *online*: por uma rede interdisciplinar e interativa de conhecimentos em ambientes virtuais de aprendizagem. In: SILVA, Marco (org.). *Educação online.* São Paulo: Loyola, 2003.

SANTOS, Edméa. *Educação online*: cibercultura e pesquisa-formação na prática docente. Tese. Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Educação. 2005.

SANTOS, Edméa. Educação *online* como campo de pesquisa-formação: potencialidades das interfaces digitais. In: SANTOS, Edmea; ALVES, Lynn (org.). *Práticas pedagógicas e tecnologias digitais*. Rio de Janeiro: E-papers, 2006, p. 123-142.

SANTOS, Edméa. *Educação online para além da EAD*: um fenômeno da cibercultura. **Anais.** Congresso internacional galego-português de psicopedagogia. Universidade do Minho, Braga, Portugal, 2009, p. 5658-5671. Disponíivelem:https://www. educacion.udc.es/grupos/gipdae/documentos/congreso/Xcongreso/ pdfs/t12/ t12c427.pdf. Acesso em: 10 nov. 2023.

SANTOS, Edméa. *Pesquisa-formação na cibercultura***.** Portugal: Whitebooks, 2014.

SANTOS, Edméa. *Pesquisa-formação na cibercultura*. [E-book]. Teresina: EDUFPI, 2019.

SANTOS, Edméa. O ensino híbrido como "a bola da vez".Vamos redesenhar nossas salas de aula no pós-pandemia? Notícias, *Revista Docência e Cibercultura*, junho de 2021 [*online].* Disponível em: https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/re- doc/announce ment/view/1289. Acesso em: 06 nov. 2023.

SANTOS, Rosemary dos. *Formação de formadores e educação superior na cibercultura*: itinerâncias de grupos de pesquisa no Facebook Tese (Doutorado). Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Educação, UERJ, 2015.

SILVA, Alexsandra Barbosa da. *Docência online*: uma pesquisa-formação na cibercultura. Dissertação (Mestrado). Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Educação, UERJ, 2018.

SILVA, Marco. *Sala de aula interativa*. 3ª ed. São Paulo: Loyola, 2002.

SILVA, Marco. Criar e professorar um curso *online*: relato de uma experiência. In: SILVA, Marco. (org.). *Educação online.* São Paulo: Loyola, 2003.

SILVA, Marco. Interatividade na educação híbrida. In: PIMENTEL, Mariano; SANTOS, Edméa; SAMPAIO, Fábio F. (orgs.). *Informática na educação*: interatividade, metodologias e redes. Porto Alegre: Sociedade Brasileira de Computação (Série Informática na Educação -CEIE-SBC v.3), 2021.

TRANCOSO, Michelle Viana *Educação feminista e antirracista na cibercultura*: um mapa de narrativas, conflitos e desconstruções Dissertação (Mestrado). Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Educação, UERJ, 2020.

WARSCHAUER, Cecília. *Entre na roda*: a formação humana nas escolas e nas organizações. São Paulo: Paz & Terra, 2017.

COMO CITAR ESTA OBRA

AMARAL, Mirian Maia do. **A ciberpesquisa em educação: a**utorias e inspirações teórico-metodológicas do GPDOC - Grupo de Pesquisa Docência e Cibercultura. 2ª ed. São Carlos: Pedro & João Editores, 2025, 217p.. ISBN: S978-65-265-2328-5 [Impresso]; 978-65-265-2329-2 [Digital].

APÊNDICES

Apêndice A - Mestrado/UERJ

Quadro 1 - Dissertações

ORIENTAN-DO	TÍTULO	OBJETIVO	ANO	LINK
ROSEMARY DOS SANTOS	A tessitura do conhecimento via mídias sociais: itinerâncias de uma pesquisa-formação multirreferencial	Compreender como os professores vêm utilizando as mídias digitais em rede na formação, na escola, nas universidades e no ciberespaço	2011	http://www.proped.pro.br/teses/teses_pdf/2010_1-505-
ALINE ANDRADE WEBER NUNES DA ROCHA	Educação e cibercultura: narrativas de mobilidade ubíqua	Compreender em que medida, a mobilidade dada pelas redes telemáticas sem fio podem ser utilizadas dentro de um contexto educativo, entendendo que esse contexto se dádentrofora da universidade, nos diversos espaçostempos da cidade	2012	https://www.proped.pro.br/teses/teses_pdf/2011_1-763-ME.pdf
VALÉRIA DE OLIVEIRA SILVA	Acessibilidade e Formação docente: Inclusão de estudantes com deficiência visual em cursos superiores online e na cibercultura	Possibilitar o acesso ao ciberespaço,aos estudantes com deficiência visual total, a partir da utilização de leitores de tela no contexto da educação universitária	2013	Não disponibilizado
CRISTIANE MARCELINO	Informática na educação no ensino superior em EAD para o currículo em educação online	Verificar como se pode construir autorias colaborativas em que todos os praticantes envolvidos possam efetivamente tecer conhecimento em rede e como a autoria e autoria podem colaborar no processo de construção do currículo	2014	http://www.proped.pro.br/teses/teses_pdf/2010_1-670-ME.pdf

FELIPE DA SILVA PONTE CARVALHO	Atos de currículo na educação online	Compreender de que forma os atos de currículo colaborar na tecitura do conhecimento em rede na disciplina Informáticana Educação num curso de Pedagogia a distância	2016	http://www.proped.pro.br/teses/teses_pdf/2013_2-1195-ME.pdf
CARINA NASCIMENTO D'AVILA	Geração tombamento e seus olhares: uma pesquisa-formação com fotograafia digital na cibercultura	Compreender como a mediação de usos da fotografia digital pode potencializar a autoria de jovens na cibercultura	2016	http://www.proped.pro.br/teses/teses_pdf/2014_1-1259-2014_1-1259-ME.pdf
VIVIAN MARTINS LOPES DE SOUZA	Os cibervídeos na educação online: uma pesquisa-formação na cibercultura	Compreender como os vídeos vêm se materializando e circulnado no ciberespaço, mais especificamente, na educação online, desenvolvendo em contexto de pesquisa-form práticas de produção de gêneros de cibervídeosação na cibercultura	2016	http://www.proped.pro.br/teses/teses_pdf/2016_1-1576-ME.pdf
WALLACE CARRIÇO DE ALMEIDA	Atos de currículo na perspectiva do app´learnig	Compreender como como mobilizar Atos de Currículo no âmbito da disciplina Informática na Educação, do curso de Pedagogia a distância da UERJ, em parceria com a Fundação Centro de Ciências e Educação Superior a Distância do Estado do Rio de Janeiro (Cecierj)/ Consórcio CEDERJ.	2018	hhttp://www.proped.pro.br/teses/teses_pdf/15090720166_1-1553-ME.pdf
ALICE MARIA FIGUEIRA REIS DA COSTA	Eventos científicos online: um fenômeno da educaçao na cibercultura	Colaborar para o estudo do fenômeno eventos científicos online, como substrato da cibercultura no campo da Ciência em Educação.	2018	http://www.proped.pro.br/teses/tese_pdf/2010_2-752-ME.pdf
ALEXSANDRA BARBOSA DA SILVA	Docência online: uma pesquisa- formação na cibercultura	Compreender os limites e possiblidades da EOL no contexto de formação de professores para a docência online.	2018	http://www.proped.pro.br/teses/teses_pdf/1827202011_2- 942-ME.pdf

Apêndice B - Doutorado/UERJ

Quadro 2 – Teses

ORIENTANDO	TÍTULO	OBJETIVO	ANO	LINK
TATIANA SODRÉ ROSSINI	Pesquisa-design formação: uma proposta metodológica para produção de recursos educacionais abertos	Desenvolver um dispositivo metodológico como ato de currículo que atualiza a pesquisa-formação para design de situações de ensino-aprendizagem e de artefatos que contemplem a autoria dos praticantes.	2015	http://www.proped.pro.br/teses/teses_pdf/2012_1-969- DO.pdf
ROSEMARY DOS SANTOS	Formação de formadores e educação superior na cibercultura	Compreender a formação do formador no contexto da cibercultura e como estes vêm estruturando sua formação na docência universitária	2015	http://www.proped.pro.br/teses/teses_pdf/2010_1-505-DO.pdf
MAYRA RODRIGUES FERNANDES RIBEIRO	Sala de aula no contexto da cibercultura e formação docente e discente em atos de currículo	Construir atos de currículo utilizando as potencialidades dos ambientes virtuais, das redes sociais e da internet para ressignificar o a prender/ensinar situado nas vivênciasdos praticantes culturais dentro/forada universidade.	2015	http://www.proped.pro.br/teses/teses_pdf/2013_1-1113-DO.pdf
TANIA LUCÍA MADDALENA	Digital storytelling: uma experiência de pesquisa-formação na cibercultura	Compreender como a contação de histórias digitais pode potencializar as narrativas de si dos professores em formação.	018	http://www.proped.pro.br/teses/teses_pdf/1721342013_1- 1125-DO.pdf
JOELMA FABIANE FERREIRA ALMEIDA	Ocupar na cibercultura: o ciberativismo discentedocente como ato de currículo de uma formção em movimento	Compreender como formamese formam os docentes ediscentesao v iverem experiências mediadaspelos usos de artefatos tecnológicos digitais em rede, no contexto de greve e ocupação como atos de currículona cibercultura.	2018	http://www.proped.pro.br/teses/teses_pdf/2016_1-1585- DO.pdf
RACHEL CAPUCHO COLACIQUE	Visualidades surdas na cibercultura: aprendizagens em rede	Investigar o papel preponderante das visualidades para a aprendizagem das pessoas surdas, nos	2018	http://www.proped.pro.br/teses/teses_pdf/1739142009_1- 560-DO.pdf

		diferentes espaçostempos educativos,na imbricação ibercultura/cidade		
FRIEDA MARIAMARTI	A educação museal online: uma ciberpesquisa-formação na/com a Seção de Assistência ao Ensino (SAE) do Museu Nacional UFRJ	Compreender a educação museal na/com a cibercultura, a partir sas experiâncias cotidianas nas/com a s redes da Seção de Assistência ao Ensino (SAE) do Museu Nacional	2021	http://www.proped.pro.br/teses/teses_pdf/2011_2-905DO.pdf
VIVIAN MARTINS DE SOUZA	App-teaching: por uma pedagogia da hipermobilidade	Compreender, em contexto de pequisa-formação na cibercultura, como docentes criam práticas pedagógicas na relação cidade-escola-ciberespaço,possibilitando o desenvolvimento de ums pedagogia da hipermobilidade.	2021	http://www.proped.pro.br/teses/teses_pdf/2016_1-1576-DO.pdf

Apêndice C - Pós-doutorado/UERJ

Quadro 3 - Relatórios de pesquisa

ORIENTANDO	TÍTULO	OBJETIVO	ANO	LINK
MIRIAN MAIA DO AMARAL	Cinema como dispositivo potencializad or de currículos multirreferencial	Compreender de que forma o cinema, com sua linguagem imagética, podeser tilizado para potencializar currículose esquisas multireferenciais, nos diferentes ' *espaçostempos*' de aprendizagem	2015-2016	AMARAL, Mirian M.; SANTOS, Rosemary dos; SANTOS, Edméa. Revista Pro-Posições. Campinas, 2022, v. 33, p. I e20190124. Disponível em: https://www.scielo.br/j/pp/a/nJY74K4SXqpTSJ7Cnjgfkst/. Versões em Português e Inglês. Acesso em: 25 nov. 2023. AMARAL, Mirian M.; SANTOS, Edméa; SANTOS, Rosemary dos. Culturas cotidianas na inter-relação da cidade com a Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ à luz do documentário lixo extraordinário Revista *e-Curriculum.* São Paulo, abr./jun. 2019 v. 17, nº.2, p. 592-615.Disponívelem: https://revistas.pucsp.br/curriculum/article/view/34110. Acesso em: 12 nov. 2023. AMARAL, Mirian M. MADDALENA, Tania Lucía. Diversidade cultural, alteridade e vida: o cinema para pensar atos de currículo nos *'espaçotempos'* de aprendizagem. RIAEE – Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação. Araraquara, abr./jun. 2020, v. 15, nª 2, p. 650-666, abr./jun. 2020, nas versões em Português e Espanhol. Disponível em: https://periodicos.fclar.unesp.br/ iberoamericana/ article/view/ 12544. Acesso em: 25 nov. 2023.

CRISTIANE DE MAGALHÃES PORTO	O livro além do pdf: por uma interação mútua e redimensionada	Propor a criação de um livro que esteja além do PDF e que, ofereça uma nteratividade mútua e redimensionada para em especial, a área de Educação	2017	PORTO, Criatiane; SANTOS, Edméa (orgs.) *O livro na cibercultura* [e- book]. Santos (SP): Universitária Leopoldianum, 2019. Disponível em: https://www.unisantos.br/wp-ontent/uploads/2019/11/Cibercultura.pdf . Acesso em: 29 nov. 2023.
SIMONE LUCENA	Tecnologias digitais e software social na era da mobilidade: potencialidad es para a formação de pesquisadores em contextos online em programa de pós- graduação	Investigar as otencialidadedastecnologias digitais e software sociais na era da mobilidade para aformaçãode p esquisadores no contexto online no Programa de Pós-graduação em Educação (Proped/UERJ).	2017-2018	LUCENA, Simone; SANTOS, Edméa. APP-diário na formação de pesquisadores em programa de pós-graduação em educação. *Revista Educação Unisinos*. (Out.-dez. 2019. Dossiê Educação em Contextos Híbridose Multimodais. Disponívelem: https://revistas.unisinos.br/index.php/educacao/article/view/edu.2019.23. 4.04. Acesso em: 29 nov. 2023. LUCENA, Simone. Da televisão analógica aos canais do *YouTube* na *Internet*: outras formas de produzir e compartilhar. *Revista Docência e Cibercultura*, 2018, v. 2, p. 31-50. Disponível em: https://www.e-publicacoes.uerj.br/re-doc/article/view/32529/ LUCENA, Simone. Da televisão ao *app-learning*: as potencialidades para a educação. X SIMPÓSIO NACIONAL DA ABCIBER - CONECTIVIDADE, HIBRIDAÇÃO E ECOLOGIA DAS REDES DIGITAIS. 14 a 16 de Dezembro de 2017. Anais Disponível em: http://www.abciber.org.br/anais-abciber-2017.pdf. Acesso em: 29 nov.

Apêndice D - Mestrado – GPDOC/UFRRJ

Quadro 4 – Dissertação

ORIENTANDO	TÍTULO	OBJETIVO	ANO	LINK
FERNANDA MONZATO	A formação de professores e o pensamento computacional como atos de currículo plugados e desplugados	Compreender como os professores podem mobilizar o pensamento computacional com atos de currículo plugados e desplugados	2022	https://tede.ufrrj.br/jspui/bitstream/jspui/688%20Fernanda%20Monzato%20Machado%20de%20Jesus.Pdf
FÁBIO CORADINI	Currículo ciberQueer.autorias LGBTQIA+ na cibercultura	Compreender como a cibercultura e sua relação com as questões de gênero nos propicia entender quem são os corpos queers que se apresentamno ciberespaço, produzem conhecimento por meio de suas autoriase que são capazes de dificultar o currículo, mobilizando saberes no campo da formação	2022	https://tede.ufrrj.br/jspui/bitstream/jspui/6643/2/2022%20-%20F%c3%a1bio%20dos%20Santos%20Coradini.pdf
NATHALIA DE SOUZA FILHO	Docência universitária online e híbrida: a experiência da disciplina teorias e política curricular do curso de pedagogia durante a pandemia de Covid-19.	Compreender as potencialidades da educação online e híbrida na docência universitária.	2023	https://drive.google.com/file/d/1GRie3MEzE6qtcA9QznjaZk_sc3MdKJbD/view
FELIPE MARIANO SOARES	Direito à Cidade Universitária: interacidade, uma ciberpesquisa-formação na "comvivência" pedagógica	Compreender como a produção de ambiências formativas online, com isso escape room e hipermapas, viabiliza mediar a formação cidadã na Cidade Universitária da UFRRJ.	2023	https://profedmeasantos.s3.us-east-2.amazonaws.com/prod/pdfs/Dissertacao_FelipeMarianoSoares.pdf

Apêndice E - Doutorado - GPDOC/UFRRJ

Quadro 5 – Teses

ORIENTANDO	TÍTULO	OBJETIVO	ANO	LINK
ALINE ALVERNAZ	Formação continuada online de professores de educação física para a inclusão	Compreender como se dá a formação continuada de professores de educação física na perspectiva da inclusão na modalidade online	2022	https://https//tede.ufrrj.br/jspui/bitstream/jspui/6762/2/2022%20-%20Aline%20de%20Alvernaz%20Branco%20Ferraz.pdf
WALLACE CARRIÇO DE ALMEIDA	Fact-checking education: identificação, produção e combate de narrativas falsas nas redes	Compreender o contexto da emergência das fake news e suas repercussões na sociedade, inclusive na educação e desenvolver metodologias de ciberpesquisa-formação em tempos de pós-verdade	2022	https://rima.ufrrj.br/jspui/handle/20. 500.14407/15780
SANDRO TAVARES RIBEIRO	Formação de professores formadores: : uma ciberpesquisa-formação na jornada da educação online durante a pandemia dA Covid-19	Compreender em contexto de ciberpesquisa-formação e da pandemia do novo coronavírus, que etnométodos emergiram a partir de experiências formativas de educação online, na formação de professores formadores da SEEDUC RJ	2023	https://drive.google.com/file/d/1CeMKcPf9vHJUMGo0KHMS7xQv4FQdeiOA/view?usp=sharing
JANAÍNA RODRIGUES	Direitos sexuais e reprodutivos e paulo freire: a emergência dos círculos ciberculturais	Compreender como os conhecimentos acerca dos direitos sexuais e reprodutivos são tecidos no cotidiano escolar, a partir de uma relação dialógica com a concepção freireana de educação.	2024	Não disponíbilizada

Apêndice F - Pós-doutorado – GPDOC/UFRRJ

Quadro 6 – Relatórios de pesquisa

PESQUISADORA	TÍTULO	OBJETIVO	ANO	LINK
TEREZINHA FERNANDES MARTINS DE SOUZA	Multiletramento s críticos em processos formativos e práticas Sociais na cibercultura	Compreender rocessos formativos e práticas sociais de docentes, pesquisadores e estudantes com tecnologias digitais em rede analisando-as pela perspectiva social e abordagem crítica dos multiletramentos na cibercultura.		FERNANDES, Terzinha; SANTOS, Edméa; WAGNER, Sara. Ciberfeminismos e cibereducações: narrativas de mulheres durante a pandemia de covid-19. EDUFBA, 2022. Disponível em: https://edufba.ufba.br/livros-publicados/catalogo/ciberfeminismos-e-cibereducacoes- narrativas-de-mulheres-durante-pandemia
MARISTELA MIDLEJ VELOSO	Redes da criação e autoria de docentes universitárias em tempos de cibercultura	Compreenderas concepções e práticas de autoria docente no cotidiano das diferentes redes educativas.	2022	**MIDLEJ**, Maristela; SANTOS, Edméa; SALES, Kathia Marise. O racismo cotidiano: um caso de pesquisa etnográfica na cibercultura. *Periferia*, 2023, v. 15, p. e71243-24. Disponível em: https://www.e-publicacoes.uerj.br/periferia/article/view/71243. Acesso em: 27 nov. 2023 **MIDLEJ**, Maristela. O jornal de pesquisa como dispositivo das redes da criação e autoria de professoras.

				Revista Docência e Educação. REDOC. Disponível em: https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/re-doc/article/view/78335. Acesso em: 27 nov. 2023. SANTOS, Edméa; SALES, Kathia Marise; **MIDLEJ,** Maristela. Portfólios online no desenho didático da pós-graduação stricto sensu. Roteiro,v. 47, p. e30200, 2022, v. 47, p. e30200. Disponível em: https://periodicos.unoesc.edu.br/roteiro/article/view/30200. Acesso em: 27 nov. 2023.
TATIANA ROSSINI	Aeducação online na formação do pesquisador na pós-graduação stricto sensu	Investigar o desenho didático no contexto da educação online na plataforma institucional SIGAA, de duas disciplinas oferecidas pelo curso Contextos contemporâneos e demandas populares do PPGDUC-UFRRJ Tópicos Especiais: Educação e Cibercultura Pesquisa-formação e Currículos online e Produção do conhecimento na contemporaneidade 2022.	2023	**ROSSINI**, Tatiana Stofella Sodré; SANTOS, Edméa; MIDLEJ, Maristela. Educação online na formação do pesquisador na pós- graduação stricto sensu. Revista e-Curriculum, 2023, v. 21, p. e30200. Disponível em: https://periodicos.unoesc.edu.br/roteiro/article/view/30200. Acesso em: 27 nov. 2023.

Apêndice G – Matriz analítica para elaboração do Projeto de Pesquisa

Quadro 5 – Elementos do Projeto

TEMA
PROBLEMÁTICA
PROBLEMA
FORMULAÇÃO DO PROBLEMA DE PESQUISA
FORMULAÇÃO DO OBJETIVO FINAL DO ESTUDO
METODOLOGIA
TÍTULO PROVISÓRIO
PRESSUPOSTOS TEÓRICOS
REFERÊNCIAS

Fonte: elaborado pela autora

Apêndice H - Formulário Mapa semântico

Quadro 6 – Noções subsunçoras



UFRRJ

GpDoC

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO, CONTEXTOS CONTEMPORÂNEOS E DEMANDAS POPULARES

Tópico especial: Noções Subsunçoras
Coordenação: Profa. Edméa Santos

Mapa semântico

Narrativas dos praticantes e ou descrições do campo de pesquisa (notas de campo)	Sentidos, significações, unidades de sentidos, noções subsunçoras	Autores e citações do quadro teórico-metodológico	Citações pertinentes (dos personagens) ou analogias

Fonte: elaborado pela autora

Coletivizando a escrita

Histórias nascem de muitas mãos.
Cada palavra, um eco, cada verso um grão.
Vem do coração de um, do sonho de outro,
Faz-se ponte no tempo, abraço de encontro.

Em linhas que se cruzam, não há dono,
A escrita é rio, fluxo comum, legado pronto.
Aqui não há fronteiras, nem solo solitário,
No papel, somos muitos, em uníssono a criar
Cada um é ponto de luz, a brilhar.

Na dança das palavras, erguemos o altar
Da escrita autoral.
Na arte de escrever, somos todos parte,
Numa só melodia, a escrita coletiva
Se faz ARTE.

(IA, 2024)

Pedro & João Editores
pedroejoaoeditores.com.br
ISBN 978-65-265-2329-2